



**PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM EDUCAÇÃO FÍSICA UPE/UFPE- Mestrado**

Mestranda: Marília Freitas Lacerda

Orientador: Prof. Dr. Marcilio Souza Júnior

**ALÉM DOS QUATRO NADOS:
um mergulho autoetnográfico na dimensão pedagógica do ensino da natação.**

Recife, 2020.



**PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM EDUCAÇÃO FÍSICA UPE/UFPE- Mestrado**

Mestranda: Marília Freitas Lacerda

Orientador: Prof. Dr. Marcilio Souza Júnior

**ALÉM DOS QUATRO NADOS:
mergulho autoetnográfico na dimensão pedagógica do ensino da natação.**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa Associado de Pós-graduação em Educação Física UPE/UFPE como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Cultura, Educação e Movimento Humano

Recife, 2020.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Núcleo de Gestão de Bibliotecas e Documentação - NBID
Universidade de Pernambuco

L131a Lacerda, Marília Freitas

Além dos quatro nados: um mergulho autoetnográfico na dimensão pedagógica do ensino da natação/ Marília Freitas Lacerda; orientador: Marcilio Souza Júnior.-- Recife, 2020.

135 f.

Dissertação (mestrado em Educação Física – Área de Concentração em Cultura, Educação e Movimento Humano) - Universidade de Pernambuco, Campus Santo Amaro, 2020.

1. Natação; ensino da natação; dimensão pedagógica; autoetnografia. I.Souza Junior, Marcilio. II.Universidade de Pernambuco - Campus Santo Amaro - mestrado. III. Título.



PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO FÍSICA UPE/UFPB
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA CURSO DE DOUTORADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

ATA DE SESSÃO PÚBLICA DO EXAME DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Às 09:00, do dia 4 de março de 2020, no(a) Núcleo de Educação à Distância da Universidade de Pernambuco - Nead - UPE, foi realizada a Sessão Pública de Defesa da Dissertação de Mestrado de MARÍLIA FREITAS LACERDA. A Banca foi composta pelos seguintes Professores Doutores: MARCÍLIO BARBOSA MENDONÇA DE SOUZA JÚNIOR (UPE), LÍVIA TENÓRIO BRASILEIRO (UPE) e FABIANO BOSSLE (UFRGS), sob a presidência da Prof.(a) Dr.(a) MARCÍLIO BARBOSA MENDONÇA DE SOUZA JÚNIOR (orientador). A dissertação tem como título: "ALÉM DOS QUATRO NADOS: UM MERGULHO AUTOETNOGRÁFICO NA DIMENSÃO PEDAGÓGICA DO ENSINO DA NATAÇÃO.

”. A abertura dos trabalhos foi efetuada pelo Coordenador (a) Local do Programa Prof.(a) Dr.(a) MARCOS ANDRÉ MOURA DOS SANTOS. Procedeu-se então a apresentação dos membros da Comissão Examinadora, seguida da apresentação da dissertação e, por fim, da arguição pelos membros da Comissão Examinadora. Ao final, a Comissão Examinadora reuniu-se para deliberar sobre o resultado da sessão e decidiu pela **APROVAÇÃO** do candidato. MARÍLIA FREITAS LACERDA faz jus então ao título de **Mestre em Educação Física** desde que cumpra todas as exigências indicadas pelos membros da Comissão Examinadora, estabelecendo-se um prazo de 30 dias para a entrega da versão final da dissertação. Cumpridas as disposições regimentais e normas internas do PAGED UPE/UFPB, às 12:00 foi lavrada e assinada, pela Coordenação Local do Programa e pelos membros da Comissão Examinadora, a presente Ata e a sessão foi encerrada.

Recife, 4 de março de 2020.

MARCOS ANDRÉ MOURA DOS
SANTOS
Coordenador(a) Local

MARCÍLIO BARBOSA MENDONÇA DE
SOUZA JÚNIOR
(UPE)

LÍVIA TENÓRIO BRASILEIRO
(UPE)

FABIANO BOSSLE
(UFRGS)

MARÍLIA FREITAS LACERDA

Universidade de Pernambuco
Rua Arnóbio Marques, 310, Recife – PE - Brasil
CEP: 5010030
Fone: +55 (81) 3183-3373

Universidade Federal da Paraíba
Cidade Universitária - João Pessoa - PB - Brasil
CEP: 58051-900
Fone: +55 (83) 3216-7200

NARRANDO UMA BREVE HISTÓRIA DE VIDA

“Até chegar aqui”

“Você não sabe o quanto eu caminhei para chegar até aqui”

Antes de chegar neste estado passageiro que por ora me denomina uma mestranda, passei por muitos desafios e mesmo pensando em fugir de alguns, nunca desisti. Nunca desisti porque desde criança sabia que Deus tinha preparado algo especial para a minha vida e confesso que naquela realidade acreditava ser o desejo de me tornar uma jogadora de futebol. O contexto social em que vivia, não me oferecia expectativas para desejar outra coisa. Afinal as crianças só conhecem aquilo que é apresentado a elas e infelizmente nem sempre têm a “sorte” que eu tive.

Pois bem, tive uma sorte tremenda em participar de um projeto social o qual oportunizou-me conhecer outras realidades e ainda poder me mostrar jogando futebol. Então eu que era a “melhor jogadora” de futsal numa pequena escola estadual com apenas cinco salas, passei a ser observada jogando na escolhinha de futsal associada ao projeto social ao qual fazia parte.

Eis que se inicia a grande mudança da minha vida (ao menos considero assim) fui convidada para fazer um teste para jogar no time de uma escola privada, uma das melhores em minha localidade na cidade de Paulista. Como me senti? Amedrontada, as questões de diferença social vieram a tona e me fizeram pensar demais antes de aceitar, pensei em não ir. Mas aceitei, fiz o teste e ganhei uma bolsa de estudos, já cheguei em casa com a listinha de documentos que minha avó precisaria levar.

Mudei de escola (por questão de horário), ainda tendo a sorte de mais uma vez ganhar uma bolsa de estudo. Assim como na primeira vez chego em casa já com a “intimação” para minha avó comparecer na nova escola. A princípio contra a minha vontade, mas hoje entendo que fazia parte desse “algo especial” preparado para minha vida. Porque estou dizendo isso? Pois essa já era uma escola maior e sem citar o nome posso dizer que era e é uma das grandes escolas privadas em Olinda. Se tive medo? Muito mais que a primeira, mas nela pude me preparar muito mais para algo que nunca tivera pensado tanto em fazer: o vestibular, não era algo sociocultural na minha realidade. E ainda me trouxe uma amiga que se tornou amiga da vida.

Em 2009 saiu o listão da UPE e eu me torno a primeira pessoa da família a entrar na universidade. Me pergunta se eu acreditei? Não. Estava em cima de um banco na parte externa da escola. Tinha uma multidão de alunos esperando que algumas pessoas que estavam dentro com acesso a internet, pudessem ver o resultado e passar a informação para quem estava fora. Quando uma amiga aparece, aponta para mim e diz que eu passei, cair do banco em prantos, ainda sem acreditar, perguntei se ela tinha certeza e fui logo ligar para minha avó (essa parte eu conto com as algumas lágrimas escorrendo por entre o rosto).

Em 2010 inicio na faculdade, com certos receios, mas sempre enfrentando com o apoio da família e da amiga da vida, que foi um anjo de Deus colocou no meu caminho. Neste ciclo da graduação também dei continuidade ao esporte que me trouxe até aqui. Fiz parte da equipe de futsal feminino da UPE e tenho boas lembranças dos dias de treinos e dos jogos que participávamos. Principalmente das viagens para jogar em Vitória de Santo Antão, apesar de não termos a certeza que ganharíamos a partida, não tínhamos dúvida que os risos (ao menos na ida) eram a garantia de que valia a pena.

Finalizo a primeira etapa da vida acadêmica em 2013.1. Em 2014 inicio a Especialização em Educação Física Escolar e em seguida entro na área para colocar em prática os conhecimentos adquiridos durante o processo.

Nos meus planos eu iria até a especialização e só. Nunca me vi fazendo Mestrado, a meu ver não tinha chances de passar no processo seletivo. Eis que em 2017 surge a oportunidade, mesmo em meio ao medo que me tomava. Decidir tentar. Conseguir passar no inglês, algo que julgava ser impossível, fiz o projeto, levei toda a documentação. Estava confiante até me deparar com o falecimento do meu pai poucos dias antes da prova escrita, foi

difícil manter o foco e me concentrar, mas assim como nas outras ocasiões eu não desistir e o resultado foi a aprovação.

Início as disciplinas do Mestrado com a missão de conciliar o trabalho às aulas. Me vi perdida, tive que montar uma operação-tarefa para conseguir pessoas para me substituir nos dias das aulas. Isso me fez ser ausente no trabalho, mas todos entenderam e me apoiaram muito.

Passado um ano no mestrado, mudo (com o apoio total do meu orientador) o tema da minha pesquisa. Este foi um acontecimento que me deixou muito feliz. Mas mesmo sendo um tema que para mim fosse mais “prazeroso” falar, ainda me perdi no caminho. Me perdi, fugir, pensei que não iria conseguir. Mas as pessoas ao meu redor me impulsionaram a continuar, muitas o faziam sem saber. Outras faziam com consciência e dentre estas cito o meu orientador Marcílio Barbosa Mendonça de Souza Júnior que mesmo com toda a minha falta, nunca me condenou. Ele sempre fazia o contrário, me apoiava incentivando quando eu tinha a certeza que iria tomar um puxão de orelha.

Olhar para trás me deixa feliz, pois mesmo me condenando por poder ter feito melhor, tenho a consciência que dei o melhor em meio a situação que me encontrava, pois mesmo com todas as pedras no caminho, principalmente considerando o processo do mestrado, cheguei até aqui para dizer que sim, me perdi, mas achei e conseguir chegar até aqui.

Por mais que o processo acadêmico seja igual para todos, a jornada da vida, individual, coletiva do “eu” e do “nós” é diferente e como diz a música de legião “temos nosso próprio tempo”

AGRADECIMENTOS

Este é um momento mágico em que externamos nosso sentimento de gratidão a todos aqueles que de alguma forma nos impulsionam continuar.

Pois bem tentarei expressar em palavras aos que direta ou indiretamente estiveram presentes em minha vida neste processo. E até mesmo aqueles que não participaram do processo mas foram responsáveis também por me incentivar a dar o ponta pé inicial.

Agradecer a Deus é o primeiro passo, para mim o mais importante, pois ele é o compositor da música da minha vida, ele dita o ritmo e cada instrumento que será necessário para tocá-la. Minha fé me fortalece todos os dias e me faz crê que esses instrumentos aos quais me refiro são as pessoas que ele coloca no meu caminho, minha família de sangue, minha família de afeto (meus amigos), e os outros instrumentos que talvez não eu denomine de amigos, mas de pessoas de bem que cruzaram o meu caminho e fizeram toda a diferença mostrando um coração bondoso disposto a contribuir para a minha evolução, seja individual ou profissional e acadêmica.

Agradeço, incansavelmente, à minha mãe, Joseli Freitas, que mesmo sem ter tido acesso à escola sempre me apoiou e trabalhou duro para que eu tivesse condições de estudar, proporcionando-me forças para buscar outra realidade. Tenho muito orgulho em ser sua filha, por ti sempre irei lutar. Agradeço igualmente à minha avó paterna, Maria dos Prazeres, pensem numa Maria guerreira, ela se encaixa perfeitamente na música de Milton Nascimento... “Maria Maria é um dom uma eterna magia, uma força que nos alerta”... sim, sua força me alerta, sua força me dar força e me ensina assim como diz a música... “Mas é preciso ter força... é preciso ter raça... é preciso ter gana sempre... quem traz no corpo a marca Maria, Maria Mistura de dor e alegria”... Sim, minha Maria tem tudo isso, ela é Maria do tipo brava, Maria porreta, que não me deixava faltar aula, me levava à igreja, me cobrava às tarefas de casa. Mas também não posso esquecer os prazeres, sim, ela é Maria dos Prazeres, dureza que busca o bem e esse bem se transforma em prazer, tantos prazeres ela me proporcionou, tanto por mim lutou, foi ela quem deu o meu primeiro computador, para que eu pudesse estudar, Oh Maria dos Prazeres agradeço-te contente por tu nunca nos abandonar.

Não posso esquecer de agradecer aos meus irmãos Maely Freitas e Michael Vinícius, que não tiveram a mesma oportunidade que eu, não conheceram a universidade, mas nem por isso deixaram de batalhar todos os dias com honestidade. Eles me proporcionaram o imenso prazer de ser tia, dessa vez não a tia Lila da natação, mas a tia Lila de Lara Eloá e de Matheus Tenório, eles deram outro sentido para minha vida, é um amor diferenciado e bom demais de viver, eles me inspiram a ser mais. Por aqui agradeço à todos os familiares de sangue os quais torceram e torcem sempre para que eu possa alcançar sempre o melhor.

Agradeço a família da minha amiga/irmã Elaine Macieira por me acolherem desde a escola e principalmente durante a faculdade. Podia ter sido diferente, mas vocês fizeram com que eu me sentisse da família também. Thy, agradeço por tantas histórias e aprendizados, nunca vou esquecer as madrugadas acordadas fazendo trabalho (risos). Você sempre acreditou que eu podia ir longe e sempre me mostrou isso, a ti, todo o meu carinho. Nenhuma distancia apaga as verdades que construímos.

Uma pessoa me ensinou que o “não” nós já temos e por isso não podemos desistir diante dos desafios que surgem, essa pessoa está ao meu lado desde a graduação e desde lá me apoia dando conselhos e sempre comemorando minhas conquistas, a você todo o meu afeto e agradecimento, Samara Rúbia.

Agradeço também a Candy, uma amiga que surgiu no trabalho e permaneceu para a vida, sei que muito te ensinei e muito aprendi em meio as bananeiras na piscina, e aos risos que ninguém mais entendia. Agradeço todo o incentivo para que eu chegasse até aqui.

E por falar em pessoas que me apoiam a listinha é grande, agradeço a Nina que mesmo não estando por dentro da minha vida acadêmica, foi (e hoje é mais) fundamental no meu dia-a-dia. Aproveito para agradecer por me permitir conhecer mais Izabela e por juntas sempre orarem por mim. Não tenho dúvidas que na árvore da vida, algumas folhas precisam cair para outras surgirem.

No decorrer dessa trajetória algumas folhas foram se perdendo no caminho e outras surgiram. Na piscina foram muitas folhas que caíram e outras que chegaram. Estas eu quero guardar comigo e mesmo se caírem, guardarei no meu coração. Refiro-me às companheiras de trabalho, as que me ensinaram quando eu não tinha nenhuma experiência com a natação e as que hoje continuam me ensinando e tornando meu trabalho mais feliz, elas são as tias da natação que terminei levando para a vida: Manu, Érika, Karine, Cati, Fernanda Milena, Ray,

Tia Aninha. E todos os outros em que tenho o prazer de dividir a piscina. Vocês me inspiram a sempre fazer o meu melhor, obrigada pela troca de energia boa.

Não posso esquecer de agradecer a quem me deu a oportunidade de atuar na natação, de aprender e me encantar com esse mundo maravilhoso que   a natação infantil, a você todo o meu agradecimento, Tia L . Aproveito para agradecer também a Fernanda Milena por tanto apoio, por acreditar em mim, representando o ETL, sempre foi flexível quando precisei me ausentar do trabalho para focar na disserta o.

Agora volto a adolescência para agradecer a Tia Paula. Ela foi a pessoa que me fez ter a curiosidade de conhecer uma faculdade. Sabe aquela professora que inspira a criança a buscar algo diferente da sua realidade? Ela foi isso para mim.

Aproveito para agradecer a minha grande amiga Janaína que me acolheu na primeira escola em que ganhei bolsa de estudo, em 2006, ela me acolheu de uma forma tão linda, fez com que eu me sentisse bem em um ambiente totalmente diferente do meu contexto, me ajudou nos estudos, com xerox dos livros e ainda inspirava com toda sua dedica o para aprender cada matéria.

Agradeço aos avaliadores da banca, tanto os titulares quanto os suplentes pela compreensão e flexibilidade. Sei que juntos vamos finalizar um trabalho riquíssimo e contribuir para que, através da minha realidade o conhecimento seja transmitido a outros professores e outras reflexões sejam possíveis

Agradeço a todos que fazem parte do Ethn s por todo o conhecimento cosntru do e compartilhado desde a minha gradua o.

Agradeço ao meu orientador Marcílio Souza Júnior por ter aceitado me orientar neste processo. Sou grata por toda compreensão e apoio expressos nas situa es em que me via perdida. Agradeço por ter tido a sorte de ser sua orientanda e poder aprender com você. Admiro o ser humano que você  .

Para finalizar esta maratona de agradecimentos, não posso terminar sem agradecer aos meus peixinhos (os alunos da natação), sei que sem eles não teria Tia Lila na piscina. Por isso sou grata a eles que todos os dias me fazem acreditar que vale a pena ser professora, vale   pena acreditar que a educa o   a base para um futuro melhor.

“Chegar até aqui é o sinal de que cheguei até o fim, mas um fim com sabor de recomeço. Recomeço de um novo ciclo, de novos planos e quem sabe outros caminhos a seguir.

Digo o fim desta escrita e da pesquisa específica. Pesquisa esta que me proporcionou ressignificar a minha própria prática e ainda pensar novas possibilidades. Estas me fazem ter a certeza de que não é o fim, mas apenas um ponto de partida.”

RESUMO

Este estudo trata-se de uma autoetnografia que configura-se como pesquisa do cotidiano de uma certa realidade, é uma análise sistemática da experiência pessoal, a fim de compreender a experiência cultural. Para tal, apresentamos enquanto objetivo analisar como se constitui a dimensão pedagógica no ensino da natação num espaço não escolar, reconhecendo, em minha própria prática, a relação entre os sujeitos envolvidos no processo. Para dar conta de tal objetivo, detalhamos algumas intencionalidades: reconhecer contribuições teóricas sobre o ensino da natação como esporte individual; identificar como é construída a ação pedagógica nas minhas aulas de natação e como se constrói a relação com outros sujeitos neste processo de ensino. Desta maneira, tive a possibilidade de investigar minha própria prática pedagógica em meu ambiente de atuação profissional. Por ter a liberdade de dar sentido às experiências vivenciadas no contexto das aulas através da interpretação da realidade, foi possível utilizar as contribuições da pesquisa qualitativa levando-se em consideração seus pressupostos. E para tornar possível a obtenção dos dados da pesquisa, as informações foram organizadas em registros nos diários de campo. Sendo assim, para concretizar a interpretação das informações obtidas, foi utilizada a análise de conteúdo categorial por temática. Foi possível identificar no que concerne a dimensão pedagógica que minhas aulas são pautadas de estratégias para tornar possível a construção do conhecimento, através músicas, brincadeiras, da afetividade e do diálogo. Estes últimos considero serem fundamentais no processo de ensino aprendizagem, principalmente em minha realidade nas aulas de natação. A psicomotricidade tem grande influencia nos conteúdos vivenciados nas aulas, fazendo com que as temáticas vivenciadas extrapolem a aprendizagem dos quatro nados da natação, focando no aprendizado de forma integral. Sendo assim a dimensão pedagógica nas minhas aulas não foca na técnica, mas proporciona caminhos prazerosos através da ludicidade para proporcionar um aprendizado mais significativo.

Palavras-chave: Natação; ensino da natação; dimensão pedagógica; autoetnografia.

ABSTRACT

This study is a self-ethnography that is configured as a daily research of a certain reality, it is a systematic analysis of personal experience, in order to understand cultural experience. To this end, we present as an objective to analyze how the pedagogical dimension in the teaching of swimming is constituted in a non-school space, recognizing, in my own practice, the relationship between the subjects involved in the process. To achieve this goal, we detail some intentions: to recognize theoretical contributions about teaching swimming as an individual sport; identify how the pedagogical action is built in my swimming lessons and how the relationship with other subjects is built in this teaching process. In this way, I had the possibility to investigate my own pedagogical practice in my professional environment. Because of the freedom to make sense of the experiences lived in the context of the classes through the interpretation of reality, it was possible to use the contributions of qualitative research taking into account their assumptions. And to make it possible to obtain the research data, the information was organized into records in the field diaries. Therefore, to carry out the interpretation of the information obtained, the analysis of categorical content by theme was used. It was possible to identify with regard to the pedagogical dimension that my classes are guided by strategies to make it possible to build knowledge, through music, games, affectivity and dialogue. These last ones I consider to be fundamental in the teaching-learning process, mainly in my reality in the swimming lessons. Psychomotricity has a great influence on the content experienced in classes, making the themes experienced go beyond the learning of the four swimming strokes, focusing on learning in an integral way. Thus, the pedagogical dimension in my classes does not focus on technique, but provides pleasant paths through playfulness to provide a more meaningful learning.

Keywords: Swimming; swimming teaching; pedagogical dimension; autoethnography.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

DBA - Diário de Campo Brincadeiras de Acampamento

DBP - Diário de Campo Brincadeiras de Praia

DCc - Diário de Campo Circo

DCv - Diário de Campo Carnaval

DJB -Diário de Campo Jogos e Brincadeiras

DME- Diário de Campo Mostra Evolutiva

ETHNOS- Grupo de Estudos e Pesquisas Etnográficas em Educação Física e Esportes

PAPGEF-UPE/UFPB- Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física-
Universidade de Pernambuco/ Universidade Federal da Paraíba

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UPE - Universidade de Pernambuco

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 DISTRIBUIÇÃO DAS TEMÁTICAS DE AULAS REGISTRADAS EM DIÁRIOS DE CAMPO	
(D).....	43
QUADRO 2 DESCRIÇÃO DAS TURMAS ACOMPANHADAS NA PESQUISA	44
QUADRO 3 NOMENCLATURA DAS TURMAS NO ETL.....	45
QUADRO 4 REPRESENTAÇÃO DAS CATEGORIAS ANALÍTICAS	47
QUADRO 5 INDICADORES PARA A ANÁLISE DE CONTEÚDO	47
QUADRO 6 ORGANIZAÇÃO DAS CATEGORIAS EMPÍRICAS.....	48
QUADRO 7 MATERIAIS PEDAGÓGICOS ESPECÍFICOS	103
QUADRO 8 MATERIAIS LÚDICOS CONFECCIONADOS PELA EQUIPE	104

SUMÁRIO

1	REFLETINDO JUNTO COM A LITERATURA	21
1.1	Aproximação com a dimensão pedagógica.....	21
1.2	Aspectos do esporte	24
1.3	Aspectos pedagógicos do esporte	27
1.4	Aspectos afetos à Natação	30
2.	CAMINHOS TRILHADOS NA AUTOETNOGRAFIA	36
2.1	A pesquisa qualitativa	36
2.2	A autoetnografia	37
3.	CAMINHOS AUTOETNOGRÁFICOS EM BUSCA DAS INFORMAÇÕES.....	40
3.1	Os registros em diários de campos	42
3.2.1	<i>Categorização das informações</i>	46
3.2.1.1	<i>Categorias analíticas:</i>	47
3.2.1.2	<i>Categorias empíricas</i>	48
4.	O MERGULHO NA AUTOETNOGRAFIA: registros da autonarrativa	50
4.1	<i>O espaço de investigação</i>	50
4.2	<i>Entre bolinhas e bolhões: as relações interpessoais tecidas nas minhas aulas de natação.</i> 55	
4.3	Como é legal lá no fundo do mar, no fundo do mar é só diversão: Brincando no fundo do mar	60
5.	OS PROCESSOS METODOLÓGICOS NO ENSINO DA NATAÇÃO	65
5.1	<i>A construção dos planejamentos nas aulas</i>	65
5.2.1	<i>“A chegada das crianças”</i>	67
5.2.2	<i>As atividades específicas “parte principal”</i>	68
5.3	O diálogo no cotidiano de ensino nas minhas aulas: saber fazer ou fazer sabendo?.....	72

5.4 Os meios que estimulam a participação prazerosa nas aulas de natação: Desafios, contação de história.	75
5.5 A interação entre os conteúdos e as atividades presentes nas aulas de natação: superando a especificidade dos quatro nados	77
5.6 Adaptações necessárias no contexto das aulas	80
5.7 Aliando nomenclaturas lúdicas alternativas para facilitar a aprendizagem dos gestos técnicos dos nados.	83
5.8 Cantando no fundo do mar: as músicas como auxílio para a aprendizagem dos gestos técnicos dos nados	86
6. ELEMENTOS DIDÁTICOS	89
6.1 A interação entre conteúdo e método, objetivo e avaliação.	89
<i>A influência da psicomotricidade na condução das aulas de natação no ETL</i>	89
6.2 Entre flechinhas e bombões o olhar peculiar do professor: Avaliação.....	99
6.3 Os recursos utilizados no dia-a-dia das aulas de natação	102
6.3.1 <i>Materiais pedagógicos específicos para a aprendizagem das habilidades técnicas da natação:</i> 103	
6.3.2 <i>Materiais pedagógicos lúdicos</i>	104
PARA FINALIZAR : TCHAUUUUUUU PISCIINAAAA, ATÉ O PROXIMO MERGULHO	106
REFERÊNCIAS	110
ANEXOS	115
APÊNDICES	121

INTRODUÇÃO

A inquietação de tratar sobre o ensino da natação surgiu a partir das minhas próprias experiências como professora deste esporte individual. Deste modo sigo situando as fases de aproximação e distanciamento da natação até chegar a esta condição de estreita relação vivenciada atualmente. Voltando à minha infância consegui resgatar uma experiência que até então fora esquecida, e se não fosse a oportunidade de escrever este trabalho, talvez não mais teria vindo à tona por trata-se do primeiro contato com esta modalidade. Exponho assim minha aproximação com a natação em três momentos: na adolescência, na formação inicial e numa primeira experiência de trabalho.

O primeiro momento, aos 13 anos de idade recordo que participava de um projeto social e neste vivenciei uma gincana com a natação. Mesmo sem ter feito nenhuma aula anteriormente, saltei e nadei crawl em uma piscina de 25 metros de comprimento. Lembro que fiquei surpresa por conseguir chegar ao outro lado da piscina e ainda por ser abordada pelo professor (que até então só me conhecia jogando futsal) me convidando para participar dos treinos de natação da escolinha. Eu fiquei feliz, pois era um sinal de que eu fiz bem e teria habilidade neste esporte. No entanto só me atrevi a ir aos treinos dois dias e considerei que não teria sucesso com o esporte, achei muito cansativo e monótono. Avalio que esta não foi uma experiência tão positiva, especialmente, pelo fato de só ter lembrado deste episódio com mais ênfase recentemente.

O segundo foi um momento mais acadêmico, já na universidade. Aos 20 anos de idade, participei de uma disciplina obrigatória, no curso de Licenciatura em Educação Física na ESEF-UPE, que, mesmo tendo vivências práticas na piscina, me proporcionou o conhecimento mais conceitual: o histórico da natação, os diferentes estilos dos nados, as regras etc. Mesmo com este momento, minha relação com a natação era apenas para cumprir as formalidades da graduação, pois eu não cogitava/planejava trabalhar no universo do ensino da natação. Talvez o primeiro contato com a natação, por não ter sido uma experiência tão agradável tenha me causado um bloqueio que acarretou no afastamento desta modalidade.

Eis que chego ao terceiro momento que considero o contato profissional, que para mim foi o espaço de maior aprendizagem nesta trajetória, digo isto por avaliar que adquiri o aprendizado prático, no ato de ensinar a natação. Aos 23 anos de idade, tive a oportunidade de

trabalhar em um Espaço de natação, que será aqui denominado como ETL para preservar o anonimato institucional, já que veio a ser o espaço/ambiente desta investigação. Nesta fase foi possível agregar o conhecimento adquirido na universidade ao conhecimento mais prático exigido profissionalmente, unindo a experiência acadêmica à profissional. Assim considero que passei a dar sentido aos elementos que constituem o ensino desta modalidade naquele ambiente pedagógico.

Quando iniciei o trabalho no ETL não tinha experiência com o ensino da natação, por isso não me considerava bem preparada para ensinar os quatro estilos, que convencionalmente se faz no ensino desta prática esportiva.

Assim, quando me dei conta, já estava em uma piscina “florida” de crianças e não sabia muito bem como começar. No entanto esse ambiente pedagógico, se tornara, num espaço de aprendizagens para além dos quatro nados, não só para as crianças como também para nós profissionais que aprendiam na própria atuação. Na verdade, apesar de me cobrar para ministrar as aulas assim que entrei no ETL, eu tive um tempo para aprender com outros professores(as)¹. Porém sentia a necessidade de compreender porque estávamos realizando as atividades de tal forma, como elas eram selecionadas para poder me situar melhor naquele contexto. Ao conhecer melhor o cotidiano e a rotina do ETL passei a compreender todo o contexto e foi possível responder a inquietações que me acompanhavam naquele momento.

Atualmente posso dizer que construí uma maneira própria de dar aula, e hoje sei que vai além de apenas ensinar a nadar, pois não quero que outras crianças tenham a mesma experiência que tive no primeiro contato com a natação.

Foi diante desta experiência pessoal com a natação e a oportunidade neste ambiente pedagógico que, ao ingressar no mestrado, esta pesquisa se materializou. Passei a problematizar um possível objeto de investigação, indo descrever e refletir em um espaço social não escolarizado, considerando-o como um ambiente que proporciona momentos de aprendizagens aos alunos a partir da ação pedagógica do professor.

Assim passou a ser importante identificar como se constrói esta ação pedagógica, e conseqüentemente a relação com os sujeitos envolvidos neste processo.

As inquietações a respeito da dimensão pedagógica nas aulas de natação foram ganhando corpo a partir das leituras, que me permitiram buscar uma relação entre os textos lidos e as aulas de natação. Neste sentido surgiu um grande interesse em identificar **como vem se**

¹ Estes profissionais a que me refiro eram professoras, pois nesta época trabalhavam no ETL apenas mulheres. Porém já faz um tempo que o ETL passou a contratar homens para o seu quadro de profissionais. Por isso irei falar sempre professores(as) para me referir aos profissionais.

construindo a dimensão pedagógica nas minhas aulas de natação em um espaço não escolarizado?

Para tanto objetivou-se analisar como se constitui a dimensão pedagógica no ensino da natação num espaço não escolar, reconhecendo, em minha própria prática, a relação entre os sujeitos envolvidos no processo. E para detalhar esse objetivo delimitamos algumas intencionalidades: reconhecer contribuições teóricas sobre o ensino da natação como esporte individual; identificar como é construída a ação pedagógica nas minhas aulas de natação e como se constrói a relação com outros sujeitos neste processo de ensino.

Este estudo vislumbrou uma aproximação com os pressupostos e procedimentos da pesquisa qualitativa no campo da EF e fundamentou-se no uso de formas de investigação a partir de estudos de tipo autoetnográfico.

Neste sentido, a escolha pela autoetnografia trouxe a possibilidade de investigar minha prática pedagógica no âmbito da natação e assim trazer possíveis contribuições, no que concerne a dimensão pedagógica, para outros profissionais, assim como para a minha própria atuação. Isto porque pude analisar minha própria ação em diferentes ângulos, de fora para dentro e de dentro para fora, isso significa que muitas vezes tive que sair de dentro do meu próprio universo, enquanto professora para poder me analisar e analisar as relações que construo com os outros sujeitos do processo.

O registro de dados foi realizado através da observação participante, diários de campo, da auto narrativa e ainda da análise dos documentos da instituição, que se constituíram nos planos de aula, no planejamento mensal, referente ao mês em que foram realizados os registros nos diários de campo, e as informações contidas no site do ETL. O que tornou possível a realização de uma descrição detalhada das informações, uma descrição densa.

Sendo assim, para concretizar a interpretação das informações obtidas, foi utilizada a análise de conteúdo categorial por temática. Fizemos essa opção por já existir certa familiarização com este procedimento, e por considerar que este dará o suporte necessário para usar uma grande quantidade de informações de forma a organizar sem desviar/se perder no percurso metodológico.

A narrativa deste texto acontece em seis Capítulos, tratando aspectos da dimensão pedagógica no ensino da natação. Para dar conta das intencionalidades da pesquisa, no primeiro capítulo acontece uma aproximação com a literatura dialogando com os objetos de estudo dimensão pedagógica, pedagogia do esporte, aspectos afetos a natação. Seguindo com a dinâmica da escrita, o segundo capítulo trata-se das escolhas metodológicas. No terceiro capítulo que se aproxima muito do anterior, são tratados os caminhos trilhados na busca das

informações, nele explicita-se sobre como as informações foram colhidas. No capítulo quatro é possível mergulhar na autonarrativa que possibilita um contato mais próximo com os dados advindos do local de investigação, sendo possível situá-lo tratando sua origem, metodologia entre outros aspectos presentes no cotidiano cultural. O capítulo cinco traz informações sobre os processos metodológicos existentes nas minhas aulas de natação no espaço de investigação. E no capítulo seis são vislumbramos sobre os elementos didáticos presentes nas aulas de natação.

1 REFLETINDO JUNTO COM A LITERATURA

Nesta reflexão tomou-se como pontos centrais primeiramente as aproximações com processo histórico e caracterização da dimensão pedagógica, demarcando as ideias pedagógicas hegemônicas. No segundo introduziu-se a história do esporte para se chegar a temática da pedagogia do esporte, pensando nos elementos que constituem o ensino do esporte. Dando continuidade, em outro item foi tratado sobre o esporte individual, onde foi possível ressaltar as características e ainda algumas considerações para o seu ensino. E por fim, no quarto momento foram apresentadas as aproximações com o ensino da natação, sendo possível trazer articulações com seu ensino.

1.1 Aproximação com a dimensão pedagógica

É importante dialogar sobre os aspectos que caracterizam a dimensão pedagógica quem muitas vezes se manifesta de forma não muito consciente e planejada na atuação de quem se propõe a ensinar, seja este chamado de professor ou treinador.

Para tratar o processo histórico da pedagogia é importante compreender que “as pedagogias de hoje são, enfim vertentes da pedagogia moderna (GHIRALDELLI JR 1991)”. Ainda segundo este autor, um dos primeiros protagonistas da pedagogia moderna foi Martinho Lutero (1493-1546), ele teceu muitas críticas a pedagogia católica que imperou no período medieval. Mas quem aprofundou os estudos no contexto pedagógico foi Comênio, autor do clássico *Didática Magna: tratado da arte de ensinar tudo a todos* (1630). O livro de Comênio procurava formular métodos de ensino, porém, procurava moldar as atividades educativas espelhando-se no utilitarismo do sistema de produção burguês.

É possível perceber que buscava-se atender aos interesses da burguesia, por isso os métodos de ensino visavam preparar as massas para a eficiência. Porém durante o processo histórico, surgem outros autores que criam pedagogias para superar a pedagogia tradicional.

Segundo Ghiraldelli Jr (1991), no século XIX ocorre a implantação de grandes redes de ensino público e também a pedagogia de Herbart (1776-1841), foi nesse século que Herbart edificou a pedagogia enquanto a Ciência da educação”, nesta não havia sentido falar

de educação sem falar de instrução. Esta pedagogia era elitista, apesar de apresentar bons resultados quando aplicados as amplas massas.

Ghiraldelli Jr (1991), aponta que neste cenário, surge o movimento da pedagogia nova ou da escola nova. Este movimento visava implantar uma educação diferente da ministrada nas escolas oficiais (estatais ou religiosas). A partir deste contexto, surgiu um grande debate educacional no século XX levantado a partir da contraposição entre a pedagogia de Herbart, que passou a ser chamada de pedagogia tradicional e a pedagogia nova de John Dewey (1859-1952). Ghiraldelli Jr (1991) apresenta os passos metodológicos das duas pedagogias, e a partir destes passos é possível identificar as diferenças entre elas. A pedagogia de Herbart:

Segundo os passos de Herbart, uma aula deveria começar com o professor recordando o assunto da aula anterior (preparação). O assunto da aula anterior deveria encaminhar para a necessidade de novos estudos, portanto, introduziria a nova lição (apresentação). Em analogia às resoluções da velha lição, o professor deveria resolver os novos problemas perante os alunos (associação). Em seguida, o professor deveria demonstrar que as formulações e regras aprendidas com a nova lição poderiam servir para outros casos (generalização). Por fim, o professor passaria exercícios de aplicação e verificação da aprendizagem (aplicação) (GHIRALDELLI JR 1991.p, 19)

Os passos da pedagogia nova:

Segundo os passos de Dewey, uma aula deveria começar colocando os alunos livremente “em ação” (atividade). Da atividade dos alunos fatalmente deveriam surgir as dúvidas, as questões, as curiosidades (problema). Para resolver os problemas surgidos, alunos e professor deveriam recorrer à pesquisa (coleta de dados), procurando material nas bibliotecas, etc. Por fim, alunos e professor formulariam possíveis soluções para o problema (hipótese). O último passo consistiria na comprovação das hipóteses através da experimentação. (GHIRALDELLI JR 1991. p, 19).

É possível perceber que estas pedagogias apresentam algumas diferenças, que segundo Ghiraldelli Jr (1991) consiste na relação de “poder” na interação professor aluno, onde a pedagogia tradicional centra-se no professor, que tem o domínio do conteúdo e irá transmiti-lo ao aluno. Esta privilegia o resultado da aprendizagem e geralmente utiliza aulas expositivas. Já a pedagogia nova, centra-se no aluno, onde ele formula o problema e deve resolvê-lo. Ela foca no processo de aprendizagem, valorizando atividades voltadas à dinâmica em grupos e o processo coletivo de ensino aprendizagem.

Diante do histórico apresentado anteriormente é possível encontrar a partir das considerações de Ghiraldelli Jr (1991) a definição de pedagogia, que contribui para

compreender o que se busca, ao tratar neste estudo a dimensão pedagógica. Segundo este autor a pedagogia, originalmente está ligada a condução do saber, preocupa-se com os meios, com as formas e as maneiras de levar o indivíduo ao conhecimento. Esta definição é importante já que neste estudo, o foco é na dimensão pedagógica, ou seja, em como ocorre a construção do conhecimento, como aluno é conduzido ao aprendizado no processo de ensino da natação.

Ghiraldelli Jr (1991) diz ainda que a pedagogia está vinculada aos problemas metodológicos relativos ao **como ensinar, a o que ensinar e, também ao quando ensinar e para quem ensinar.** Segundo ele, estes se consubstanciam em motivações para o educador, sob a luz de uma concepção de mundo que orienta sua pedagogia, procure os instrumentos e as técnicas necessárias para que a prática educativa ocorra com sucesso.

É neste sentido que se considera que a dimensão pedagógica está presente nos diferentes espaços sociais, não se restringindo ao espaço escolar. **Esta relaciona-se à organização do ensino, de como o conteúdo é estruturado, o que se pretende ensinar, para quem ensinar e quais as estratégias para ensinar, estes elementos devem estar presentes no processo de ensino em qualquer âmbito social que se propõem a ensinar algo.** No âmbito da Educação Física é possível identificar uma grande possibilidade de intervenção, e assim diferentes contextos em que a dimensão pedagógica estará presente. Neste contexto a identidade docente é um dos fatores que influenciam neste processo.

Para Paiva et al (2015) a identidade docente se constrói também no exercício da profissão e nas experiências dos sujeitos, sendo a dimensão pedagógica eixo da profissionalização na área da Educação Física, reconhecida no campo da prática pedagógica. Nesta perspectiva, compreende-se que a ação pedagógica também existe nos âmbitos sociais não escolarizados, visto que:

Esta não é exclusividade da educação escolarizada, pois a prática educativa se materializa em diferentes tempos e espaços, portanto, em diferentes instituições sociais, culturais, recreativas, de cuidados corporais em saúde. (PAIVA ET AL, 2015p. 2).

Sendo assim, reconhecendo a existência da ação pedagógica nos diferentes âmbitos sociais, é necessário evidenciar o que caracteriza uma dimensão pedagógica. E isto é possível a partir da compreensão dos elementos presentes explicita ou implicitamente na prática:

*O que determina uma dimensão pedagógica é a articulação entre os elementos constitutivos da prática, presentes na organização de uma aula, que mesmo que o termo mais adequado fosse 'sessão', ali também estariam presentes os **objetivos, conteúdos, procedimentos de ensino, procedimentos avaliativos, locais/materiais**, situados numa determinada teoria de referência (PAIVA ET AL, 2015 p. 8).*

Tendo em vista o que Paiva et al (2015) define como dimensão pedagógica, é possível articular com o que Libâneo (2011) apresenta como o caráter pedagógico da prática educativa, que segundo o autor consiste na ação consciente, intencional e planejada no processo de formação humana, sendo este estruturado a partir de objetivos e meios estabelecidos por critérios socialmente determinados, que indicam o tipo de homem a formar, para qual sociedade, com que propósitos. Pode-se dizer que a dimensão pedagógica constitui o caráter pedagógico de uma prática educativa. Sendo assim, em um ambiente social de ensino, escolarizado ou não, o professor pauta-se dos elementos que constituem uma prática pedagógica, que se traduz quando se tem definidos os objetivos para o ensino, o conteúdo, os procedimentos, o porque este conteúdo vai ser importante na formação dos alunos etc.

Nesta perspectiva a tarefa enquanto pesquisadora e ao mesmo tempo sujeito investigado, foi ir em busca destes elementos que constituem a dimensão pedagógica e estão presentes na prática educativa nas aulas do espaço de natação.

O diálogo com a prática pedagógica do ensino da natação, que é um esporte individual, terá como objeto de reflexões as contribuições e fundamentos da pedagogia do esporte, tendo em vista que esta apresenta através de diferentes autores, os princípios que servem como base para o ensino desta prática corporal.

1.2 Aspectos do esporte

O esporte é um fenômeno social muito discutido por diferentes autores, na busca da compreensão de suas origens, de como e com qual objetivo este era praticado na antiguidade e comovem sendo visto na atualidade.

Neste contexto é válido considerar que para Tubino (1987; 2010), a história dos esportes nas civilizações antigas aponta diversas evidências importantes, apesar dos registros imprecisos. Ele afirma: “civilizações primitivas como a dos chineses, maias, incas, egípcios, japoneses deixaram vestígios de jogos praticados com caráter esportivo, e que permitiram

diversas especulações sobre a verdadeira origem do esporte” (TUBINO, 1987, p. 13), numa relação direta com as sociedades da época.

Neste cenário, de acordo com Diem (apud TUBINO, 2010, p. 20), “a história do esporte é íntima da cultura humana, pois com ela compreendem-se épocas e povos, onde cada época tem o seu esporte e a essência de cada povo nele se reflete”. Segundo Oliveira (2013) essa concepção permite a compreensão da relação entre a organização das práticas corporais e a sua preparação para a guerra, até mesmo de imposição política ou religiosa, tendo ainda o entendimento do esporte como pertencente ao domínio do jogo, sendo o esporte a institucionalização dos jogos, sendo muitas vezes praticados pelas camadas populares.

É possível traduzir que as diversas épocas em que o esporte foi e está sendo vivenciado faz com que diferentes conceitos e significados sejam atribuídos à sua prática, de acordo com as influências da sociedade em meio ao contexto sócio cultural. Desta maneira alguns conceitos ajudam a ter a clareza dessa influência, que pode ser expressa através da relação existente entre a época e as manifestações de prática do esporte nesta.

Betti (1991, p. 24), apresenta a definição de esporte com uma vertente técnica:

O esporte tem sido conceituado como uma ação social institucionalizada, convencionalmente regrada, que se desenvolve com base lúdica, em forma de competição entre duas ou mais partes oponentes ou contra a natureza, cujo objetivo é, através de uma comparação de desempenhos, designar o vencedor ou registrar o recorde; seu resultado é determinado pela habilidade e estratégia do participante, e é para este gratificante tanto intrínseca como extrinsecamente.

Para Vago (1996, p. 9), o esporte como uma prática cultural “incorpora valores sociais, culturais, econômicos e estéticos de uma dada sociedade historicamente organizada, sendo realizado em diferentes espaços sociais e culturalmente apropriado de múltiplas formas”.

Paes (1998, p. 112), por sua vez, assim descreveu o esporte:

O esporte é uma representação simbólica da vida, de natureza educacional, podendo promover no praticante modificações tanto na compreensão de valores como nos costumes e modo de comportamento, interferindo no desenvolvimento individual, aproximando pessoas que tem, neste fenômeno, um meio para estabelecer e manter um melhor relacionamento social.

Tendo em vista as conceituações de esporte apresentadas anteriormente, compreende-se que o mesmo enquanto fenômeno social carrega diversos significados, que são atribuídos aos diferentes contextos sociais. Estes significados partem de uma visão do esporte enquanto vertente mais técnica, passando pela visão de que o esporte é um meio para estimular as interações sociais, até se chegar ao entendimento que este fenômeno é também um instrumento educacional.

Desta forma torna-se importante, compreender que o esporte recebeu diferentes caracterizações durante o seu percurso histórico e passou por um processo de reconceituação. Nesta reconceituação Tubino (2011) e a Lei Pelé nº 9.615/98 (BRASIL, 1998) compreendem e classificam o fenômeno esporte em três diferentes caracterizações ou dimensões: esporte participação, esporte educação, esporte performance. Estas dimensões apresentam diferentes objetivos e estão associadas às diversas formas de manifestações em que o esporte é vivenciado na sociedade.

Neste âmbito Tubino (2011) e Bracht (2011) ao apontarem a reconceituação do esporte, passam a considerá-lo como o esporte moderno, contribuindo para entender sua pluridentidade de sentidos e significados. Segundo Oliveira (2013) estes significados são fundamentais pois influenciam, diretamente, na ação pedagógica do professor ao compreender o esporte ensinado nas aulas de educação física, não por uma visão subsidiada exclusivamente por aspectos de rendimento físico-técnicos, mas para estimular o aluno a uma prática consciente, entendendo o esporte em suas diferentes dimensões. Neste caso, não apenas o esporte nas aulas de educação física, mas também em outros âmbitos, os quais o objetivo não é somente o rendimento físico técnico.

Estas conceituações do fenômeno esporte, contribuem para a compreensão de que o mesmo, por ser praticado em diferentes contextos, deve refletir na resignificação da ação pedagógica dos professores/treinadores para oportunizar uma vivência significativa aos alunos/atletas, respeitando os diferentes contextos e sujeitos que praticam as diferentes modalidades esportivas.

1.3 Aspectos pedagógicos do esporte

A partir do exposto é necessário refletir, a partir da contribuição de diferentes autores, a respeito da pedagogia do esporte, visando qualificar as discussões presentes neste estudo.

Em autores do campo da pedagogia do esporte (DAIUTO, 1991; TANI; BENTO; PETERSEN, 2006) a pedagogia se apresenta como uma ciência que propõe formas de intervenção metodológica e organizativa, nos âmbitos da atividade educativa, implicados na transmissão/assimilação ativa de saberes e modos de ação. Assim, ao pensarmos a pedagogia do esporte, podemos considerar que leva-se em conta as diversas maneiras de abordar este fenômeno social, os métodos de ensino, estratégias metodológicas entre outros.

Isto implica em pensar não apenas no esporte simplesmente como a prática pela prática, mas sim como ação que se traduz em contribuições para a vida dos indivíduos que o vivenciam, ou seja, sujeitos envolvidos em seu contexto, os professores/treinadores, alunos/atletas e suas ações e assimilações, pois:

Os objetivos da pedagogia do esporte estão centrados na pessoa e na sua relação com o ambiente esportivo. Nesse sentido, a pedagogia do esporte se incumbe de apontar princípios norteadores pedagógicos, organizar, planejar, propor, sistematizar, executar, transformar e avaliar procedimentos e métodos de ensino-aprendizagem para que seja possível auxiliar no desenvolvimento integral do ser humano (VANCINI ET AL, 2015, p. 3)

É notório que a pedagogia do esporte traz uma grande valorização do indivíduo que pratica as diversas modalidades esportivas, uma vez que se preocupa com as estratégias metodológicas de ensino, para oportunizar uma vivência qualitativa aos sujeitos. Desta maneira, o conhecimento da pedagogia do esporte contribui para sistematizar e aperfeiçoar o ensino de diferentes modalidades esportivas coletivas e individuais (VANCINI ET AL, 2015).

É neste sentido que a pedagogia do esporte, para Bento (2006) é a ciência responsável por discutir o teor moral da prática esportiva, por construir um plano de elaborações conceituais voltadas para reflexões, conhecimentos e prescrições didáticas e metodológicas, referentes à diversidade de práticas esportivas e a da pedagogia do esporte.

Porém, ainda existe dificuldade em compreender a pedagogia do esporte, ao passo que sua compreensão, por vezes é definida como sinônimo de metodologia, ou quando, é entendida como a ciência do método global de ensino dos esportes.

Para compreender de forma mais objetiva a pedagogia do esporte, Matos (2006) traz uma exemplificação, ao dizer que, separando o termo pedagogia do esporte temos inicialmente a Pedagogia e depois o complemento determinativo – do Esporte. Para a autora, “a utilidade deste reparo vale porque nem toda pedagogia se interessa pela prática desportiva, mas, desde logo, a pedagogia do esporte tem a ver com ação educativa” (MATOS, 2006, p. 159).

Esta é uma contribuição fundamental para o entendimento deste termo, pois facilita a compreensão de que a pedagogia do esporte determina princípios a serem considerados no ensino do esporte, mas não se trata da metodologia em si. Outro exemplo pertinente é dizer que um professor/treinador, pode se utilizar dos mesmos princípios da pedagogia do esporte, aplicando-se em métodos diferentes.

Matos (2006) apresenta outra contribuição importante, pois segundo ela, a pedagogia apresenta um duplo significado:

[...] por um lado significa a práxis pedagógica concreta no e através do desporto, na qual intervém o professor de EF e, por vezes também o treinador; por outro lado, a PE significa uma ciência que é tratada como uma das numerosas disciplinas do cosmos das ciências. Quando falamos em PE temos presente esta dupla aceção (MATOS, 2006, p. 160).

É notório que de um lado temos uma ação educativa (teoria e prática) do professor/treinador e de outro, segundo Ferreira (2009) temos o sentido científico da pedagogia do esporte, responsável por sinalizar e sistematizar conteúdos; investigar e elaborar teorias e ensinamentos que prestem serviço à ação pedagógica, tais como: **selecionar, planejar, organizar e aplicar princípios e planos pedagógicos necessários na mediação do processo de ensino-vivência e aprendizagem de modalidades esportivas**. É possível identificar uma valorização da relação teoria e práxis no universo do duplo sentido da pedagogia do esporte. Neste sentido alguns autores falam que a pedagogia do esporte contribui para o desenvolvimento integral dos indivíduos e ainda para uma prática sistemática de diferentes modalidades esportivas.

[...] a pedagogia do esporte se incumbe de apontar princípios norteadores pedagógicos, organizar, planejar, propor, sistematizar, executar, transformar e avaliar procedimentos e métodos de ensino-aprendizagem para que seja possível auxiliar no desenvolvimento integral do ser humano. Além disso, contribui para que a prática sistemática de diferentes modalidades esportivas (coletivas e/ou individuais) melhore, por variadas razões, o estado de saúde e a qualidade de vida dos praticantes. (TANI; BENTO; PETERSEN, 2006)

Sendo assim, além dos procedimentos citados anteriormente, Machado, Galatti, Paes (2014) consideram que uma das maneiras de contribuir com esta formação dos indivíduos é proporcionar, através do processo de ensino, vivência e aprendizagem das modalidades esportivas, conteúdos centrados nos referenciais técnico-táticos e socioeducativos, apresentados por Paes (1996), englobando aspectos técnicos, táticos, motores, físicos, bem como valores e modos de comportamento, respectivamente.

Os referenciais da pedagogia do esporte influenciam diretamente na ação do professor/treinador, uma vez que é a partir deles que é possível determinar o que é importante ensinar e como abordar o conteúdo, por exemplo, ajuda ao professor a decidir dar ênfase a alguns elementos em detrimento de outros.

O referencial técnico tático segundo Machado, Galatti, Paes, (2014) diz respeito à organização e sistematização pedagógica das modalidades esportivas para a vivência e prática das mesmas, além da escolha metodológica para sua aplicação. Paes (1996) e Paes e Balbino (2005) apontam que o referencial técnico-tático deve buscar responder a três questões: **O que ensinar? Quando ensinar? Como ensinar?** Logo é possível compreender que ele norteia a seleção do conteúdo a ser tratado, as fases em que este deve ser trabalhado (idade adequada para tratar) e como o conteúdo selecionado deve ser tratado metodologicamente.

O referencial socioeducativo traz consigo algumas críticas. Uma vez que os autores Paes e Balbino (2009, p. 75) criticam o reducionismo da pedagogia do esporte às questões metodológicas. Diante disto corroboramos com o autor Galatti (2006) que afirma que, por ser o esporte um fenômeno de múltiplas possibilidades, promove não somente a aprendizagem das questões técnicas e táticas, mas também pode promover e discutir valores.

Santana (2005) destaca a natureza educativa do esporte, apontando para a importância de aulas que estimulem o desenvolvimento da autonomia do aluno e não se restrinjam somente aos aspectos motores. Greco e Benda (2007), por sua vez, enfatizam o papel do professor em estimular o aluno a tomar suas próprias decisões em situações de jogo, com a base pautada pelos princípios éticos, educativos, formativos e de importância ao desenvolvimento do aluno, tratando-o como um todo e não como soma das partes. A partir disso as novas tendências da Pedagogia do Esporte, segundo Machado, Galatti, Paes, (2014) apontam que diversos autores compartilham que o ensinar o esporte deve estar balizado com a formação de cidadãos críticos, autônomos, capazes de produzir, reproduzir e ressignificar a cultura esportiva.

No processo sócioeducativo, Freire (2002) fala da importância de educar pelo esporte, ensinar esporte para todos, ensinar a gostar do esporte entre outros. Neste contexto segundo Machado, Galatti, Paes, (2014) ensinar o esporte e ensinar a gostar do esporte passam por conhecer sua origem, sua história, evolução, personagens e fatos marcantes, o que nos remete à inserção do terceiro pilar dentre os referenciais da Pedagogia do Esporte: o histórico-cultural.

Neste referencial histórico cultural, as críticas apontadas partem da compreensão de que o aluno/atleta, para se tornar um ser crítico, no contexto histórico cultural do esporte, é necessário que, a ele, seja oportunizado o momento de vivência, de aprendizado. Para isso é importante que as aulas/treinos sejam pautadas de forma equilibrada dos três referenciais: no metodológico, no socioeducativo e no histórico cultural (MACHADO et al, 2014). Desta forma, o aluno poderá adquirir condições de atuar de diversas formas no âmbito do esporte, dependendo do seu interesse pessoal e das possibilidades: atleta profissional, treinador, árbitro entre outros.

Considerando os objetivos trilhados para este estudo, que trata-se da compreensão da dimensão pedagógica do ensino da natação em um espaço social não escolarizado, estas contribuições dialogadas anteriormente, servirão para qualificar a investigação, possibilitando uma melhor compreensão dos elementos e sujeitos da pedagogia do esporte. E ainda aproximação entre teoria e prática, que tornará possível analisar os princípios que pautam a prática pedagógica no ensino da natação no espaço de investigação.

1.4 Aspectos afetos à Natação

Por considerar que a investigação realizada no presente trabalho se concretizará no contexto na natação, que se caracteriza entre tantos elementos, como um esporte individual. Torna-se importante, mesmo sendo breve, proporcionar este momento de diálogo sobre o que vem a ser um esporte individual.

Vancini et al (2014) apontam a diversidade de modalidades individuais praticadas em diferentes contextos e cada uma com sua particularidade/especificidade logo, necessitam de processos pedagógicos diferenciados, o que torna difícil realizar uma generalização. Dentre as

mais tradicionais temos o atletismo, o judô, a natação e a ginástica artística (TANI; BENTO 2006).

No que concernem as características das modalidades esportivas individuais, pode-se dizer que elas não exigem ações cooperativas. Além disso, Greco e Benda (1998); Greco (1998) apontam que são centradas em provas, podendo ter um caráter mais previsível das ações motoras dependendo da modalidade, proporcionam pouca interação entre sujeitos, apresentam uma diversidade de perspectivas e contextos e possuem particularidades e especificidades técnicas. Percebemos que as modalidades individuais possuem uma maior peculiaridade quando comparadas as modalidades coletivas.

As modalidades individuais têm foco no rendimento, mas para alcançar a “excelência” estas modalidades dependem da técnica individual, uma vez que exigem capacidades físicas e funcionais específicas que apresentam alto grau de dificuldade. Sendo assim, estas modalidades podem exigir, da mesma maneira, a utilização de implementos específicos (Greco e Benda 1998; Greco 1998). Portanto a atuação do professor é fundamental no processo de ensino aprendizagem dos esportes individuais. Atentamos para o respeito às particularidades de cada modalidade individual, assim como das fases em que os alunos se encontram neste processo. É importante tomar cuidado com a fragmentação de conteúdos, uma vez que o esporte é oferecido de forma desorganizada e sem respeito à evolução necessária ao aprendizado e a especialização esportiva precoce (Greco e Benda 1998; Greco 1998).

Desta forma segundo Vancini et al (2014) cabe aos profissionais de educação física conhecer as ferramentas, a teoria pedagógica associada ao esporte, para serem capazes de identificar e desenvolver todo o potencial das pessoas através do esporte. Neste sentido, após identificar algumas características das modalidades individuais, daremos continuidade ao diálogo, partindo para compreender o universo de uma modalidade individual, assim como o contexto de ensino desta modalidade: a natação.

A natação é uma prática antiga, que desde a pré-história faz parte da vida do ser humano, que por sua vez utilizava-se desta manifestação para recolher alimentos, se proteger dos perigos dentre outras atividades cotidianas realizadas naquele momento histórico (FERNANDES, 2006). Para Reis (1982) a natação pode ser dita como a técnica de deslocar-se na água por intermédio da coordenação metódica de certos movimentos.

Burkhardt e Escobar (1985) preferem considerar a **natação como a habilidade de manter-se na água e locomover-se pela mesma sem tocar no fundo**, podendo ser esta habilidade de nadar, executada sem preencher os **requisitos dos quatro tipos de nados**, mas sempre comprovando a completa ambientação do indivíduo ao meio aquático. Isso significa dizer que para esses dois autores o ato de nadar caracteriza-se pelo domínio do corpo em meio líquido, com o deslocamento e sem o apoio ao solo.

Convergindo com os dois autores acima, Gomes (1995) diz que nadar significa deslocar-se equilibradamente no meio aquático. E ressalta que, dizer que uma pessoa não sabe nadar mesmo ela conseguindo flutuar e locomover-se sem os pés no chão, está errado. Porém diz ainda que o nadar à luz da técnica exige a realização de sequências de movimentos previstas para os nados de crawl, costas, peito ou golfinho, é estabelecido.

Neste contexto vários autores defendem uma concepção de nadar mais complexa e elaborada que acontece a partir da execução do gesto técnico do nado crawl, costas, golfinho e peito. Enquanto outros apresentam e defendem uma concepção mais simples da ação do nadar. Como veremos a seguir, Perez (1986,2010), conceitua a “natação como o ato e/ou efeito de nadar”; e “nadar como uma sucessão de movimentos realizados pelo indivíduo que lhe permitirá deslocar-se ou manter-se sobre ou sob o meio líquido, apoiando-se exclusivamente neste”.Esta última trata-se do entendimento de um nadar mais livre, sem tantos pré-requisitos técnicos.

Assim, o que se percebe é que os autores por vezes, apresentam uma conceituação do ato de nadar de forma divergente, podemos observar que alguns partem do sentido de que o ato de nadar consiste no deslocamento em meio aquático com a utilização sistematizada dos membros inferiores e superiores realizando os movimentos equivalentes aos 4 estilos. Outros partem do sentido de que basta deslocar-se de forma autônoma no meio líquido, sem a ajuda de materiais e sem tocar ao chão, que o indivíduo estará nadando.

Neste íterim é certo que a natação passa por um longo processo a partir do entendimento de que ela não é mais apenas uma atividade natural do cotidiano dos seres humanos, praticada por sobrevivência. Quando nos referimos a natação como atividade natural, concordamos com Gomes (1995) ao dizer que esta modalidade pode ser considerada como tal, ao ser praticada espontaneamente, sem a preocupação com a técnica.

Podemos até dizer que o ato de nadar continua sendo uma atividade natural do cotidiano de muitas pessoas, porém seu objetivo tem sido distinto desde a sua origem. Em vista disso podemos nos debruçar nas contribuições de Elkington (1977), citado por Mansoldo (1986), que salienta a importância da natação ao dizer que, “nos dias de hoje, a natação é vista como um elemento de múltiplos desenvolvimentos como: educação, disciplina, segurança própria, destreza, saúde e recreação”.

É possível identificar que acontece uma resignificação que transforma a natação em uma prática importante de ser oportunizada nos diferentes contextos da sociedade, nos diversos âmbitos educativos seja escolarizado (escola), espaços sociais não escolarizados, espaços de lazer entre outros.

Desse modo, por conter diversos objetivos, sua prática também pode ampliar-se a diversos indivíduos de diferentes contextos da sociedade. Fernandes, (2006) sinaliza que a mesma pode ser praticada por crianças, jovens, e adultos, pois além de ser uma atividade saudável que aumenta a resistência e a força muscular, melhora o condicionamento cardiorrespiratório, também tonifica os músculos e queima calorias com reduzidos riscos de lesões. No entanto entendemos que a natação proporciona, além de benefícios fisiológicos, benefícios psicossociais.

Desta forma, considerando estes diversos elementos de desenvolvimento no cotidiano do processo de ensino da natação, buscamos o entendimento de suas características no que concerne a organização teórico metodológica nos diferentes âmbitos em que a natação está inserida. Neste contexto é fundamental compreendermos os elementos que estão inseridos no processo de ensino da natação.

Chaves et al (2015) diz que o surgimento das aulas de natação e a sua organização por se tratar de um esporte, ampliou-se, significativamente, o interesse em estudos sobre a sistematização do ensino dos nados, o treinamento do nadador, bem como a adaptação do praticante ao meio líquido

Tendo em vista que a natação, enquanto prática esportiva, também foi beneficiada pelos conhecimentos divulgados e ampliados pelas Ciências do Esporte (CE) que se desenvolve e se beneficia pela interdisciplinaridade (TANI et al 2006).

Inicialmente o processo de ensino da natação era pautado por um procedimento de ensino mais técnico, tendo o ensino organizado por etapas. Segundo Lima (2006)

O processo de aprendizagem da natação, comumente era desenvolvido a partir de um modelo mecanicista e detalhista, que visava mais o plano técnico do que o pedagógico devido principalmente ao fato de a aprendizagem ter sido iniciada e supervisionada por técnicos.

De acordo com Tenroller e Merino (2006), Costa e Nascimento (2004), Saad (2002) e Greco e Benda (1998), os métodos tradicionais são caracterizados como um processo intencional de ensino-aprendizagem em que o aluno “aprende para jogar”, priorizando o ensino da técnica por meio da interferência direta do professor nas ações do aluno.

Bidbó e Silva (2016) sinalizam que tradicionalmente, no ensino da natação se destaca a preocupação com a técnica por proporcionar melhor execução dos movimentos que otimizam o deslocamento na água diminuindo o risco de afogamento (BAGGINI, 2008) e possibilitando prazer na prática.

No entanto, este processo pode estar sendo superado, uma vez que, existem contribuições da pedagogia do esporte, fazendo com que os professores utilizem os princípios condicionais estabelecidos pela pedagogia do esporte.

Para Pereira, (1999) a pedagogia mais utilizada, atualmente, nas aulas de natação, lança mão de recursos técnicos específicos, baseados na repetição de movimentos, separação de seqüências, um instrumental que poderia ser classificado como tradicional, com o objetivo de conseguir o domínio do meio líquido, dos movimentos e da aprendizagem, o mais rápido possível. Mas será que focar na repetição proporciona uma aprendizagem de maneira mais rápida?

Com o passar do tempo e o desenvolvimento da natação, surgem novas exigências metodológicas que partem da necessidade de facilitar o processo de ensino da modalidade nos diversos públicos em que estão inseridos e nestes processos, existe o foco em uma aprendizagem significativa onde a criança aprende de forma prazerosa, através de atividades lúdicas que fujam do ensino voltado a repetição.

Diante dos estudos de Caetano e Gonzalez (2013), é possível dizer que a natação tem acompanhado o movimento de adesão às novas abordagens metodológicas visando “adequar o ensino conforme as necessidades de cada aluno, levando em consideração aspectos pedagógicos, assim como a motivação e a individualidade biológica” (CAETANO; GONZALEZ, 2013).

As novas abordagens priorizam o ensino da tática e consideram as experiências vividas pelos alunos e seus interesses (TANI et al, 2012). Esta é uma característica muito importante, pois para que a aprendizagem seja mais significativa, é importante a valorização das experiências dos alunos.

Neste contexto, é importante considerar que as novas tendências metodológicas para o ensino da natação também devem respeitar os interesses dos alunos. As diferentes formas de abordar e direcionar o ensino da natação devem considerar os motivos pelos quais os alunos estão buscando a vivência deste esporte.

2. CAMINHOS TRILHADOS NA AUTOETNOGRAFIA

2.1 A pesquisa qualitativa

Como não poderia ser diferente fiz uso da autoetnografia com um viés da abordagem qualitativa da pesquisa. Esta segundo Chizzotti (2003) é caracterizada como uma pesquisa que tem como objetivo encontrar, a partir da interpretação do pesquisador, o sentido do fenômeno estudado, e interpretar o significado que as pessoas dão a ele. A partir do objeto de pesquisa, o investigador através de seu caráter interpretativo, extrai/descreve diante da realidade pesquisada todo o significado visível ou oculto do seu objeto.

No enfoque deste estudo me aproximei do contexto das minhas próprias aulas de natação no espaço investigado. Talvez pareça redundante falar em me aproximar das minhas próprias aulas, porém esta aproximação obteve um olhar diferente, um olhar investigativo, buscando os elementos que constituem minha prática, avaliando minhas ações e como elas refletiram nas ações dos outros sujeitos deste contexto, para assim, poder analisar a organização/construção do ensino da natação, dando sentido a dimensão pedagógica no ensino deste esporte individual.

Neste contexto é pertinente comungarmos também das contribuições de Silva et al. (2008) que defendem que a pesquisa qualitativa estuda os sujeitos, grupos e sociedades de maneira contextualizada, tendo como finalidade a interpretação dos significados de ações humanas, valores, crenças, mitos construídos culturalmente.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1998, p. 21-22).

Considerando este pensamento compreende-se que a partir da abordagem qualitativa é possível interpretar algo que é muito particular nos diversos ambientes de pesquisa. Sendo assim, no contexto da minha prática não foi diferente. Através de uma interpretação mais estreita e particular, pude compreender minha relação com os outros sujeitos envolvidos neste processo, trazendo à tona os elementos que influenciam minhas ações como professora neste espaço de natação, e compreender como construímos e vivenciamos o aprendizado em um

contexto educativo que, culturalmente, a partir da prática pedagógica, dá sentido e possibilita a concretização da aprendizagem da natação.

A pesquisa qualitativa tem o fim de criar um modelo de entendimento profundo de ligações entre elementos, isto é, de falar de uma ordem que é invisível ao olhar comum. Saliente-se ainda o termo processo, aqui particularmente rico, caracterizando o método qualitativo como aquele que quer entender como o objeto de estudo acontece ou se manifesta; e não aquele que almeja o produto, isto é, os resultados finais matematicamente trabalhados (TURATO, 2005, s. p).

Trazendo para a realidade deste estudo, nos preocupamos na compreensão dos elementos que, construídos neste meio cultural de ensino, fazem com que as relações de ensino aprendizagem sejam vivenciadas.

Considerando o exposto anteriormente, justificamos a escolha por uma pesquisa de abordagem qualitativa, tendo em vista que nesta é possível o investigador buscar os elementos que estão postos implicitamente em determinado meio cultural. Assim a abordagem qualitativa me permitiu, interpretar e dar sentido aos elementos que nunca receberam um olhar metodológico, mas que são riquíssimos na minha realidade no processo de ensino da natação.

2.2 A autoetnografia

Até meados de 2018, passado quase um ano do meu ingresso no mestrado, e conseqüentemente restando apenas um ano para defender minha dissertação, decidi junto ao meu orientador, mudar o contexto da minha pesquisa que era voltada para outra modalidade. Diante da mudança me vi numa expectativa tremenda de poder falar sobre o que faço. Então “deixando de lado” quase tudo o que havia acumulado anteriormente, parti para a autoetnografia.

Estava feliz em falar sobre o ensino da natação, e melhor ainda tendo a possibilidade de explorar e compartilhar o processo de ensino aprendizagem a partir da minha própria prática pedagógica, porém ainda não sabia exatamente como seria possível. Fui apresentada à autoetnografia como um tipo de pesquisa que me daria à liberdade de falar sobre minha prática e isso era tudo o que sabia. Mas será que seria tão simples assim? Simplesmente falar sobre o que faço? Talvez sim. Certamente não.

Entretanto me deparei com inquietações e muitas dúvidas. Percebi que o que parecia simples, se tornaria complexo, considerando que não é um tipo de pesquisa que costuma-se realizar no grupo de pesquisa em que faço parte, que meu orientador nunca realizou antes, e, o que talvez me trouxe mais receio: saber que eu era o principal sujeito neste contexto. Pois “eu pesquisadora”, teria que registrar/avaliar/interpretar as informações que “Eu objeto de estudo/sujeito investigado” teria produzido.

Ao aceitar o desafio, fui buscar alguns conceitos para me aproximar do que vem a ser a autoetnografia, para compreender como é que se faz e tentar trilhar um caminho no contexto autoetnográfico.

Iniciando a tentativa de conceituar e compreender a autoetnografia, me deparei com alguns estudiosos que podem ajudar neste caminho. Segundo Bossle (2008) a autoetnografia é um tipo de pesquisa pensado a partir do interacionismo simbólico da Escola de Chicago dos anos 1930 e 1940 que surge como um tipo de etnografia baseada nas experiências do próprio sujeito. Assim posso dizer que caracteriza-se por um processo de pesquisa em que o investigador tem a liberdade de exprimir sua subjetividade, tendo a possibilidade de expressar tudo o que não é visto externamente, mas vivido e sentido em um determinado grupo sociocultural.

Considerando etimologicamente o sentido da palavra autoetnografia Santos (2017) apresenta a seguinte contribuição:

autoetnografia vem do grego: auto (self = em si mesmo), ethnos (nação = no sentido de um povo ou grupo de pertencimento) e grapho (escrever = a forma de construção da escrita). Assim, já na mera pesquisa da sua origem, a palavra nos remete a um tipo de fazer específico por sua forma de proceder, ou seja, refere-se à maneira de construir um relato (escrever), sobre um **grupo de pertença** (“um povo), a partir de si mesmo (da ótica daquele que escreve). (SANTOS, 2017,p.2018)

Neste contexto, a autoetnografia traduz-se no relato escrito do sentido que o sujeito investigador atribui às práticas vivenciadas em determinado contexto cultural no qual ele também faz parte.

Reed-Danahay (1997) converge com a ideia da autoetnografia a partir da compreensão da importância do “si mesmo” do investigador como elemento fundamental para a construção das informações vividas em determinado grupo social. É uma forma de autonarrativa que, a partir das interpretações do investigador, é capaz de dar sentido aos costumes e vivências no interior de um determinado contexto social.

Para Bossle (2008) na realização da autoetnografia o investigador descreve, reconhece, questiona e interpreta as próprias estruturas e políticas do eu. Trata-se de inquietar-se com aquilo que está implícito na convivência com outros sujeitos. Inquietar-se na busca de dar sentido àquilo que ainda não foi explorado cientificamente.

No percurso autoetnográfico é possível que o investigador mergulhe na análise de sua própria cultura, traduzindo as relações com os protagonistas da mesma, para dar sentido ao que se busca compreender e também aos costumes que estão atrelados ao cotidiano destes indivíduos. Pois o autoetnógrafo é um sujeito que está situado em uma sociedade e em uma cultura em relação aos outros – compartilhada com outros (SPRY, 2001).

Sendo assim, utilizando os pressupostos da autoetnografia, é possível que o investigador, com o intuito de refletir sobre sua própria prática, seja capaz de ressignificar suas ações educativas, podendo atuar como professor/pesquisador, o que permite que ele esteja inserido no universo de duas culturas, porém estas não se separam.

Considerando a importância da relação entre os sentimentos do pesquisador e seu contexto, Ellis (2004) afirma que a autoetnografia refere-se a uma variedade de técnicas de pesquisa e procedimentos associados que pretendem apreender a complexidade social do mundo onde o próprio pesquisador vive, interage e dá sentido a sua cultura e a sua vida. Segundo Bossle (2008) na autoetnografia não se trata apenas da interpretação do que o pesquisador vê ou transcreve, mas de como ele se sente diante do dito e vivido.

Sendo assim a escolha pela autoetnografia se justifica pela possibilidade de o investigador poder avaliar e talvez, dar um novo sentido a sua prática. Para Salomão (2017) “de todos os modos, na autoetnografia fica claro, mais do que em outros desenhos de investigação, a ideia provinda da atividade hermenêutica segundo a qual o sujeito que pesquisa é parte do problema de investigação.”

Neste sentido a escolha pela autoetnografia, leva em consideração que o pesquisador irá investigar sua própria prática pedagógica, em seu ambiente de trabalho, ao lado de outros sujeitos envolvidos no processo de ensino aprendizagem no âmbito da natação. É importante compreender que a autoetnografia mostra-se como um tipo de etnografia que media-se pelas vivências do próprio sujeito em seu contexto social.

Sendo assim, a autoetnografia mostra-se como um tipo de pesquisa mais adequado para este estudo. Tendo em vista que, eu enquanto professora do espaço de natação, e ainda na

posição de pesquisadora, me considero uma parte do todo, e por vezes também o todo. Este todo é o que se busca compreender no âmbito das relações entre os sujeitos e suas particularidades no processo de ensino.

Por manter uma relação mais estreita com o ensino da natação e tendo disponível um espaço riquíssimo com informações que até então não foram exploradas cientificamente, e por considerar as possíveis contribuições que a pesquisa poderá trazer para o público que trabalha com esta temática, optamos pela autoetnografia.

No entanto é importante deixar evidente que esta escolha não se restringe a um universo pessoal, pois se consolidaram por uma relação acadêmica e diante de conhecimentos riquíssimos para a qualificação da prática pedagógica como uma professora que ensina uma modalidade esportiva, tão comum nas práticas educativas de crianças e jovens, especialmente em regiões litorâneas como nossa cidade Recife. Para isso, foi muito pertinente investigar a dinâmica das minhas aulas, o trabalho que realizo no ETL, ao lado de outros profissionais.

3. CAMINHOS AUTOETNOGRÁFICOS EM BUSCA DAS INFORMAÇÕES

Segundo Geertz (1989), no que diz a respeito ao registro etnográfico, afirma a importância deste se constituir em mais do que um conjunto detalhado, minucioso e sequencial de acontecimentos, mas sim se constituir como uma ‘descrição densa’,

Esta imersão permite uma coleta de dados muito mais aproximada de uma realidade vivencial do sujeito, pois ela ocorre durante um processo de participação do pesquisador no movimento sociocultural *in loco*, em que aspectos cognitivos, afetivos, morais e, principalmente, relacionais vão dando sentido ao que se pretende de fato apreender de um determinado grupo, de uma determinada cultura, em que [...] muito mais do que simplesmente falar, é conversar com eles (SALOMÃO,2017,p. 19).

Neste sentido a descrição dos fatos se transformou em um ambiente riquíssimo que permitiu-me deparar com informações nas mais diversas dimensões. Através das observações e dos diários de campo advindos da sua própria prática, permite que o pesquisador registre ao máximo os acontecimentos e detalhes que consideram importantes para a análise.

Por fim, destacamos a importância da realização de uma investigação autoetnográfica para compreender o trabalho docente coletivo em uma perspectiva epistemológica e metodológica inovadora para a área de conhecimento da educação física. Em uma área onde se percebe, ainda, o predomínio da abordagem biomédica nas pesquisas (Molina neto et al., 2006), pautados por procedimentos positivistas e de defesa da neutralidade do pesquisador diante dos fenômenos sociais, a autoetnografia parece ser um reforço significativo ao pensamento que visa destacar as vivências do sujeito pesquisador em sua pesquisa, na medida em que transforma seus relatos em pesquisa científica porque se situa dentro de uma série de autorreflexões, interações e reconhecimentos de emoções que, cotejadas com outras posições, permitem reconstruir novos conceitos de uma realidade subjetiva (BOSSLE, MOLINA,2009,p.13).

Destarte entendendo que a autoetnografia proporciona ao pesquisador, realizar reflexões de seu cotidiano de trabalho em sua própria prática pedagógica. Sendo assim, ao optar por este tipo de pesquisa, o pesquisador que é sujeito investigado, olhou/analisa o objeto de estudo de fora para dentro e o inverso também acontece, o que permite que a busca por informações se concretize de forma mais global, uma vez que traz os dados das diferentes dimensões que fazem parte do todo.

Neste contexto de coleta além da observação participante, na qual o investigador se insere pessoalmente no contexto pesquisado, também foi utilizada a observação que é denominada de participante observação (participante observador). Bossle (2008) aponta ter utilizado e conceituado baseando-se em Wittrock (1989) ao dizer que a condição de

participante observador é aquela em que há participação direta nos acontecimentos como um ator social daquele contexto. Relacionei diretamente com o que é proposto neste processo, tendo em vista que também estive constantemente praticando me observando e refletindo sobre minha própria atuação, estive no papel de participante observador, pois ocorreu a participação direta nos acontecimentos, como um ator social.

Segundo Bossle (2008) estas técnicas são importantes no processo de escrita, pois, é possível o pesquisador descrever suas próprias vivências com a utilização destas técnicas e sobre como o mesmo se sente em relação a estes procedimentos.

Nesta perspectiva foi importante a busca pelas informações terem sido realizadas em sua totalidade, visando atingir as contribuições em diferentes aspectos do cotidiano das aulas. Tendo em vista que no espaço de investigação ocorre uma relação mútua de troca de conhecimento entre os sujeitos aluno-professor, professor-aluno, professor-professor, aluno-aluno. Estas trocas foram fundamentais na busca dos sentidos e significados presentes nos momentos de interação nas aulas. Neste sentido, o autor seria convidado a repensar o seu papel de produtor de conhecimento e a sua própria subjetividade, construída interativamente e “circunstanciada por sua singular trajetória intelectual e pessoal” (VERSIANI, 2005 p. 88).

3.1 Os registros em diários de campos

Os dados surgem das informações registradas através dos diários de campo. Neles procurei registrar os acontecimentos sem negar os detalhes vividos nas aulas, assim como as minhas inquietações relacionadas à situações presentes na piscina e no espaço de forma mais ampla:

[...], o diário tem sido empregado como modo de apresentação, descrição e ordenação das vivências e narrativas dos sujeitos do estudo e como um esforço para compreendê-las. [...]. O diário também é utilizado para retratar os procedimentos de análise do material empírico, as reflexões dos pesquisadores e as decisões na condução da pesquisa; portanto ele evidencia os acontecimentos em pesquisa do delineamento inicial de cada estudo ao seu término. (ARAÚJO et al., 2013, p. 54)

Posso dizer que este foi um momento muito trabalhoso e delicado, me preocupei em detalhar ao máximo os acontecimentos e isso me tomou um tempo grandioso, afinal a grande sacada dos diários é narrar em detalhes os acontecimentos. Levando em consideração que meu ambiente de intervenção é na piscina, um ambiente aquático, e as aulas são seguidas sem

intervalos, tive que me desdobrar para não me perder nos acontecimentos das aulas. Por isso sempre deixava umas folhas de ofício com a identificação de cada turma, saía rapidamente ao final da aula, enxugava os braços e registrava em tópicos os acontecimentos.

Registrei os acontecimentos das aulas, a princípio, de quatro turmas. Mas no decorrer do processo uma turma se desfez²e passei a acompanhar apenas três turmas. Cada uma destas tem 2 aulas por semana, o que totaliza oito por mês. No geral foram 28 registros em diários de campo, em duas turmas tivemos 10 registros e em uma apenas 8, por motivo de ausência de alunos. A realização destes ocorreu em grande parte no o mês de janeiro. Realizei o registro (em diários de campo) de 8 aulas em janeiro. Em fevereiro fiz o registro de 3 aulas. Em março fiz o registro de mais 1 aula e para finalizar os registros nos diários de campo, registrei 1 aula em abril a última deste processo de registro das aulas.

QUADRO 1- Distribuição das temáticas de aulas registradas em diários de campo (D)

MÊS/2019	TEMÁTICA	ABREVIÇÃO
JANEIRO	Brincadeiras de praia 1	(DBP1)
	Brincadeiras de praia 2	(DBP2)
	Brincadeiras de acampamento	(DBA)
	Jogos e brincadeira 1	(DJB1)
	Jogos e brincadeira 2	(DJB2)
FEVEREIRO	Circo 1	(DCc1)
	Circo 2	(DCc2)
	Carnaval	(DCv)
MARÇO	Mostra evolutiva	(DME)
ABRIL	Farra	(DF)

O quadro acima foi organizado para facilitar a visualização e compreensão da distribuição dos registros das aulas nos diários de campo. Justifico que a escolha das aulas a serem registradas ocorreu de acordo com a temática que estava sendo abordada no espaço de

² Desfez-se por que algumas crianças ficaram doentes, umas passaram para outras turmas e outras se afastaram por janeiro ser mês de férias e muitos viajam.

investigação, estavam ocorrendo aulas temáticas. A escolha do mês de janeiro, por exemplo, foi pensada pelo fato de ser um mês em que a temática é voltada para as férias.

Nos outros meses os registros aconteceram e também estavam presentes algumas temáticas. De maneira geral foi possível fazer os registros de aulas importantes, que normalmente ocorrem anualmente (aula temática de carnaval) ou semestralmente (mostra evolutiva) e mensalmente (aula da farra).

Os registros foram realizados em turmas com faixa etária diferentes, e, portanto a forma de interagir também é diferente. Tive este cuidado para conseguir ter uma variedade de informações que permita compartilhar a grandiosidade do trabalho realizado no ETL, e assim poder contribuir com o meio acadêmico e profissional a respeito do ensino da natação infantil.

QUADRO 2- Descrição das turmas acompanhadas na pesquisa

Turma das 14:30	Turma (TA)
Turma das 15:00	Turma (TB)
Turma das 15:30	Turma (TC)

As turmas no ETL recebem nomes associados a animais marinhos de acordo com níveis. Antes de iniciar esse processo de pesquisa autoetnográfica nunca tivera me inquietado para saber o motivo destas nomenclaturas nem tampouco de onde elas surgiram ou se haviam sido criadas com alguma influência.

E lá fui eu, neste momento uma professora investigadora curiosa, desvendar as possíveis justificativas que deram origem aos nomes da turma. Em diálogo com a proprietária do ETL expressei minha curiosidade:

“Oi tia³, tudo bem? Eu aqui novamente te perturbando, gostaria de saber de onde vem a divisão das turmas, as nomenclaturas, você se inspirou em algo?”

E ela responde seguramente:

“Oi tia, eu sempre busquei ser muito didática nas minhas aulas e projetos. Eu entendo que nomenclaturas facilitam esse processo de ensino aprendizagem... foi muito mais voltado para os pais essa nomenclatura do que para os profissionais...”

³ A interação entre os professores (as) do ETL se materializa de forma muito harmoniosa. E lá cumprimentam-se sempre por tias e tios.

porque cada nome quis relacionar a idade e nível da criança, do mais simples para o mais complexo, sabe?” (conversa entre tias 22/08/2019).

Internalizando a resposta primeiramente, fiquei confusa, então, políciei-me a voltar a realidade e contexto do ETL. Pude interpretar, olhando para o lado logístico, onde a divisão das turmas associadas a animais marinhos, já transmite ideia de um ambiente lúdico. E isso desperta o interesse dos pais, facilitando o trabalho da pessoa que está na função de secretária, uma vez que ao passar as informações para os pais, tem mais facilidade de falar a turma de forma mais atrativa. Sei que esta questão logística não foi o foco da proprietária,

Olhando como professora, avalio que mesmo que a proprietária tenha falado que não foi tão voltada para os profissionais, eu penso que continua sendo e talvez seja o motivo mais importante. Pois as turmas não são apenas divididas em nomes de animais marinhos, mas, muito além disso, estas nomenclaturas definem a idade para o público de cada turma. Então não deixamos espaço para mesclar crianças com idades radicalmente diferentes, o que facilita o processo de ensino aprendizagem.

QUADRO 3- Nomenclatura das turmas no ETL

TURMA	IDADE
Estrela do mar I	(6 meses a 2 anos)
Estrela do mar II	(2 e 3 anos)
Peixinho I	(3 e 4 anos)
Peixinho II	(4 e 5 anos)
Golfinho	(5 e 6 anos)
Tubarão	(7 a 10 anos)

Essa divisão faz com que se possa compreender que metodologicamente, é necessário que ocorra a organização estrutural das turmas para que nas aulas não aconteça uma junção de crianças em faixa etária diferente numa mesma turma. Mas a idade nem sempre é determinante, por vezes uma criança com quatro anos apresenta mais independência no meio aquático que uma com seis. Digamos que a idade serve como um parâmetro, um ponto de partida para a organização das turmas e conseqüentemente a maneira como os conteúdos serão abordados.

O cuidado é para que a criança se desenvolva de forma prazerosa e significativa. E isso significa que primeiramente a criança precise passar por uma adaptação, para adquirir confiança e não pular etapas no aprendizado.

3.2 Como vivemos o conhecimento no fundo do mar⁴:um processo de análise dialogando com os registros dos dados

Enquanto parte fundamental no processo da investigação, o pesquisador segundo Montero-Sieburth (2007) hora situa-se no centro da investigação como autor integrado. Hora é o leitor da sua própria cultura (REED-DANAHAY, 1997). Este processo de idas e vindas, de hora ser leitor da cultura, hora está situado como um sujeito, nos faz construir uma ideia de que o autor situa-se enquanto parte e enquanto todo. Para Souza Júnior et al (2010) “a análise dos dados, ainda que não se dissocie das demais fases, tem como objetivo compreender o que foi coletado, confirmar ou não os pressupostos da pesquisa e ampliar a compreensão de contextos para além do que se pode verificar nas aparências do fenômeno”.

Sendo assim a análise de conteúdo segundo Souza Júnior et al (2010)consiste num recurso técnico para análise de dados provenientes de mensagens escritas ou transcritas, no caso deste estudo, as mensagens vindas da literatura, e dos documentos vindos do espaço de investigação.

Desta forma utilizamos enquanto procedimento de análise dos dados, a análise categorial por temática que segundo Souza Júnior et al (2010),baseando-se em Minayo (1998), se propõe a "descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objetivo analítico visado", utilizando-a de forma mais interpretativa, em lugar de realizar inferências estatísticas.

3.2.1 Categorização das informações

⁴ Em nosso cotidiano costumamos chamar as crianças de peixinhos e/ou outros animais marinhos. Trazemos uma relação com o “FUNDO DO MAR”, tanto que em nossas aulas, temos um deslocamento livre que se chama por essa nomenclatura, que significa nadar submerso.

Para Minayo (1998, p. 70), as categorias podem ser estabelecidas antes do trabalho de campo, na fase exploratória da pesquisa, ou a partir da interação com os dados. Estas categorias puderam ser classificadas como analíticas, que correspondem ao marco teórico da pesquisa e empíricas com finalidade operacional, surgidas com o campo investigativo.

3.2.1.1 Categorias analíticas:

QUADRO 4 representação das categorias analíticas

CATEGORIAS ANALÍTICAS
Ensino da natação
Dimensão pedagógica

Sendo assim o quadro a seguir aponta os indicadores que irão estruturar a análise de conteúdo. Estas categorias surgiram como objetos centrais deste estudo, já que a investigação se deu no contexto das aulas de natação e o diálogo se fez a partir do mergulho que buscou apontar elementos e compreender a dimensão pedagógica neste contexto de ensino.

QUADRO 5 Indicadores para a análise de conteúdo

Elemento central	Vivência do pesquisador e, sua interação com os alunos os outros professores (as). A fim de analisar como se constitui a dimensão pedagógica do ensino da natação, a partir dos elementos presentes na prática educativa para o ensino deste esporte individual.
Operacionalização	Analisar como se constitui a dimensão pedagógica do ensino da natação em um espaço não escolarizado.

Categorias empíricas	Elementos didáticos, estratégias metodológicas, interação professor aluno; professor-professor, professores-responsáveis
Questões que nortearão o estudo	1) Como o espaço de natação tem fundamentado suas ações pedagógicas; 2) Como posso considerar minha prática diante das referências do espaço ou mesmo da pedagogia do esporte? 3)Tenho me aproximado de alguma teoria/prática crítica pedagógica para o ensino? 4) Como as aulas são organizadas?

Nesta perspectiva, após as sucessivas leituras dos materiais (os diários e planos de aula) que deram origem a construção dos núcleos de sentido, organização das categorias, partimos para a fase das análises dos dados que foi materializada a partir do reagrupamento das categorias advindas das informações dos diários de campo, observações e planos de aula.

3.2.1.2 *Categorias empíricas*

As categorias empíricas, segundo Souza Júnior et al (2010), surgem como unidades de codificação que respondem a um movimento dos dados do campo em relação às categorias analíticas.

As categorias empíricas na realidade deste estudo foram organizadas a partir das leituras dos diários de campo e das leituras dos planos de aula. Desta forma, foram sendo organizadas em um quadro, formando núcleos de sentido para posteriormente serem reagrupadas recebendo um tratamento analítico. A partir destas leituras foi possível produzir um roteiro de retorno analítico aos diários de observação conforme registra-se nos apêndices e nos exemplos abaixo.

QUADRO 6- organização das categorias empíricas

EMPÍRICAS	UNIDADE DE CONTEXTO	UNIDADE DE REGISTRO
------------------	----------------------------	----------------------------

RELAÇÃO COM AS CRIANÇAS	Ação/atitudes/sentimentos	Medo Lamentação Confiança Motivação Afetividade Ludicidade Segurança-risco
ELEMENTOS DIDÁTICOS	Objetivo-avaliação Conteúdo-Método Recursos	Psicomotricidade Nados Gestos técnicos Ambiente Materiais
PROCESSOS METODOLÓGICOS	Princípios Estratégias Postura do professor	Diálogo/Linguagem Tematização Desafios Rotina de aula Adaptação de aula Instrução/explicação Nomenclaturas adaptadas Aproximação com a contação de história Música Comportamento dos acompanhantes

4. O MERGULHO NA AUTOETNOGRAFIA: registros da autonarrativa

Neste momento foi feito o registro de tudo o que foi significativo e que faz parte da realidade cotidiana. Para isso inicio falando sobre o espaço de investigação, sua história, metodologia até chegar a construção da relação com as crianças e os envolvidos nesse processo.

4.1 O espaço de investigação

Essa autoetnografia se tornou possível, uma vez que faço parte da história da instituição ETL, contribuo para a qualificação do ensino de forma indireta, planejando ações com o coletivo de professores e diretamente tendo o contato com os alunos dentro da piscina também, por existir o movimento de troca de conhecimentos. O espaço ETL faz parte da minha história enquanto docente e, estando nesta posição, de sujeito que, em conjunto com outros docentes e alunos, constrói e reconstrói conhecimento e cultura, também contribuo para a construção da história desta instituição.

Sendo assim, mesmo que eu fale da minha prática pedagógica, que tem sua identidade docente e que foi se legitimando através das minhas próprias experiências e interação com os alunos e professores da instituição, é importante também compreender a história do ETL, pois é nele onde tudo é concretizado.

O espaço em que foi realizada a autoetnografia, refere-se a um espaço de natação, denominado de ETL. As informações de sua história foram retiradas do site da instituição. O espaço surgiu do desejo da profissional (proprietária) em proporcionar a criança um desenvolvimento harmônico de todas as suas estruturas, valorizando os aspectos motores, cognitivos, afetivos e sociais. Considerando que os estímulos iniciais na vida do ser humano fazem toda a diferença na construção do adulto, visualizou, portanto, a água como uma excelente ferramenta para desenvolver esses potenciais. Estabelece também uma preocupação constante em agregar valores que venham contribuir de forma positiva na formação do ser integral.

Vale ressaltar que recentemente o ETL, abriu uma segunda unidade, e passou a constituir-se de unidade I e II, porém nosso estudo ocorreu apenas das experiências da unidade I.

Justifico esta escolha por considerar que minha experiência de trabalho até este momento se constituiu apenas neste local. Digo ainda que a unidade II de certa forma atende a um público diferente, tendo em vista que possui uma estrutura maior e proporciona também o ensino da natação para jovens e adultos. Mas a ideia é que mesmo tendo o público adulto, ocorra uma homogeneidade entre as duas unidades, já que a fundamentação teórica é a mesma, almejada pela proprietária.

Já que até o momento não existe um documento/uma proposta pedagógica fundamentando tudo aquilo que é posto em prática nas ações do ETL. Visitei o site da instituição em busca de informações que fundamentem o propósito de ensino, sua metodologia e, de maneira geral, que tipo de contribuições oferece para a formação das crianças e conseqüentemente futuros cidadãos. Encontrei em meio a muitas fotos que transparecem uma energia familiar muito boa entre alunos e professores, pais e alunos:

Nossa metodologia é inspirada no estudo da Antroposofia, estando em constante evolução é aplicada de forma e inovadora [...] Sua intervenção prática acontece à partir da fundamentação do desenvolvimento psicomotor, ressaltando seus aspectos motores, cognitivos, emocionais e sociais, considerando sempre o sujeito como ser único (ETL, 2017).

Na busca por compreender um pouco sobre o que vem a ser a Antroposofia, cheguei ao site da Sociedade Antroposofica do Brasil, me perdi diante da imensa complexidade em que me deparei sobre este tema. Mas o que pude trazer resumidamente é que, a Antroposofia foi criada no século XX pelo austríaco Rudolf Steiner, e de modo geral amplia-se ao conhecimento da natureza do ser humano e do universo.

A Antroposofia vê a imagem do Homem como um ser único, não existindo um ser humano igual a outro e somente ele é portador da consciência de si mesmo frente ao mundo. Diferente de todos os outros seres dos outros reinos da natureza (o animal, vegetal ou mineral) o ser humano é descrito como um ser único, individual e portador da autoconsciência (CAVALCANTI, 2014, p. 65).

Percebe-se que a Antroposofia preocupa-se com o entendimento do ser humano de forma integral. Sendo assim olhando para a realidade do ETL, posso dizer que existe essa busca constante pela estimulação para o desenvolvimento global do indivíduo. Talvez essa influência da Antroposofia explique a diversificação dos conteúdos que são tratados, que vão

além da aula de natação, pois a mesma atua em diversas áreas da vida humana. E consequentemente ocorre o desenvolvimento psicomotor, ressaltando seus aspectos motores, cognitivos, emocionais e sociais.

O ETL é um espaço social não escolarizado, que tem a natação como seu “principal esporte”, porém considera este esporte como um meio e não um fim. Isto significa que a natação é vista também como uma prática educativa capaz de proporcionar diversas outras aprendizagens aos sujeitos que a praticam. Aprendizados estes que partem do desenvolvimento das competências motoras aquáticas, cognitivas, pessoais até as sociais como o respeito ao próximo. No ETL as crianças praticam a natação de forma lúdica e mesmo sendo um esporte individual, eles vivenciam sempre atividades que dão ênfase as relações em grupo.

Nesse contexto de vivência no ETL, a inquietação foi sendo superada durante as reuniões pedagógicas mensais que ocorriam, e ainda ocorrem, uma vez ao mês, com o objetivo de interação entre os professores, troca de informações a respeito das turmas, podendo ser a exposição de dificuldades, de estratégias exitosas etc. Da mesma forma a superação também foi e vem se dando nos períodos de estudos coletivos, propostos pela proprietária do ETL em conjunto com a coordenação. Neste contexto a equipe sempre era e é dividida em grupos e temáticas, para que possamos qualificar as discussões voltadas para o âmbito da nossa prática que consiste no ensino da natação infantil e também temáticas voltadas a natação especial contemplando estudos voltados ao espectro do autismo, TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade), síndrome de down Estes temáticas eram tratadas sempre trazendo as questões conceituais gerais, particularidades e ainda algumas estratégias metodológicas para lidar com tais realidades.

Estes estudos eram e são realizados através de seminários, que ocorrem em cada reunião pedagógica. E também é um momento em que os professores/as juntos, constroem os planos de aula semanais.

Nesta perspectiva, a partir dos estudos em grupo, pude adquirir e desenvolver conhecimentos voltados para diferentes demandas que estão sempre presentes no cotidiano das aulas de natação, tais como adaptação ao meio aquático, natação especial, natação para bebê, natação infantil entre outras. Estes momentos foram e são fundamentais para qualificar minha prática pedagógica durante a trajetória no ETL, já que eles nos oportunizam os estudos dos conteúdos que irão qualificar nossa prática, assim como construir em conjunto os planos de aulas, as atividades que irão ocorrer durante todo o mês.

Assim o conhecimento teórico prático ia se consolidando, se construindo e se reconstruindo diante de estudos e reflexões, especialmente com o intuito de compreender e qualificar a organização do ensino da natação neste espaço de natação específico.

Sendo assim, através das reflexões e diálogos que eram e são constantes no processo de trabalho no espaço de natação, é possível dizer que, metodologicamente, se conseguiu atingir as expectativas esperadas para ministrar aulas de natação no ETL. Estas expectativas estavam voltadas ao contexto de aulas dinâmicas, nas quais o professor sempre estimula os alunos com aulas divertidas, músicas, brincadeiras etc.

Observávamos que no trabalho realizado, existia uma relação entre teoria e prática, o que é fundamental para qualificar as aulas e facilitar o processo de ensino aprendizagem. É neste sentido que surge a importância de identificar a dimensão pedagógica existente no trabalho do professor neste espaço de natação.

É válido explicitar que a prática pedagógica explicada por Veiga (1989), fundamentada por sua vez, nos estudos de Vasquez (1977), compreende uma dimensão da prática social que pressupõe a relação teoria-prática, norteadas por objetivos, finalidades e conhecimentos. Assim podemos considerar que a dimensão pedagógica vai surgir a partir dos objetivos que se tem em transmitir o conhecimento e de como o professor vai articular as estratégias metodológicas para facilitar a apropriação deste conhecimento por parte dos alunos.

Desta forma, partindo para o contexto de investigação deste estudo, considera-se que também em outros espaços sociais, além das aulas educação física escolar, deve existir uma prática pedagógica, pautada por estratégias que concretizem o processo de organização do ensino. Sendo assim:

A aprendizagem também deve ser considerada em outros espaços sociais, uma vez que a educação deve ser permanente em todos os espaços e momentos possíveis, ou seja, todas as vivências construídas devem ser orientadas pela ação pedagógica e reflexão crítica das condições de vida e de saúde (...) e o contexto político-econômico no qual estão inseridos (NICÁCIO MARTINEZ, 2007, p. 30).

As aulas no ETL normalmente já ocorrem de maneira dinâmica e diferenciada, sempre trazendo alguns temas que extrapolam os conteúdos voltados ao ensino da natação. No entanto existem algumas culminâncias que são marcantes e esperadas o ano todo, como a aula temática de carnaval e, mensalmente como a aula da “farra”.

A primeira consiste em realizar uma aula alegre, com muita energia. Normalmente é pedido que a criança faça a aula de fantasia ou algum adereço, todos os professores também

entram no clima. A aula toda acontece com músicas e elementos do carnaval, ao final de cada aula ocorre um bloco com direito a estandarte do ETL.

A farra é uma aula que ocorre sempre no último dia de aula de cada mês, é um momento muito esperado, pois é conhecida como “**o dia da brincadeira**” e não faz tanto tempo que ela também se tornou “**o dia da estrelinha da evolução**”. Apesar de as aulas cotidianamente já serem sempre muito lúdicas, existe um dia em que a diversão é multiplicada, este é o dia da farra. Ela consiste em deixar as crianças “livres”, de maneira que acontecem quinze minutos de atividades lúdicas direcionadas e o restante é o tempo em que os alunos podem escolher suas próprias brincadeiras. Todos os materiais ficam à disposição deles, os professores também brincam e, por questão de segurança, estão a todo o momento supervisionando as brincadeiras.

A aula da farra se tornou ainda mais especial, uma vez que foi introduzido o momento da “estrelinha da evolução”. Este acontece ao final da aula, é a hora de cada criança receber dos acompanhantes, pai, mãe, tio (a), avós, a estrelinha. Mas não é apenas ganhar uma estrela e ponto final, este momento vai muito além. O acompanhante precisa elencar algo que a criança evoluiu naquele mês e este é o motivo pelo qual o aluno receberá a estrela. Este motivo não precisa ser exclusivamente a evolução na natação, pode ser, por exemplo, pelo bom comportamento na escola, por está se alimentando melhor, por está dormindo sozinho etc. É interessante que na maioria das vezes, o motivo não está relacionado a natação.

A meu ver isso é maravilha, pois é uma maneira de estimular a criança a buscar uma evolução em outros contextos, mesmo que a iniciativa tenha partido das aulas da natação. Sempre explico que eles devem elencar algo que a criança estava precisando melhorar e os responsáveis observaram esta melhora. Então a cada estrela eles analisam em que aspecto a criança evoluiu. Vejo como uma forma de proporcionar aos pais mais uma ferramenta para auxiliar no desenvolvimento dos filhos.

Outra culminância importante que foi introduzida este ano no ETL foi a “**Mostra evolutiva**”. Esta surgiu com o intuito de mostrar para os pais a evolução do seu filho. De certa maneira é considerado um momento avaliativo, visto que substituiu a avaliação que era enviada (por E-mail) aos pais semestralmente.

É válido explicar que a avaliação no ETL ocorre diariamente, através das aulas. Mas foi observado que os pais muitas vezes não liam a avaliação e/ou não entendiam o que estava dizendo na mesma. Sendo assim pensou-se numa maneira de dar algum retorno aos pais no que concerne ao desenvolvimento do seu filho na natação, mas um retorno mais palpável, mas estreito.

A mostra acontece com a fundamentação aos pais através de cartazes falando de alguns conceitos importantes presentes na natação, conceito estes que são trabalhados diariamente nas aulas, mas que os pais não conhecem. Além dos cartazes, os professores explicam algumas habilidades que a criança aprende no processo de ensino aprendizagem da natação, de acordo com cada etapa do desenvolvimento em que a mesma encontra-se. O professor segue explicando cada atividade que será realizada em sequência. Tem-se a preocupação de explicar que mesmo estando na mesma turma, cada aluno tem respostas diferentes, cada um se desenvolve no seu tempo e cabe aos professores e aos pais respeitar isso. Eu fiz questão de passar isso para os pais, pois muitos querem que a criança nade “perfeitamente”, mas não entendem que o filho já nada, mas não está na fase em que realiza a coordenação dos membros de forma sistematizada.

Além destas aulas sinalizadas anteriormente, existem várias outras que culturalmente já acontecem no ETL, durante todo o ano realizamos as aulas acompanhando as comemorações típicas (Páscoa, São João, dia das crianças, aula da família etc.). A **aula da família**, por exemplo, acontece três vezes ao ano. Nestas, algum acompanhante entra na piscina para fazer a aula com o aluno. A primeira acontece em comemoração ao dia das mães que é seguida pela aula dos pais e a aula de natal que também é representada pela aula da família.

O ETL justifica essa escolha (aula da família) por considerar que na atualidade existem outras formações de família além da tradicional, então não se pode deixar de abraçar os diferentes públicos que surgem. Sem contar que muitas vezes até mesmo os pais não conseguem está presentes nas aulas, mas as crianças entram acompanhadas de qualquer outro membro da família. Então não é algo engessado em que apenas o pai (o homem) pode entrar na aula “dos pais” ou o inverso. O ETL tem essa preocupação em não excluir, não rotular.

4.2 Entre bolinhas e bolhões: as relações interpessoais tecidas nas minhas aulas de natação.

*“As crianças aprendem melhor quando gostam de seu professor e quando sabem que seu professor gosta delas”
(Gordon Neufeld, 2015).*

As relações e laços construídos entre professor e aluno tornaram-se elementos chave para a construção do aprendizado e conseqüentemente para o desenvolvimento das crianças. Na realidade de ensino da natação, a criança precisa se sentir segura para se permitir viver as experiências propostas pelo professor.

Embora cada sujeito seja percebido como único, a sua relação com o outro é de extrema importância na construção de sua identidade e de suas ações. No ambiente escolar de Educação Infantil as relações entre adulto-criança e criança-criança evidenciam-se como uma das principais maneiras que favorecem o desenvolvimento da criança (COUTO; ARENA, 2012; BARBOSA, 2007).

Para Ribeiro (2010) o papel do professor tornou-se muito mais amplo e complexo, pois na atualidade ele passou a ser muito mais que apenas a pessoa que transfere as informações, reconhecendo-se também como um parceiro do educando na construção dos conhecimentos. Esta parceria implica que novos saberes e atitudes possibilitam aos estudantes integrar no processo de aprendizagem das disciplinas os aspectos cognitivo e afetivo e a formação de atitudes.

A depender da perspectiva, há diversos significados para o termo afetividade, como, por exemplo: atitudes e valores, comportamento moral e ético, desenvolvimento pessoal e social, motivação, interesse e atribuição, ternura, inter-relação, empatia, constituição da subjetividade, sentimentos e emoções (RIBEIRO, 2010, p. 1).

Na realidade deste estudo, que aborda a aprendizagem no âmbito da natação, a interação entre os sujeitos é um dos elementos importantes para o desenvolvimento do aluno. E diante dos significados de afetividade elencados anteriormente, penso que nas relações vividas na minha prática pedagógica estão presentes vários deles. Por exemplo, a empatia que me permite também colocar-me no papel da criança, buscando compreender suas dificuldades e pensar estratégias para que estas sejam superadas. E dentro destas estratégias surgem vários outros elementos como a motivação, os sentimentos e emoções entre outros.

Essa interação pode vir a ser prazerosa ou não, a depender da forma em que cada profissional irá atuar, por isso é fundamental que se tenha um olhar cuidadoso e peculiar para cada criança.

O processo de desenvolvimento infantil se realiza nas interações, que objetivam não só a satisfação das necessidades básicas, como também a construção de novas relações sociais, com o predomínio da emoção sobre as demais atividades. As interações emocionais devem se pautar pela qualidade, a fim de ampliar o horizonte da criança e levá-la a transcender sua subjetividade e inserir-se no social. (KRUEGER, 2003, p. 5).

As crianças passam a ter novas experiências sociais que lhes permitem fazer parte de outro contexto, extrapolando o meio familiar, assim inicia-se o processo de estimulação para além da subjetividade. Onde elas passam a ser “preparadas” para um mundo real, em que, por vezes, a subjetividade faz parte do processo de ensino, através da imaginação, por exemplo, mas esta é utilizada como facilitadora no processo de ensino aprendizagem.

A natação estando inclusa neste leque das novas experiências sociais, se depara em um terreno ainda mais delicado no processo de ensino aprendizagem. Pois trata-se de um ambiente em que o ser humano não está adaptado (apesar de ter vivido durante 9 meses em meio líquido, na barriga da mãe) precisa sair do seu ambiente terrestre, de sua zona de conforto, para manter-se em equilíbrio no meio aquático, o que requer um cuidado redobrado e estratégias metodológicas do professor para tornar o ambiente mais familiar e prazeroso, propício ao aprendizado da criança.

Sendo assim, buscando compreender, no contexto da dimensão pedagógica do ensino da natação, as relações advindas da interação entre aqueles que fazem parte do processo em que atuo me deparei com uma **relação de estreitamento professor-aluno**. Este estreitamento refere-se à proximidade que é vivida entre nós professores, os alunos e muitas vezes entre seus acompanhantes que levam sempre as crianças às aulas. Defino como **afetividade, confiança, e motivação** a relação mais próxima que construo cotidianamente nas aulas de natação. Em um dos registros relato o quão é importante e evidente uma relação mais afetiva nas aulas, por proporcionar tranquilidade e interferir positivamente no aprendizado:

penso que é muito importante você estreitar a relação com as crianças. Por isso sempre que posso mergulho com eles, faço bolhão juntos, “finjo ter segredo com eles”. Faço muito isso com Letícia, por isso sei que ela tem tanta confiança quando peço que ela faça algo. Por isso trocamos a bananeira pelo mergulho juntas. (DCc1-TA, 04/02/2019).

Esta troca da “bananeira pelo mergulho” foi uma das maneiras de interação afetiva com a criança, uma vez que sentindo a insegurança da mesma em realizar a bananeira na piscina, mostro que ela pode realizar atividade de outra maneira e que terá alguém para apoiá-la.

Nesta fala corroboro com Mutschele (1994) ao dizer que a criança no primeiro dia de aula na escola, precisa ser muito bem recebida para vivenciar a nova experiência que se inicia. Na piscina não é diferente, ao contrário ela precisa ser muito bem recebida todos os dias, pois qualquer situação que deixe lacunas para que a criança não se sinta protegida e cuidada, poderá impedir que a mesma consiga continuar nas aulas e guarde memórias negativas que

podem interferir em outros momentos no seu desenvolvimento para aquele ambiente e até mesmo na vida adulta.

Assim, quando a criança nota que a professora gosta dela, e que a professora apresenta certas qualidades como paciência, dedicação, vontade de ajudar e atitude democrática, a aprendizagem torna-se mais facilitada; ao perceber os gostos da criança, o professor deve aproveitar ao máximo suas aptidões e estimulá-la para o ensino. Ao contrário, o autoritarismo, inimizade e desinteresse podem levar o aluno a perder a motivação e o interesse por aprender, já que estes sentimentos são conseqüentes da antipatia por parte dos alunos, que por fim associarão o professor à disciplina, e reagirão negativamente a ambos. (Krueger 2003, p. 6).

Ainda segundo o mesmo Krueger (2003), a afetividade exerce um papel fundamental nas correlações psicossomáticas básicas, além de influenciar decisivamente a percepção, a memória, o pensamento, a vontade e as ações, e ser, assim, um componente essencial da harmonia e do equilíbrio da personalidade humana.

*Penso que na natação as crianças que tem alguma dificuldade, insegurança no meio aquático, podem aprender mais rápido quando conquistam intimidade, uma relação de confiança e afeto, com algum professor. No etl pratico muito isso, sempre que percebo que chega uma criança insegura, procuro me aproximar, brincar e logo vejo os resultados surgirem. **A criança se sente mais segura, com isso se arrisca a fazer o que nós professores sugerimos.** (fim do dia DJB TA21/01/2019).*

Procuro uma relação amistosa com as crianças para que elas se sintam à vontade. Assim ofereço ferramentas para que cada aluno possa se sentir seguro para “se arriscar no ambiente aquático”, se arriscar no sentido de se superar, superar os seus medos para enfrentar os desafios propostos em cada aula e desafiar-se.

As relações amistosas estabelecidas no processo de ensino, contribuem para a melhoria de atitudes positivas em relação ao conteúdo das disciplinas escolares e aos professores que as ministram (Dias, 2003; Espinosa, 2002; Morales, 2001). No cotidiano das minhas aulas, mesmo não se tratando de um contexto pedagógico escolarizado, fui percebendo a importância que se tem em criar uma relação que faça com que a criança aprenda de forma prazerosa e significativa. E se considerarmos que as aulas de natação costumam, por natureza, apresentarem algumas tensões por ocorrerem no ambiente aquático em que podem causar na criança uma sensação de insegurança, torna-se necessário que o professor fundamentalmente crie estratégias para que as crianças se sintam seguras e possam aprender felizes sem a sensação de estar em perigo.

Este mergulho na minha prática evidenciou alguns elementos que facilitam a dimensão pedagógica do ensino da natação. Uma vez que a afetividade, a motivação e a confiança são

elementos que fazem parte do processo de ensino. Através da afetividade, da postura de cuidar e me aproximar da criança, faz com que eu consiga motivá-la a confiar que ela é capaz.

Então eu sentei na borda ao seu lado e falei no ouvido dela: “vamos, você vai ficar comigo, vai fazer todas as brincadeiras com tia Lila, agora esse é nosso segredo, ninguém pode saber, tá bom? Ela sorriu e balançou a cabeça positivamente. Pisquei o olho para tia Érika e disse, tia, Malu vai comigo, ok? (...) Malu já ficou olhando esperando que eu fosse para o lado dela. (DBA-TC, 14/01/2019).

Esta postura eu assumir pelo fato de saber que tinha algo “acontecendo” além do nosso ambiente de aula. Por acompanhar a criança por bastante tempo e reconhecer que este normalmente não é o comportamento que ela apresenta na aula. Atrevi-me ainda a falar com sua mãe para explicar minha atuação durante a aula e saber dela o que estava acontecendo com a criança:

Perguntei a mãe de Malu se tinha algum motivo específico para tal comportamento. Ela me explicou que nem ela sabe, e que isso está acontecendo em todos os lugares, mas que já estavam sendo acompanhadas por uma psicóloga. Eu disse a ela que iria fazer o possível para ajudar, tentando conversar mais com ela e deixar ela mais livre. Mas que qualquer coisa ela conversasse comigo para que eu possa saber como lidar com ela aqui na piscina. (DBA-TC, 14/01/2019).

Voltando a este diário de campo e tendo a oportunidade de relembrar este fato. Avalio que esta foi uma postura importante a ser tomada por mim, pois eu poderia deixar que um estagiário tentasse convencer a criança a entrar na piscina e participar da aula (este é o procedimento que normalmente se realiza no ETL), mas coloquei-me no lugar da criança e pensei que na sua posição, também ficaria mais à vontade com uma professora na qual já tivesse uma relação mais duradoura. Segundo Araújo (1995), Tognetta e Assis (2006), a sintonia, as relações afetivas e cooperativas, a solidariedade, a tolerância, a demonstração de respeito e de apoio por parte do professor ajudam os alunos a superarem dificuldades escolares. Nas aulas de natação este senso de ser solidário e se colocar também no papel da criança é que faz a diferença para que a criança se sinta segura para aprender a nadar. Ser solidário respeitando o tempo de cada criança e tentando as mais diversas possibilidades para que esta se desenvolva.

4.3 Como é legal lá no fundo do mar, no fundo do mar é só diversão: Brincando no fundo do mar

Falar sobre a ludicidade se faz importante por considerar sua a grande influência nas minhas aulas de natação. Sendo assim, me esforcei para trazer contribuições para que se possa identificar de que forma este elemento se faz presente na minha prática pedagógica. Lembrando que não é objetivo deste estudo o aprofundamento sobre o tema, porém iremos apresentar o que alguns autores nos fala.

Tranquilei-me ao me deparar com os estudos de Santim (2001), pois em parte do seu trabalho, deixa claro que é inviável conceituar a ludicidade, por não tratar-se de atividades específicas do brincar. Segundo este autor brincar significa gerar a ludicidade para criar o universo do brinquedo. Desta maneira, diz que o mundo lúdico não está em algum lugar, não é uma instituição, não é real.

Ao certo fiquei um tanto aliviada, ao poder compreender que a ludicidade não se trata exatamente de algo palpável. Digo isto, porque antes estava em estado de “angústia” por não saber como iria explicar a presença da ludicidade nas minhas aulas de natação. Pensei em tratar como “**a postura lúdica da professora**”, ao justificar que os momentos prazerosos vivenciados por mim e as crianças em cada turma, não estavam no plano de aula, por exemplo, “agora é hora de brincar de tal coisa”, ou “agora é hora de falar algo engraçado para as crianças sorrirem”. Meu intuito era falar que em todas as aulas existe o desejo pelo brincar, pela alegria, e parte de mim enquanto docente, a iniciativa de criar um ambiente prazeroso, trazendo um personagem para as aulas, para que a aprendizagem aconteça com alegria. E no final, o que se torna palpável é a alegria gerada pela ludicidade, pelo desejo do professor em criar uma atmosfera feliz, capaz de entrelaçar a alegria ao aprendizado significativo para a criança.

A ludicidade está ali, presente, viva e em toda sua plenitude. (...) Se o aparecimento da ludicidade, gerada pela magia da vontade de um 'querer-brincar', se dá de maneira espontânea e surpreendente, o mesmo ocorre com seu desaparecimento: basta não querer mais (SANTIN, 2001, p. 53).

É possível interpretar que de maneira geral, a ludicidade pode ser vista como a vontade de querer brincar, um estado do ser que busca o prazer, a alegria através de algumas situações espontâneas, e na realidade deste estudo, tais situações acontecem em um espaço social de aprendizado.

Na nossa cultura de ensino aprendizagem da natação, uma das estratégias para vivenciar a ludicidade nas aulas é, também, utilizar a imaginação para criar uma situação lúdica. Onde o corpo transforma-se em “brinquedo” e também o próprio ambiente aquático, que se torna aliado neste processo.

(...)Ela respondeu que sim e eu disse que queria ver se ela estava forte, então desafiei ela a bater a perna, para ver quem estava mais forte, o desafio deu empate.(DJB1-TB21//01/19).

Este momento de bater a perna, estando sentados na borda, é algo cultural no nosso contexto pedagógico, porém ele é proposto pelo professor de acordo com o público. Este trecho anterior contém um momento de aula da turma (B), em que a criança é instigada a bater a perna mais forte que o professor para vencê-lo, é um momento em que existe o “querer brincar”, de forma que, a perna e a água transformam-se em brinquedos, materializando um momento lúdico, que por mais que pareça simples, traduz-se em aprendizado.

A ludicidade, entendida como forma viva e como uma ação sentida e vivida, não pode ser apreendida pela palavra, mas pela fruição. O comportamento lúdico é vivência, isto é, é fruição (SANTIN, 2001, p. 53).

Associando a minha prática pedagógica na natação, traduzo a ludicidade como ação espontânea do ser (professor) vivida com alegria, tendo como resposta o envolvimento e expressividade do ser (aluno). Essa postura espontânea do professor transmite através interação com o aluno, a alegria no ensinar brincando, sem perder de vista o “objetivo final traçado”.

“Perguntei: vocês ainda tem gasolina depois desse desafio de fugir do jacaré? Eles responderam que sim. Então eu disse que iria testar para ver se eles tinham mesmo: Pedi que Davi batesse na minha mão (chegar batendo, a forma que se usa em alguns grupos e cultura para se cumprimentar), ele bateu e eu me joguei para trás fingindo que a força dele/gasolina me jogou. Eles começaram a sorrir e Pietro já estava com a mão preparada falando “agora eu, tia”, eu brinquei dizendo: Calma, homem, minha mão ainda está doendo porque Davi está muito forte. falei: “deixa eu pedi ao meu amigo peixe para colocar um remédio na minha mão”, mergulhei e rapidamente voltei. Pronto Pi, o peixinho me ajudou, agora estou boa, prepara que agora é sua vez. Ele bateu e eu me joguei para atrás novamente e ainda mergulhei. Voltei fazendo uma expressão de surpresa, e falei, Pietroooooooooo, que gasolina é essa? Quero um pouco da sua gasolina, preciso ficar forte assim” (DF-TC29/04/2019).

Nesta interação o objetivo é estimular a imaginação dos alunos, fazendo com que eles se vejam com “poderes” por isso, normalmente pergunto de quem é a gasolina que eles estão (quase sempre é de super-heróis, princesas, frutas ou feijão) para motivá-los. Desta forma eles estão motivados a enfrentarem qualquer desafio que propormos em seguida.

Observando as entrelinhas neste diálogo com os dois alunos citados na fala anterior, é possível identificar que existe um simbolismo que faz com que a criança fique muito empolgada por achar que sua gasolina me jogou para o fundo da piscina, eles ficam ansiosos querendo que cheguem logo a vez de mostrar a sua força. Quando insiro o peixe na história (estimulando a imaginação) eles se mostram eufóricos, querendo apressadamente bater na minha mão para me “vencer”.

Sim, a ludicidade é fantasia, imaginação e sonhos que se constroem como um labirinto de teias urdidas com materiais simbólicos. A ludicidade é uma tessitura simbólica fecundada, gestada e gerada pela criatividade simbolizadora da imaginação de cada um” (SANTIN, 2001, p. 54).

A criatividade expressa pela imaginação e linguagem, auxilia na busca por uma conexão com as crianças. Normalmente utilizo uma história permitindo que a criança se coloque dentro dela e seja um sujeito fundamental para dar continuidade a essa história. É uma maneira de conectar-se ao mundo da criança utilizando a imaginação. Nesta situação ambas as partes saem do seu mundo real, para encontrar-se no mundo da imaginação, envolvidos pela alegria e prazer proporcionado pela ludicidade, pelo desejo de brincar e involuntariamente aprender (a criança) e o desejo de, através do brincar, voluntariamente despertar/promover o pensamento para o saber (professor).

Essa interação com a criança se dá, pois segundo (Negrini, 1994) no seu desenvolvimento durante a socialização a imaginação simbólica ela vai dando espaço a realidade e a assimilação individual se torna coletiva. Mas a meu ver e fazer, a criança não apenas assimila a realidade, uma vez que ocorre o processo de assimilação e posteriormente o estímulo a transformação. Ou seja ela é capaz de transformar aquilo que lhe foi mostrado de acordo com sua realidade. Kishimoto (2008) destaca um importante estímulo da brincadeira, o senso de realidade. Nela a criança tem a liberdade de criar os objetos, personagens, cenários e situações, mas o faz de forma imitativa, reproduzindo aquilo que observa em sua realidade cotidiana, assim exige da mesma o desenvolvimento de suas percepções e relações com o mundo que a cerca.

As brincadeiras, culturalmente fazem parte do universo infantil em todos os ambientes possíveis. Através do brincar a criança se comunica, aprende e desenvolve-se de forma espontânea. Criando associações entre o universo lúdico e a realidade. É neste contexto que, associadas aos elementos pedagógicos, as brincadeiras podem trazer para as aulas de natação um valioso acúmulo metodológico.

Winnicott (1971) sinaliza o brincar como um caminho para se comunicar com a criança, já que a mesma ainda não possui o desenvolvimento da linguagem completa.

É pelo brincar que a criança expressa seus sentimentos, libera suas tensões do cotidiano, é por meio dela que podemos entender e adentrar um pouco desse mundo cheio de significações. O terapeuta busca a comunicação da criança e sabe que geralmente ela não possui um domínio da linguagem capaz de transmitir as infinitas sutilezas encontradas na brincadeira por aqueles que a procuram. (WINNICOTT, 1971, p. 61).

É neste passo que o professor se apropria das brincadeiras para criar no meio aquático um ambiente de aprendizado, onde o prazer proporcionado pelo brincar, desperta um aprendizado mais significativo. No ETL as aulas são sempre estruturadas e vividas no contexto lúdico, desde a chegada até a saída.

Em meio à dinâmica das minhas aulas no ETL, as brincadeiras são unânimes, sempre trazendo como foco a aprendizagem de algum conteúdo e/ou alguma temática tratada na aula, para que a criança aprenda de forma leve. A temática que estávamos trabalhando durante o mês de registro dos diários foi “jogos e brincadeiras”. Então nesta situação as brincadeiras que de fato eram o nosso foco, não eram apenas um caminho para auxiliar o aprendizado dos nados.

Então enquanto tia Érika e tio Chico seguravam o elástico eu pulei e cantei para Maria pular em seguida. Tivemos uma situação engraçada, teve uma parte da música em que M. Cecília não estava conseguindo acertar, nós ficamos incentivando até que ela conseguisse, ela tentou umas cinco vezes até acertar e nós comemoramos muito. DJB2-TA (23/01/2019).

(...) Eu comecei sendo o pega. Primeiro peguei Letícia, nadamos para pegar tia Érika, depois pegamos lissa e o último a ser pego foi tio Chico, para pegar ele foi engraçado, pois ele ficou indo para um lado e outro e nossa corrente ficava dando “nó.” DJB2-TB (21/01/19).

(...) eu seria o morcego e eles iriam ficar em dupla, Biel com tio Chico e Maitê com tia Érika. O morcego ia tentar pegar as crianças, que teriam que fugir com a ajuda de tio Chico e tia Érika (DJB1-TC).

Assim como aponta Macarini, (1994) a brincadeira se torna fundamental para o desenvolvimento visto que desta forma os saberes e as descobertas são colocadas de forma

natural, livre de tensões. Neste contexto, no universo aquático é possível explorar diversas temáticas associadas ao ensino da natação. Houve o resgate de algumas brincadeiras antigas. O elástico, por exemplo, é tão antigo que na hora que eu iniciei as aulas, me deu um branco que me fez esquecer as músicas para pular. Perguntei a uma acompanhante (a avó) de uma aluna e ela também não lembrava, eis que terminei lembrando de uma música e ocorreu tudo certo.

E nós, na aula de natação fizemos o resgate de uma brincadeira que é tão antiga, mas que as crianças da atualidade não têm tanto contato.

5. OS PROCESSOS METODOLÓGICOS NO ENSINO DA NATAÇÃO

Neste momento iremos tratar os processos presentes na minha prática pedagógica, identificando os caminhos trilhados para auxiliar as crianças na construção do conhecimento. Assim como os princípios que norteiam a relação de ensino aprendizagem.

Para tratar os processos metodológicos na minha prática alinhei o que eu acredito enquanto professora aos registros presentes nos diários de campo. Desta maneira pude perceber que consigo por em prática aquilo que penso ser crucial nas aulas e adoto como essencial no processo de ensino aprendizagem mesmo que o conteúdo necessite de uma postura mais prática, ou seja, mesmo dentro dos processos que compõem a minha prática a comunicação é fundamental, para estimular o aprendizado dos alunos, posso dizer que é um dos princípios e se caracteriza através do diálogo/da linguagem.

(...) A construção do diálogo ocorre fazendo com que ela pense e tome iniciativas nas aulas. Por exemplo, pergunto quais os nados que já realizamos na aula até certo momento. Pergunto a diferença de um nado para outro. (DBP2-TA 09/01/2019).

Esta interação faz parte da rotina e faz com que a criança seja estimulada a pensar nos elementos presentes naquela aula, ela vai passar a pensar sempre no que está fazendo e/ou no que foi realizado na aula, ao invés de apenas fazer os movimentos da natação e voltar para casa.

Dentro dos processos metodológicos vivenciados nas aulas, é importante que sejam pensadas estratégias para que o aprendizado aconteça e seja vivido de forma significativa para as crianças. Neste íterim as aulas ministradas por mim no ETL são sempre pautadas de diferentes temáticas que se traduzem na vivencia de desafios.

Será possível compreender os processos metodológicos presentes na minha prática pedagógica no ensino da natação através da rotina das aulas com as crianças e os outros professores/as e ainda através da minha postura nas aulas.

5.1 A construção dos planejamentos nas aulas

Atualmente no papel de coordenadora no ETL passei a assumir entre outras funções, a organização do planejamento pedagógico mensal das aulas. Por ter mais aproximação e

formação voltadas a área pedagógica e por me identificar muito com a organização e planejamento das aulas, me dediquei mais a esta função de planejar e quando percebi já estava instigada pensando nas possibilidades para otimizar a organização do planejamento. Sendo assim, elaborei junto as outras coordenadoras uma dinâmica de organização da equipe, com o intuito de superar dificuldades encontradas no que concerne a participação efetiva de todos os professores/as e estagiários na construção dos planos de aula.

Antes a divisão dos grupos, os objetivos e os conteúdos do mês eram expostos no grupo da empresa em aplicativo de comunicação no celular e os membros de cada equipe ficavam responsáveis por se comunicar para trocar ideias, construir os planos de aula que deveriam levá-los no dia da reunião para a leitura coletiva com toda a equipe. Porém, em certas ocasiões tínhamos algumas dificuldades, por exemplo, por não ter uma pessoa responsável por estimular as pessoas no pequeno grupo a se organizarem para a construção dos planos, por vezes havia falta de comunicação e no dia da reunião tinha grupo que ainda não tinha concluído os planos da semana.

Outra dificuldade era que não dividíamos conteúdos específicos para cada semana/grupo, o que por vezes acarretava na construção de atividades “repetidas” e/ou dois grupos construía, por exemplo, atividades para trabalhar a braçada de um mesmo nado em semanas seguidas. Geralmente os professores que estavam na piscina driblavam a situação elaborando atividades diferentes das que eram propostas no plano.

Observando estas questões sugeri que colocássemos um líder para cada grupo. Este ficava com a função de construir um grupo no aplicativo de celular para facilitar a comunicação, instigar a equipe a se dedicar para a construção e ainda ficar sempre em comunicação comigo para tirar dúvidas e dizer o andamento dos trabalhos. Passei a organizar o planejamento em arquivo de word, colocando conteúdos específicos para cada semana, mesmo que o conteúdo seja o mesmo, sempre existe um foco diferente e em cada mês escolho um novo líder.

De maneira geral, eu construo o planejamento e a partir dele, a equipe constrói os planos de aula, estes voltam para que eu possa avaliar e dar possíveis sugestões.

Avalio que esta dinâmica será ainda mais rica quando conseguirmos driblar os desafios que existem no trabalho coletivo, que por vezes gera muito desgaste. Porém considerando que estamos em constante mudança e superação das barreiras que surgem neste processo de construção, tenho visto uma melhora significativa.

5.2 *Narrando nossa rotina aquática.*

Este momento foi pensado como uma maneira de narrar a rotina nas aulas desde a chegada das crianças até a despedida, trazendo o significado de cada momento.

5.2.1 *“A chegada das crianças”*

Todo o planejamento termina por colaborar na construção de uma rotina pedagógica, particularmente no meio aquático. A entrada das crianças na piscina varia, em algumas vezes elas entram pela escada, outras pela borda do fundo com um pulão de “boa tarde”. Considerando a organização dos momentos das aulas do ETL, é rotina iniciar com um “aquecimento⁵”, que na nossa realidade consiste em realizar atividades lúdicas diferenciadas e agitadas, para preparar a criança para as atividades seguintes. A meu ver é fundamental que **a chegada da criança seja um momento alegre para que ela fique ansiosa e motivada para vivenciar o que irá ocorrer no decorrer da aula.** Para isso faço questão de mostrar que estou feliz com a chegada deles e busco conversar rapidamente para que eles se sintam mais à vontade e já explico como iremos iniciar.

Avaliando os diários identifiquei que inicio a aula sempre com uma atividade de aquecimento o que já é cultural no ETL. Nestes aquecimentos propomos atividades com estímulos sensoriais, atividades que trabalham agilidade, lateralidade, noção de espaço e ainda atividades com associações entre as cores etc. De maneira geral em nossa rotina o aquecimento nas aulas no ETL proporciona atividades com estímulos psicomotores. Em cada mês o foco é em estímulos diferentes, escolhemos um dos citados anteriormente, e mensalmente são elaboradas atividades que trabalhem esses estímulos, para quê, em cada semana as crianças possam vivenciar de maneira diferente.

Porém em minha postura acrescento sempre um elemento que posso denominar de **diálogo inicial.**

Iniciei a aula perguntando se elas estavam bem, se foram para a escola e o que aprenderam, elas foram respondendo e partimos para a aula. Perguntei a Letícia se ela lembrava o que fizemos na aula passada, o que tivemos da praia na nossa aula. Ela ficou envergonhada mas falou do picolé e do castelo. (DBP2-TB 09/01/2019).

Já iniciei cumprimentando com um “boa tarde”. Fui para perto de onde estava montada a atividade (pula casa com EVA), mas eles ficaram mais distantes, então eu chamei todos para ficarem mais perto (DJB2-TC 23/01/2019).

“Iniciamos a aula fora da piscina, brincando com pé de quenga de côco (...) Cumprimentei com mais um “boa tarde” e perguntei o que eles fizeram na escola. (DCc2-TA06/02/2019).

Em alguns momentos o diálogo acontece apenas para cumprimentar as crianças com um “boa tarde” e saber se elas estão bem, outros aproveito para instrumentalizar a criança, instigando-a a resgatar o que foi vivido na aula anterior. É importante utilizar as oportunidades para dialogar com os alunos, fazendo com que eles estejam cientes da rotina da aula, para que saibam o que vai acontecer em cada momento. O diálogo além de ser uma ferramenta estimular para instrumentalizar a criança no que concerne ao conteúdo da aula, também é fundamental para uma conexão entre o professor e o aluno e ainda uma conexão entre uma atividade e outra.

5.2.2 As atividades específicas “parte principal”

No plano de aula, costuma-se denominar o momento que não é o aquecimento nem o relaxamento, de aula/parte principal. Mas a meu ver, todos os momentos presentes na rotina fazem parte da aula e tem sua importância por acontecerem. Um momento está ligado ao outro e todos são fundamentais.

Durante este momento da aula entre o início e o final ocorrem sempre atividades que foquem no trabalho do conteúdo de forma mais específica. A meu ver isso explica a denominação “aula principal”.

*Joguei vários brinquedos que flutuam e que afundam e elas tinham que pegar apenas os animais marinhos. Cada uma tinha direito a 6 animais e tinham que pegar 2 de cada vez. **Tiveram que escolher três entre os quatro nados.** Após pegarem todos os animais elas tiveram que **LEVAR PARA ENFEITAR O CASTELO** que estava na borda do fundo. O desafio era levar todos ao mesmo tempo. (DBP1-TA07/01/2019).*

*Sendo assim, espalhei halteres e prancha e ela teve que ir sempre fazendo apenas a braçada e voltar segurando o material e fazendo a pernada. Ela foi quatro vezes para realizar os **4 nados.** (DBP1-TB 07/01/2019).*

*o próximo desafio: eles subiram no tapete e ficaram equilibrando em cima da fita, com o estímulo do professores tinham que trocar a posição dos pés. Depois de mudar a posição eles foram correndo, **pularam na água e foram nadando como ESCOLHERAM para subir na borda.** (DBP2-TC09/01/2019).*

Mesmo sendo o momento para focar nos conteúdos mais específicos, é possível perceber que a aula acontece sempre com atividades e/ou desafios para que a criança seja desafiada a resolver alguma situação proposta, mas sempre realizando algum movimento dos quatro nados e/ou habilidades aquáticas.

A postura dos professores durante as atividades, é de estimular sempre os alunos a realizarem os movimentos da maneira correta. Eu enquanto a professora “responsável no horário” e “locutora da aula”, tento sempre estar no controle.

Normalmente eu tento observar tudo nas aulas. Até mesmo as reações dos pais. Estou sempre estimulando a criança que estou conduzindo e as demais que estão sendo conduzidas pelos estagiários. (DBP1-TA07/01/2019).

Eu sempre estou estimulando até mesmo as crianças que estão sendo acompanhadas pelos estagiários, pedindo para bater a perna forte ou abrir e fechar (quando iniciamos o nado peito), consigo observar as dificuldades da criança e na próxima atividade já me disponho a acompanhar a criança que vi que posso intervir para auxiliá-la em alguma dificuldade específica.

Entre uma atividade e outra realizamos os bolhões. Estes são realizados de várias maneiras. Neste momento dos bolhões, que dependendo da faixa etária chamamos de “bolinhas”, as crianças são estimuladas a realizar a respiração, soprando água. Trata-se de uma forma de introdução a respiração que acontece de maneira lúdica, através de brincadeiras, músicas e desafios. O bolhão também contribui para manter a aula dinâmica, pois entre uma atividade e outra as crianças fazem o bolhão enquanto preparamos o próximo desafio.

No meio da conversa ela disse que estava cansada, chamei para fazer o bolhão com deslize (...) chamei para fazer bolhão todo mundo (ela e nós professores) de mãos dadas. (DJB2-TA23/01/2019).

Após estes momentos de interação que nos acomete com muitos risos, aprendizados e experiências peculiares com as crianças, chega a hora da despedida. É comum proporcionarmos no momento do relaxamento brincadeiras, que podem ocorrer de maneira calma com músicas e/ou mais agitada através de um pega pegou, por exemplo.

Após a brincadeira de boca de forno foi a hora de dar tchau. Então chamei tio Chico e tia Érika para fazer um círculo”.(DJB1-TB 21//01/19).

“Eles deitaram e nós cantamos a música da estrelinha: “brilha brilha estrelinha, brilha brilha lá no céu, brilha brilha, estrelinha eu amo papai do céu”. (DBA-TC 14/01/2019).

eles foram brincar na piscina com areia da praia, dessa vez a idéia era que eles brincassem com os brinquedos que nós pedimos (na aula anterior) para trazer(DBP2-TA 09/01/2019).

É importante observar que estes momentos citados anteriormente representam turmas diferentes, ou seja, faixa etária e níveis diferentes, assim como aconteceram em temáticas eram diferentes. O que nos permite perceber que existe uma relação entre a temática, a faixa etária das turmas e a forma em que acontecerá o relaxamento. Assim, quando a temática era jogos e brincadeiras o relaxamento aconteceu com a brincadeira boca de forno, quando a temática foi acampamento eles relaxaram deitados no tapete (as cabanas) e catamos músicas, já que a faixa etária era de 3 e 4 anos de idade. No último momento citado, a temática era praia (brincadeiras de praia) e o relaxamento aconteceu fora da piscina com a brincadeira na areia.

Deparamo-nos com o estranhamento de muitas crianças que resistiam em brincar com a areia, o que exigiu que na maioria das aulas nós também colocássemos a mão na areia para estimular a brincadeira. Aproveitando para reviver a infância, em toda aula eu sempre fazia um castelo de areia e pedia que eles fizessem também e enfeitassem com brinquedos.

5.2.3 “A hora do “TCHAUUUU PIIHSCIIHINAAAA” e o diálogo final”

Hora de ir embora, a hora de terminar a aula temos dois momentos importantes que se traduzem primeiramente no resgate do que foi vivenciado durante aquele dia, instigando a criança a pensar o que achou da aula:

Após o momento de brincar na areia, chamei todos para dar o abraço. Perguntei se eles gostaram, e disse que na PRÓXIMA AULA IAMOS SURFAR. Pedi que eles trouxessem objetos que eles usam quando vão a praia e brinquedos que levam a praia para usar na areia.” DBP1-TC (07/01/2019).

Chamamos as meninas para saber o que acharam da aula e fizemos um abraço do tchau piscina. (DBP2-TB 09/01/2019).

Após a brincadeira, foi a hora do TCHAU, fizemos um círculo fora da piscina e perguntei se eles gostaram e, Gabriel gritou “siiiiiiiiiiiiiiim”, Malu ficou calada.Então eu disse que eles estavam de parabéns, que nadaram bem e conseguiram realizar todos os desafios. (DBP2-TC 09/01/2019).

O diálogo final acontece mesmo que seja um momento curtíssimo, onde instigo que eles ao menos pensem se gostou ou não da aula e o porque. E por vezes, aproveito para avaliar aquele dia, elogio e/ou chamo a atenção, se eles não se comportaram.

O segundo ponto importante na despedida é criar um ambiente muito harmonioso e feliz, para que a criança saia da piscina com uma memória positiva daquela aula e já saia

querendo que chegue a próxima. Então tento sempre proporcionar uma despedida muito feliz, unindo todos em um círculo, e no já, nos abraçamos e falamos muito alto: “tchauuuupiiiiisciiinaaa”.

Falei que no já íamos dar o abraço do tchau. Conteí e nos abraçamos falando muito alto: tchaaaaaaauuuupisciiiiiiiiiiiiiiiiiiiiinaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa. Beijos e abraços turminhaaaaa. (DF-TC29/04/19).

Sim, o tchau é feito com muita intensidade e alegria, para mim é um sinal de que a aula foi divertida e uma maneira de já deixar a energia positiva para a próxima aula. O tchau piscina se tornou um hábito, já faz parte da cultura do espaço e a meu ver, tornou parte da minha identidade enquanto professora deste universo.

É engraçado que quando damos o abraço do “tchau” a eu falo: tchau piscina, beijos e abraço turminha. Isso já é uma mania minha, era algo peculiar na minha prática. Porém eu me deparei com tio Chico fazendo exatamente da mesma forma que eu, por vezes pareceu até que tínhamos combinado. Mas eu olhei meio torto para ele e comecei a sorrir. (DJB1-TC 21//01/19).

Acrescentei o “beijos e abraços, turminha” e quando me dei conta tinha outra pessoa fazendo exatamente igual. Senti-me um tanto invadida e por hora achei que tinha sido “copiada/imitada”, mas refletindo compreendi que estou numa posição em que as pessoas se espelham e aprendem comigo e foi isso que aconteceu.

Certa vez **usei “tchau piscina” como uma forma de “puxar a orelha” da turma.** Todos eles estavam mergulhando e não prestavam atenção no que eu explicava, utilizei várias estratégias e nada. Então na hora de ir embora eu disse que não iríamos fazer o tchau, pois estava triste por eles não prestarem atenção na aula. Então expliquei em tom mais alto, para os pais ouvirem, que não tivemos o tchau por eles não obedecerem e disse que na próxima aula teríamos o tchau se eles colassem o bumbum⁶ e prestassem atenção.

Confesso que foi um tanto tenso para mim, uma vez que a aula acabou e eu simplesmente disse tchau turma, eles me olharam e eu disse que eles quem escolheram. Pedi que eles pensassem se na outra aula iam querer sair da piscina tristes, eles balançaram a cabeça e foram saindo, fiquei com o coração apertado, mas era necessário.

5.3 O diálogo no cotidiano de ensino nas minhas aulas: saber fazer ou fazer sabendo?

Nós professores não podemos nos acomodar deixando de explorar todas as possibilidades de comunicação possíveis para facilitar o aprendizado estimulando o pensamento crítico dos alunos. Digo isto, pois me peguei numa prática pedagógica um tanto alienadora, não sei se realmente posso julgar assim, mas estava me vendo por vezes diante de uma “prática vazia”⁷.

É interessante que hoje posso enxergar com mais clareza as estratégias utilizadas nas minhas aulas para facilitar o ensino da natação. No início da minha experiência no universo de ensino da natação encontrei dificuldades em lidar com as crianças, por ainda não ter encontrado uma maneira de me comunicar com elas. Porém aos poucos fui me envolvendo e mergulhando no universo infantil, e não faz muito tempo que identifiquei o quanto o diálogo tem sido uma das maiores ferramentas para um ensino de qualidade. Você pode está lendo esse texto agora e se perguntar: Diálogo nas aulas de natação? Não basta falar e/ou mostrar e o aluno faz?

Pois bem, quem pensa assim se engana, passei a observar que faltava mais diálogo em minha prática, quando dizia para as crianças realizarem algum nado, elas não sabiam realizá-los se eu não mostrasse executando o movimento, isso me deixou preocupada. Eu passei a observar que estava sendo recorrente em aulas diferentes. Então fui buscar onde estava errando, o que estava deixando de fazer.

Observei que mesmo em um ambiente em que as crianças vivenciavam os conteúdos da natação de maneira lúdica, eu estava adotando uma postura alienadora, focando apenas no movimento. Estava deixando de estimular os alunos a pensarem no movimento, e a identificarem o nome dos nados. Então passei a mudar essa postura e vi resultados que me deixou orgulhosa por ter visto que valeu a pena ter ressignificado minha prática pedagógica.

Segundo Vygotsky (1994), a linguagem é um instrumento que media as relações estabelecidas entre os sujeitos. E a linguagem segundo Terra e Prado (2016) a partir das palavras agenciadas pelas crianças, os sentidos do mundo e das relações que elas estabelecem com o mundo são internalizadas e passam a ser significadas em suas consciências:

As palavras são a matéria com que trabalha o pensamento; se faltam as palavras, falta o pensamento. A palavra estabiliza um sentido, organiza o mundo para aquele que passa a ver e conhecer a cultura humana e a natureza: com ela, amplia-se a memória, o conhecimento do mundo, o controle da própria conduta que se exerce pela linguagem interna. (MELLO, 2005, p. 38).

Esta fala acima, é interessante, pois associando a minha prática, observo a eficácia ao usar as palavras de forma mais frequente. O uso das palavras nas aulas, vai além do momento de explicação da atividade e/ou do conteúdo, por exemplo, numa **“conversa de pé de ouvido”**⁸.

É incrível que através da interação social o professor consegue envolver as crianças no universo pensante em que elas são capazes de se enxergar e agir como um sujeito participante fundamental na construção do conhecimento. Para Terra e Prado (2016) a sociabilidade infantil ocorre a partir de diversas manifestações, como, por exemplo, por meio de conflitos, dos diálogos e das brincadeiras. Cada criança se torna detentora de diferentes emoções e linguagens resultantes de sua experiência do mundo. Quando esses “conhecimentos” são compartilhados com o coletivo infantil, o mundo vai sendo recriado pela criança ao mesmo tempo que a própria identidade vai sendo (re) adquirida (CANAVIEIRA; CALDEIRON, 2011).

Escolheram até o sabor. Mas eu disse que eles teriam que comprar, dei dois reais (imaginação) e eles tinham que saltar de bombão, fazer o braço de borboleta e ir comprar o picolé (tinham que chamar o vendedor, perguntar o valor e o sabor). (DBP1-TC07/01/2019).

Ainda não satisfeita com a brincadeira, mesmo após ter dado um valor imaginário para cada um comprar o picolé, ainda estimei que eles chegassem na “barraca do picolé” e chamassem a vendedora imaginária, que neste caso era eu. Eles tinham que perguntar quanto era e eu ficava criando valores para ter que dar troco a eles.

Nesse jogo de imaginação e interação as crianças passam a ser estimuladas a pensar e a desenvolver a criatividade. Além de desenvolver as habilidades para aprender a nadar. Os desafios surgem (mediados pelo professor) e para conseguir superá-los e resolvê-los os alunos precisam utilizar, por exemplo, a pernada de um nado para conseguir chegar até a “barraca do picolé”. Mas a interação não termina quando brincadeira acaba, pois o professor utiliza o momento prazeroso da brincadeira para promover o momento de aprendizado significativo fundamentando, através do diálogo, tudo o que foi vivenciado, mostrando, por exemplo que a criança conseguiu chegar a “barraca do picolé” por ter realizado a pernada com nado.

Pude observar que o diálogo é um dos elementos fundamentais no processo de ensino e não está ausente na minha prática pedagógica. Nas turmas maiores, mesmo que os estímulos sejam diferentes, não se pode deixar de incentivar o pensamento através do diálogo, através das atividades. Nos registros a seguir podemos observar em momentos de aulas em cada turma de que maneira o diálogo acontece:

(...) Perguntei como era o nado crawl completo e ela mostrou, mas eu pedi pra ela não mostrar, mas falar como é o movimento, ela ficou envergonhada mas eu falei e disse que quando eu perguntasse, queria que ela falasse como acontece o movimento. Aproveitei para perguntar qual nado que ainda não tínhamos realizado. Ela pensou, pensou, nós fomos falando os que já fizemos, eu falei que faltava um que fazemos “olhando para o céu”, na mesma hora ela lembrou e falou. DJB2-TA (23/01/2019).

Pergunto quais foram os nados que já realizamos até aquele momento e quais faltam. (...) digo que elas irão nadando de costas... pergunto como faz, qual a pernada que faz para acompanhar a braçada... para onde olhamos ao realizar este nado: para o céu ou para o fundo. DCc2-TB(06/02/19).

Eu “Pronto agora que meus amigos estão com gasolina, então o desafio vai ser ir para o outro lado nadando crawlzinho completo, quem lembra como é o crawlzinho? Como faz o braço?” Eles mostraram e eu falei: “ muito bem, é o bracinho da roda gigante, girando um braço depois o outro e batendo uma perna e a outra (DJB1-TC23/01/2019).

É possível perceber que a forma de desenvolver o diálogo tem sua peculiaridade em cada turma, mas a conversa não deixa de se fazer presente. É importante que nestes registros evidencia-se como costume abordar o conteúdo. Sempre questionando, fazendo com que a criança pense no que já foi feito, podendo sempre resgatar o que ela internalizou de tudo o que já foi abordado. Mas é provável que as crianças apresentem sua relação com o conteúdo de maneira diferente umas das outras, pois elas enxergam o mundo de formas diferentes, as trocas entre as crianças e o meio acontece numa relação muito peculiar pois, o desenvolvimento inerente a cada ser depende também de suas experiências culturais, depende

de como cada uma é estimulada e se é estimulado. Depende de como ocorrem as trocas em outros meios, no contexto familiar, escolar etc.

5.4 Os meios que estimulam a participação prazerosa nas aulas de natação: Desafios, contação de história.

O desafio vai ser dar um pulão de bombão direto para o cavalinho (espaguete) e ir até o outro lado fazendo o braço do peito do coração. (DJB1-TC 23/01/19).

Lançar mão **dos desafios** dentro das aulas de natação para estimular a participação da criança nas atividades me parece uma grande sacada. Esses desafios vêm em forma de resolução de problemas onde a criança é desafiada a se desdobrar e resolver. Na verdade a criança pode se ver como personagem, como um protagonista naquele momento, o que torna sua vivencia mais prazerosa.

Embora nem sempre as atividades se caracterizem verdadeiramente como desafios, utilizo na explicação a palavra desafio e minha fala e expressão estimulam a criança a se ver diante de uma situação em que ela deve se superar.

Todos subiram e eu coloquei o tapete na posição horizontal, disse que: “o desafio agora será fazer uma flechinha sentados e ir ao encontro do tapete sozinho. (DJB1-TC 23/01/19)

Cotidianamente nos deparamos com vários tipos de reações vindas das crianças etrês dessas são muito comuns. Umhas crianças já criam uma barreira e dizem que **não conseguem**, outras dizem que **conseguem se nós professores ajudá-las** e outras já dizem **que é fácil demais**. Nossa postura é fundamental para dar um “desfecho” positivo a cada desafio vivenciado.

Nas três situações exemplificadas anteriormente é necessário que o professor saiba lidar com cada uma respeitando sua peculiaridade. Quando a criança falar que não consegue, o professor deve **criar caminhos para que a mesma seja instigada a tentar**. Quando ela diz que consegue com a ajuda, o professor se mostra disposto, porém cria meios para que **a criança tente sozinha**. E por último, quando a criança falar que é muito fácil, o professor **deve acrescentar algum outro obstáculo e comemorar muito quando a criança conseguir**.

É fundamental ressaltar a importância de a criança ter conseguido conquistar o desafio, mesmo que cada uma tenha realizado a sua maneira. Isso faz com que cada momento da aula seja alegre e prazeroso, uma vez que estamos **sempre vibrando com as conquistas e tentativas dos nossos peixinhos**. Isso faz com que a criança se sinta em um ambiente feliz e possa querer sempre mais.

Vai nadar como quiser para dançar frevo no tapete. Combinado? Será que vocês conseguem? Eu quero ver? Lêlê falou: você me segura, tia? “Eu Claro, Lê, a gente sempre segura” (DCvTA27/02/19)

Na minha fala fica evidente que estou estimulando as crianças a se sentirem “desafiadas” a realizar a atividade e sempre me ponho a disposição para acompanhar a criança.

Outro meio de tornar os momentos da aula atrativos e prazerosos é trazer a **contação de história no momento de explicar o desafio**. Desta maneira consigo estimular a criança a “entrar no mundo da imaginação” e ela passa a participar de cada momento em que estou explicando para vivenciar aquela atividade em forma de desafios. É neste ínterim que vamos agregando os conteúdos da natação às temáticas tratadas em cada semana.

Olha só turminha, hoje nos teremos o desafio dos escoteiros (fui explicando mudando o tom da voz e fazendo uma expressão de espanto para segurar a atenção deles) vocês já ouviram falar nesse nome? Eles só me olhavam, e eu expliquei que são pessoas que enfrentam aventuras na natureza, são aventureiros fortes. Vocês entenderam? Agora todo mundo vai subir na borda devagar para se transformar em ESCOTEIROS DA ÁGUA.” (DBA-TC14/01/19).

Expliquei: “vocês estão vendo esse desafio? Agora vocês terão dar um pulão de BOMBÃO e terão que passar por cima do tapete IMITANDO UMA COBRINHA, não podem tocar na corda, tem que ir bem devagar para passar sem tocar. Quando passarem do desafio, terão que ir para o outro lado imitando uma cobra. Combinado? Todo mundo entendeu?(...)Então vamos lá, o peixinho pediu para Gabriel ser o primeiro, fica em pé biel, prende o pezinho na borda”. Conteí e no já ele pulou. (DBA-TC14/01/19).

Neste desafio a temática tratada era sobre os escoteiros e para **se transformar em escoteiros da água** eles precisavam enfrentar alguns desafios. Ao explicar a atividade coloco um valor naquilo que é proposto para eles fazerem, faço expressões faciais, mudo o tom da voz para que realmente eles se envolvam com o que está proposto.

Na minha concepção **criar um contexto** que se torne significativo para a criança faz com que ela viva aquele desafio de maneira mais prazerosa e ainda preste mais atenção na aula.

Então perguntei: “Clarinha, para onde você vai viajar para pegar sua gasolina, eu vou para Fernando de Noronha” e vocês ? Clarinha disse que ia para Porto de Galinhas, tia Érika Disney e tio Chico brincou dizendo que não precisava de gasolina, porque já estava muito forte. (...) Então expliquei que tínhamos que ir nadando CRAWL COMPLETO a toda velocidade, mas que quando precisássemos atravessar a rua (na largura da piscina) tínhamos que ir no FUNDO DO MAR (SUBMERSO).

Nesta situação acima, normalmente fazemos quando a atividade é realizar o percurso retangular da piscina realizando algum nado. Eu poderia simplesmente dizer o nado e qual era o percurso. Mas porque abrir mão de estimular a criatividade e imaginação da criança? Eu sempre escolho criar uma situação e deixar a criança empolgada para em seguida dizer o conteúdo, ou seja, primeiro estímulo a imaginação com uma história e logo após incluo o conteúdo específico da natação a ser realizado.

5.5 A interação entre os conteúdos e as atividades presentes nas aulas de natação: superando a especificidade dos quatro nados

(...)agora que vocês já acertaram todas as cores, nosso desafio agora vai ser passar para o outro lado colocando a mão e o pé na cor que eu falar, entenderam? Vou mostrar, tio Chico, vai dizendo as cores que tenho que seguir, por favor” (DJB1-TC 21/01/19).

Antes de iniciar este estudo não havia parado para avaliar os conteúdos tratados no espaço de natação onde atuo. Mesmo sendo tão presente na organização dos conteúdos, chegando a ser chamada por alguns parceiros da equipe por “a menina do plano de aula”, apenas agora me dei conta da tamanha diversidade de conteúdos abordados no ETL, ao vivenciar esse trabalho autoetnográfico. Até considerava obvio pensar nos conteúdos de ensino da natação. Eis que me deparei com certa dificuldade ao buscar de forma analítica os conteúdos abordados nas aulas.

Toda esta dificuldade surgiu quando enquanto professora/avaliadora da minha prática, precisei “**olhar de fora**”, para poder ter com exatidão a tamanha diversidade de conteúdos abordados nas aulas de natação. Pude admitir e identificar através dos diários de campo que nas aulas não abordamos especificamente apenas conteúdos voltados à aprendizagem da natação. O que me permite dizer que atualmente, esta modalidade pode ser vista tranquilamente com um viés multidisciplinar. A partir da minha intervenção no ensino da natação no ETL, posso afirmar que a aprendizagem é além dos quatro nados. E isto é algo inerente a proposta do espaço, que visa a formação do ser de forma integral.

Segundo Friori (2017) a natação infantil foi criada em sua origem para prevenir afogamentos. Sendo assim para Costa et al (2012) o ambiente aquático inclui habilidades fundamentais, entendimentos e posturas que antecedem a aquisição de possibilidades avançadas no meio aquático, como os nados convencionais e a segurança na água.

Mas os registros nos diários mostram que no ETL as habilidades fundamentais, dos quarto nados e da segurança na água são acompanhados de outros elementos que auxiliam no desenvolvimento de diferentes aspectos no universo infantil.

Os registros nos diários de campo foram realizados em grande parte durante o mês de férias e isso significa que foi possível fazer os registro de como ocorrem normalmente as aulas de férias. Os outros momentos mesmo não fazendo parte das férias também contém aulas temáticas e ainda voltadas ao processo avaliativo. Os diários referem-se às **temáticas: Brincadeiras de praia, brincadeiras de acampamento, jogos e brincadeira**. Estas três primeiras temáticas foram pensadas com o intuito de resgatar as brincadeiras cotidianas, que são vivenciadas em casa e/ou na escola e/ou em outros momentos pela criança e foram abordadas nas férias. Já a **temática de circo, carnaval e a mostra evolutiva e farra** foram abordadas em outros meses.

Perguntei se eles brincam na areia quando vão com os pais e eles responderam que sim DBP1-TC (07/01/19).

Falamos sobre o que gostamos de fazer na praia, perguntei o que elas fazem, falei que gosto de construir castelo na areia e disse que nosso PRÓXIMO DESAFIO DBP1-TA(07/01/19).

Após a música subimos na borda e eu perguntei se eles já foram para o circo e eles ficaram confusos. Falei que no circo tinha palhaço e algumas brincadeiras. (DCc1-TC 04/02/2019).

Iniciamos cantando para que os alunos realizassem o desfile. Cantamos e batemos palmas: “Olinda quero cantar a ti esta canção”. Ao chegarem na borda, conversei com eles, Perguntei se eles estavam com Gasolina e perguntei quem gostava de carnaval. Eles responderam que sim e eu falei: “então vamos fazer nosso carnaval na piscina e dançar muito”(DCv-ta27/02/2019).

Nesta aula o diálogo maior foi com os pais. Já que o momento era de AVALIAÇÃO. Então eu fundamentava algumas ações e os outros professores ajudavam as crianças a realizar. Sempre deixando um espaço para o pais fazerem perguntas. (DME-TB 27/03/2019).

Os registros anteriores mostram alguns momentos das minhas aulas, onde é possível perceber as diferentes temáticas que foram abordadas durante o processo autoetnográfico. Estas temáticas nos mostram que além das atividades educativas para se trabalhar os 4 nados existem atividades para estimular as habilidades aquáticas as quais podemos dizer que são pertencentes ao universo das habilidades de preparação para o desenvolvimento dos nados.

(...)SALTO DE BOMBÃO: Saltaram de bombão e foram de PARAFUSO ATÉ O RASO.(...)MUDANÇA DE DECÚBITO: Foram flutuando em decúbito ventral (...) (olhando para o fundo do mar) e ao sinal tinha que mudar para o decúbito dorsal (olhando para o céu).(DCc2-TB 06/02/2019).

Considerando-me apenas uma parte dentro do universo do ETL, posso dizer que muito da minha prática é fortemente influenciada pelo que é proposto, a partir da filosofia do próprio espaço. Nas aulas de natação com o público infantil, é imprescindível respeitar as etapas de cada turma e de cada criança. Neste registro acima, retirado de um dos diários, é possível observar que existe uma linguagem adequada para o público e ainda uma atividade que vai preparar a criança para as próximas etapas. Nos parênteses está descrita a maneira pela qual eu falo com as crianças referindo-me a decúbito dorsal *estrela do céu*, decúbito ventral olhando para o chão *estrela do mar olhando para o fundo*.

No ETL as atividades e conteúdos são organizados de maneira contínua. Avaliando os registros nos diários de campo, observei que existe organização para que a criança realize atividades e dentro delas desenvolva os conteúdos da natação.

Então eu brinquei que estava dando dois reais a cada uma, elas teriam que saltar de bombão e falar alto o sabor. Em seguida foram girando de parafuso e ao chegar na borda do raso tiveram que COMPRAR O PICOLÉ” (DBP1-TA 07/10/2019).

Neste contexto, nas aulas sempre ocorrem uma relação em o conteúdo dos quatro nadados e as atividades que culturalmente apresentam um caráter lúdico. A criança é estimulada a vivenciar as atividades realizando o movimento de algum nado.

O primeiro desafio foi ir batendo a perna de CRAWL segurando o espaguete como o avião, passando pela tempestade que os professores fizeram. (DBP2-TA 09/01/19).

Nestas atividades por mais simples sejam, as crianças são estimuladas a fugir da tempestade, utilizando o espaguete como o avião e precisam bater a perna a toda velocidade.

(...)Espalhamos vários brinquedos na parte funda e Letícia teve que pegar apenas os animais marinhos. Obs: ela foi duas vezes e teve que trazer a maior quantidade que conseguisse. Foi GIRANDO DE PARAFUSO E A VOLTA ERA LIVRE. (07/01/19).

Aqui já observamos que os conteúdos presentes são as habilidades aquáticas e ainda a identificação dos animais que são marinhos e os que não são. Esta é uma forma de trazer novos conhecimentos às crianças e extrapolar o universo da natação, para tornar a aula mais atrativa e proporcionar outros aprendizados.

De maneira geral, no ETL os conteúdos específicos da natação são trabalhados dentro das atividades que estão voltadas para diferentes temáticas em cada mês e normalmente são construídas sub-temáticas para a semana. Então as aulas não são voltadas a repetição de braçadas, pernadas e saltos, por exemplo. Sendo assim, mas aulas cada temática proporciona o aprendizado de algo a mais, algo que vai além dos quatro nados, sem negligenciá-los.

5.6 Adaptações necessárias no contexto das aulas

O conteúdo é o mesmo em todas as aulas no ETL, mas cada professor pode realizar atividades de acordo com o perfil de sua turma, desde que esteja dentro da dinâmica que o ETL acredita e aconteça de forma fundamentada⁹. Sendo assim posso dizer que existem situações em que é necessário fazer algumas adaptações. Estas podem ser referentes **à organização da aula e/ou a forma de estímulo individual por parte do professor.**

(...) A questão de COMPRAR O PICOLÉ não estava no plano, mas eu tive a idéia e sabia que as crianças iriam gostar, então eu aderir. DBP1-TA(07/01/2019).

(...)Considerando que o desafio seria ir nadando peito completo e passar pelo tapete fazendo malabarismo, decidi adaptar. (...)Primeira adaptação, deixei eles se familiarizando com a ação de jogar as bolinhas e segurá-las. Pedi que jogassem para o alto e tentassem segurar de volta; que jogassem com uma mão e segurassem com a outra.(...)Fiz ainda duplas, um jogando a bolinha para o outro.

(...)Desafio: acertar o arco no amigo:fiz mais uma adaptação. Coloquei tio Chico para ser o alvo, pois fiquei com receio que as crianças de machucassem.

(...)A atividade de lançar o arco no alvo, avaliei que seria mais fácil para as crianças lançarem estando em cima da mesa, já que a profundidade da piscina poderia atrapalhar.

(...)Modifiquei a ordem da atividade inicial porque o material que estava programado para ser utilizado dentro da piscina, não teria o mesmo efeito quando molhasse. (DCc1-TA,04/02/2019).

Considerando os registros, é possível perceber que nas aulas fazemos a distribuição dos conteúdos mais específicos da natação dentro das temáticas, para que seja um momento mais atrativo que permita um aprendizado prazeroso para a criança. Nas minhas falas acima, deixo evidente que tenho total autonomia para fazer modificações e acrescentar as atividades de acordo com o público em que trabalho.

Nesta dinâmica a adaptação da organização caracteriza-se através das atividades que normalmente são modificadas, acrescentadas e até “excluídas” de algumas aulas. Mas para realizar essa adaptação é importante conhecer as turmas para saber o que pode ser realizado ou não. Por vezes acontece de você acrescentar e/ou mudar uma atividade e ainda assim não funcionar com determinada turma, neste caso o professor precisa ter jogo de cintura e agir rápido para driblar a situação.

A dinâmica do picolé, por exemplo, eu pensei por saber que as **crianças amam mergulhar no mundo da imaginação, do faz de conta**, e eu também acabo fazendo parte deste faz de conta. Então eu pensei comigo: como posso trazer o picolé para fazer parte da aula de forma mais atrativa? E a resposta foi realizar a compra, onde eles tinham que saltar da borda anunciando o sabor que iria querer e ir nadando até o local que vende picolé. Engraçado que em algumas turmas nós brincávamos pedindo que alguma criança perguntasse se aceitava cartão, e nós caíamos na risada.

O momento do malabarismo, não teria como eu pedir que as crianças já fossem passar pelo tapete realizando o desafio, sem que antes elas tivessem **um momento de vivência com as bolinhas**, uma **familiarização com a ação de passar a bola de uma mão para outra**. Passar por cima do tapete já é uma atividade que requer um desprendimento da criança para trabalhar o equilíbrio, imaginem ainda acrescentarmos o malabarismo sem um contato prévio. Sei que ainda foi mínima a vivência que proporcionei, mas seria mais complicado não ter um mínimo de tempo para praticar. Na minha concepção é preciso que antes de “propor que a criança realize algo” instrumentalizá-la, levar a ela uma fundamentação.

Outros momentos de adaptações exitosas

(...) Sem contar que o brinquedo era muito grande e talvez não fosse adequado para essa turminha. E iria demorar muito a atividade, já que tinham muitas crianças.

Na hora que as crianças chegaram e eu me dei conta que não teria como usar o material com elas, mobilizei tia Érika e tio Chico para desamarrar umas tiras de TNT que tínhamos nos materiais e fomos prendendo no dedo deles, colocamos nas duas mãos para dar um efeito bonito. Por só ter pensado nesta possibilidade naquele exato momento, demoramos um pouco para começar e foi um pouco corrido o início. Mais a meu ver, foi muito positivo e valeu a pena ter demorado um pouco. (DCc1-TC 04/02/2019).

Nesta situação eu teria duas escolhas, não realizar a atividade inicial programada, ou tentar fazer com uma criança por vez, deixando inicialmente cinco esperando, pois me deparava com 6 crianças de 3 e 4 anos ansiosas para entrar na piscina. Então minha opção foi **criar uma terceira opção**, que a meu ver foi a melhor de todas, pois mesmo que as crianças tenham esperado um pouco para vivenciar a atividade, eles esperaram juntas e quando iniciamos fui propondo criando uma atmosfera bem dinâmica em que eles precisavam realizar diferentes movimentos balançando as fitinhas.

(...)Falei da cama elástica (associei ao pula pula) e disse que nosso próximo desafio seria passar pelo pula pula e ir nadando no fundo do mar.O PULA PULA FOI O TAPETE. (...) O pulapula no tapete foi uma invenção minha, não estava no plano, mas eu pensei em associar o tapete ao pulapula para adequar ao perfil da turma, já que são crianças menores e normalmente gostam de brincar no pula pula. (DCc1-TC 04/02/2019).

Este registro foi de algo que aconteceu na turma dos menores (**turma C**). Tentei proporcionar algo prazeroso sem fugir da temática que era o circo, então na hora que todos os alunos estavam sentados na borda, rapidamente me veio esta ideia.

Não seguimos fielmente o plano de aula. Quando observei a euforia dos alunos e a falta de atenção, decidi fazer atividades (mais dinâmicas, com bolhões mais movimentados) que não necessitasse de muita atenção por parte dos alunos, tentei algumas vezes “me conectar” com a energia deles (DF-TA 29/04/2019).

Não faria sentido apenas focar no plano de aula que é proposto, se não estamos conseguindo envolver as crianças no que está sendo proporcionado naquela aula. Então sem deixar de lado conteúdo, quando observo que as crianças estão mais eufóricas e não estão prestando atenção, penso logo que é preciso fazer atividades mais dinâmicas, sem parar por muito tempo para ficar “reclamando” “chamando atenção”. **Consigo a “atenção” quando envolvo a criança na minha brincadeira e a partir daí ela me deixa fazer parte do seu mundo** naquele estado de euforia.

É impressionante o quanto me envolvo e tento fazer com que as aulas contemplem cada turma e todos os alunos. Digo isso porque voltando aos diários me vem a memória estes

momentos de invenção/adaptação com o intuito de proporcionar uma aula rica de procedimentos metodológicos para que seja um momento feliz para cada criança. Falo isso sentada no meu quarto escrevendo, mas na verdade estou voltando ao tempo exato daquela aula em que precisei fazer adaptações, me imagino na borda junto aos companheiros de trabalho recebendo os alunos cumprimentando-os com um “boa tarde” e um sorriso. Mas por dentro já estou esquematizando tudo o que vou fazer, pensando no que posso trazer de diferente para agregar ao plano de aula daquele dia e é assim todos os dias, com o objetivo de sempre trazer algo inovador para as aulas, mas na verdade o diferencial é o olhar cuidadoso e a energia que desprendo em cada aula.

É verdade que os planos de aula são realizados coletivamente e passam por mim para que eu faça sugestões, mas não tenho como pensar apenas nas minhas aulas e sugerir modificações específicas para aquele plano para que seja realizado em todas as aulas de ETL. Por isso faço as adaptações em cada aula. Sem contar que em grande parte as ideias surgem na hora e eu realizo.

Cotidianamente recorro também à adaptação na forma de estimular individualmente o aluno. Considerando que cada criança tem uma história de vida diferente, o que interfere diretamente na maneira como ela irá responder aos estímulos, o professor deve estar sempre atento para buscar alternativas adequadas para cada criança.

5.7 Aliando nomenclaturas lúdicas alternativas para facilitar a aprendizagem dos gestos técnicos dos nados.

Por tratar-se de um contexto de ensino aprendizagem que aborda a iniciação da natação, não utilizamos como foco principal a nomenclatura técnica dos nados nesta fase, nem tampouco o nome técnico das movimentações, por exemplo, não falamos “propulsão”. Para facilitar o aprendizado sobre a nomenclatura dos nados, busco uma aproximação com a realidade dos alunos, utilizando vocabulários que fazem parte da vida deles. Principalmente para estimular a consciência corporal.

Primeiramente ocorre uma construção que faz com que a criança vivencie a movimentação do nado, sem que isso seja “exigido” dela. A cada atividade proposta, as crianças são desafiadas a realizar movimentos específicos dos nados, de acordo com o público.

Pronto agora que meus amigos estão com gasolina, então o desafio vai ser ir para o outro lado nadando crawlzinho completo, quem lembra como é o crawlzinho? Como faz o braço? Eles mostraram e eu falei: “ muito bem, é o bracinho da roda gigante, girando um braço depois o outro e batendo uma perna e a outra (...) Eu falei: muito bem, é o bracinho da roda gigante, girando um braço depois o outro e batendo uma perna e a outra(DJBI-TC-21/01/19).

Trazer o “bração da roda gigante” é uma maneira de estimular a criança a pensar para realizar, uma vez que, ao imaginar o movimento e o tamanho da roda gigante irá também associá-los ao gesto técnico do nado que terá que realizar, que neste caso trata-se do nado crawl.

(...)biel, esse bração tem que sair da água, ele tem pegar uma estrela lá no céu e mergulhar ela no fundo do mar”. (DJBI-TC 23/01/19).

Então eu falei: “é o braço da RODA GIGANTE, que a gente faz girando um bração depois o outro, pegando uma estrela lá no céu e colocando ela no fundo do mar”(DCc1-TC 04/02/2019).

Ocorre um **entrelaçamento de uma cultura externa ao ambiente aquático**, que traz a roda gigante enquanto elemento da cultura da criança, e a estrela do céu, que faz parte da cultura da criança no meio aquático, pois sempre falamos da estrela do céu que tem que ser pega e levada ao fundo do mar (fundo da piscina).

Ao abordar os gestos técnicos do **nado borboleta**, normalmente falo que os braços saem juntos e entram juntos e a perna é coladinha da sereia e do golfinho:

Eles ficaram empolgados, entreguei a prancha e falei que o peixinho me pediu para fazerem novamente a perna da SEREIA E DO GOLFINHO(DBPI-TC 07/01/2019).

Para que as crianças possam visualizar o gesto técnico do nado, identificando que uma perna precisa ficar colada a outra, normalmente junto os braços e faço o movimento. Então além de explicar verbalmente como se faz, também realizo o movimento para que a criança possa associar. Costumo dizer que os braços saem atrás “levam um ventinho” e são jogados para frente para entrar novamente na água.

Levar um “ventinho” foi mais uma linguagem que criei como alternativa para que as crianças possam entender que o braço precisa sair da água. Essa expressão é nova na minha postura pedagógica. Ela surgiu após algumas tentativas de pedir para um aluno tirar o braço da água ao realizar o nado borboleta e não funcionar, então pensei na hora e me veio a idéia do “ventinho”. Deu certo e agora eu sempre utilizo.

Quando trabalho **o nado peito** também utilizo uma nomenclatura para que as crianças possam entender com mais facilidade. Normalmente iniciam associando o movimento a nomenclatura que faz parte do universo delas.

Após passar pelos espagueteles eles foram nadando PEITO COMPLETO (perguntei a Cecília com é o movimento deste nado). A Davi, tia Érika fez o movimento com ele, explicando que faz O BRACINHO DO CORAÇÃO E A PERNA DA TESOURA. (DBP2-TA 09/01/19).

(...)O desafio vai ser dar um pulão de bombão direto para o cavalinho (espaguete) e ir até o outro lado fazendo o braço do peito do coração (DJB2-TC 23/01/19).

Utilizamos **o braço do coração para associar ao gesto técnico da braçada do nado peito e a perna da tesoura para a pernada**. Nos relatos acima, temos duas situações. Na primeira turma, a faixa etária é mais avançada, onde não preciso mais falar as nomenclaturas lúdicas, porém tivemos um aluno que não estava na faixa etária da turma e por isso com ele abordagem foi diferente da que costumamos ter nesta turma. Tia Érika precisou falar sobre o braço do coração e a perna da tesoura.

No segundo relato as crianças ainda não conseguem se deslocar sozinhas. Nesta turma ainda utilizamos bastante as nomenclaturas lúdicas, mas sempre explicando o movimento de cada nado.

Para trabalhar **o nado costas** normalmente tratamos os seus gestos técnicos associando a pernada do jogador e da bailarina e ainda a perna do gesso. Para que eles tenham a noção que precisam deixar as pernas estendidas e ainda os joelhos dentro da água. Na maioria dos casos pedimos que a criança deixe o joelho escondido na água e que levante a barriga. A braçada nós pedimos que eles tirem o braço da água apontando o polegar para cima, girem o braço bem grande e dêem o tchau antes de o braço voltar para água com o dedo mindinho entrando primeiro.

(...)Ir de crawl completo para pegar duas bolas, volta nadando costas completo com uma bolinha em cada mão. Colocar as bolas dentro de uma bóia, e já voltar nadando borboleta completo para trazer mais duas bolinhas, nadando peito completo.” (DCc1-TB06/02/2019).

Considero o nado costas um dos mais difíceis de ser ensinado, pois além de uma ótima flutuação e independência aquática, exige uma coordenação motora para que a criança consiga realizar de forma sistematizada a braçada e a pernada. Por isso ao trabalhar este nado, na maioria das aulas é preciso dar o apoio a criança para que ela realize os movimentos dos membros.

Voltando aos registros do diário, me pego pensando nas falas e avalio que, de certa maneira, não trata-se apenas de **entrar na realidade da criança para significar o conteúdo, na verdade nós criamos nossa realidade juntos, unindo os traços culturais da criança aos nossos, o que resulta na nossa cultura de aula do ETL, e mais especificamente, na dinâmica cultural aquática das aulas de “tia Lila”.**

Digo isto, por ter consciência que mesmo tendo aprendido os princípios de aula do ETL e adotá-los em todas as aulas, criei minha identidade dentro do espaço e uma forma peculiar de me relacionar com as crianças e com os outros professores, e isso é algo inevitável, pois mesmo existindo os princípios do ETL a serem seguidos e respeitados, necessita-se de alguém que os coloquem em prática, e nesta relação de materializar o que já é estabelecido, se dar com as influências culturais desse alguém (professor) que está incubido desta missão.

5.8 Cantando no fundo do mar: as músicas como auxílio para a aprendizagem dos gestos técnicos dos nados

Desde cedo as crianças são estimuladas a ouvir sons de diversas formas e a representar esses sons e crescerem ouvindo e interpretando aquilo que ouvem. Normalmente as músicas trazem movimentações, mudanças de ritmos e as crianças são estimuladas a imitar. Para Santos (2019) imitando o meio e as pessoas ao seu redor, a criança apreende e treina suas novas aquisições.

Através da música a criança é estimulada a “imitar” os movimentos presentes nela. Na realidade do ETL, as músicas são estratégias fundamentais para ajudar a criança a se desenvolver no meio aquático. Seja através da proposição de momentos alegres em que reunimos as crianças para interagir e cantar em conjunto, seja para estimular individualmente a realização dos movimentos associados à música.

As músicas estão presentes nas turmas de acordo com faixa, sendo utilizadas coletivamente e/ou individualmente.

(...)TESTAMOS A GASOLINA de todos, batendo a perna muito forte. (fomos batendo a perna e cantando: turminha da natação, todo mundo batendo o pezão. (DBP1-TC 07/01/2019).

Neste momento nós estimulamos as crianças de forma coletiva, o que pode acontecer em vários momentos. Nestes momentos buscamos criar uma atmosfera de interação e alegria para que as crianças se sintam mais felizes e estejam mais receptivas e realizarem as atividades a fim de construir o aprendizado mais significativo.

(...)Todos sentados na borda, pedi que batessem a perna forte enquanto nós cantamos “eu vi um sapo na beira do rio, de camisa verde tremendo de friofriofrio, não era sapo, nem perereca, eram as crianças batendo a perna”... bate a perna forteeeeeee. DJB2-TC (23/01/19).

Normalmente estes dois registros anteriores acontecem com todas as crianças juntas sentadas na borda ou todos deitados no tapete. Considero estes como momentos coletivos em que utilizamos a música para estimular a criança a bater a perna. Eles acontecem em turmas com faixa etária menor, que no caso deste estudo trata-se da turma C.

Os momentos individuais podem acontecer com as crianças menores (da turma c, por exemplo) e também com os alunos das outras turmas que (turma A e B).

A música é utilizada individualmente quando cantamos para a criança realizar o movimento corretamente.

Desta forma, para estimular a criança a realizar a pernada do nado peito cantamos bem próximo a criança: **“a porta do ônibus abre e fecha, abre e fecha, abre e fecha”**. Nossa postura depende da resposta da criança. Algumas necessitam que o professor cante e realize inicialmente o movimento ao mesmo tempo, outras nós cantamos eles realizam. Podemos cantar mais rápido e mais lento.

Para realizar a braçada do peito cantamos: “puxa,puxa, puxa puxapuxa.” Vendo a dificuldade que algumas crianças apresentam ao realizarem os movimentos da braçada e pernada ao mesmo tempo (realizar o nado completo) resolvi juntar as músicas:”**puxa puxa puxa e abre e fecha**”, costumo deixar um tempo para a criança realizar a braçada enquanto vou cantando, em seguida acrescento o abre e fecha. Parece simples, mas é uma estratégia que contribui muito para que a criança consiga realizar os movimentos.

Associamos o movimento do nado crawl à roda gigante, e quando vamos realizar braçada deste nado cantamos: “um braço e o outro girando o bracinho, um braço e o outro girando o bracinho”. Para a estimulação da pernada do crawl normalmente cantamos a música

do sapo, **o sapo não lava o pé**, ou **“bate perna bate perna bate sem parar, vai batendo a perninha você vai nadar”**ou **bate o pé, pé pé, bate o pé, pé pé, bate o pé, pé pé, bate o pé mas que chulé”**. Estas musicas se repetem quando estamos trabalhando a pernada do nado costas.

Para o nado borboleta, normalmente cantamos a música da borboletinha realizando o movimento dos braços simultaneamente. E para a realização da pernada nós associamos a perna da baleia. Cantamos: a baleia a baleia, é amiga da sereia, ela faz tchibumtchibum, ela faz tchibumtchibumchuáchuá.

Para trabalhar todos esses nados nós sempre utilizamos as músicas para que a criança possa realizar os movimentos. Sempre que a criança apresenta dificuldade, utilizamos a música para facilitar e obtemos êxito utilizando esta estratégia. Por isso inserir a música nas aulas é uma estratégia fundamental para que a criança se divirta ao aprender.

6. ELEMENTOS DIDÁTICOS

Os elementos didáticos são os elementos constituintes de uma aula. Por isso iremos explicar sobre os componentes presentes no processo de ensino nas minhas aulas de natação no ETL. Buscando compreender alguns elementos didáticos presente nas minhas aulas de natação. Para Libâneo (1994) o processo de ensino está centrado na relação de ensino aprendizagem, o que significa dizer que está ligado ao ensinar (ação do professor) e ao aprender (relação do aluno com o conteúdo). Sendo assim, neste momento iremos dialogar sobre a dinâmica dos elementos didáticos nas minhas aulas.

Para compreender essa interação dos elementos didáticos, traremos considerações acerca dos conteúdos e os métodos, objetivos e avaliação e por fim, os recursos utilizados para concretizar a vivencia destes.

6.1 A interação entre conteúdo e método, objetivo e avaliação.

A influência da psicomotricidade na condução das aulas de natação no ETL

Trazer a influencia da psicomotricidade nas nossas aulas se faz importante por ela influenciar em grande parte tudo o que é planejado e colocado em prática no nosso dia-a-dia nas aulas de natação. Na verdade, pude compreender melhor (olhando enquanto pesquisadora) o nosso método, que segundo Libâneo (1994) refere-se ao caminho para atingir os objetivos. Ainda segundo o mesmo autor os métodos ensino decorrem de uma concepção de sociedade, da natureza da atividade humana no mundo, do processo de conhecimento e, particularmente, da compreensão da prática numa determinada sociedade.

Pode-se dizer que o método refere-se à maneira adotada para abordar o conhecimento nas aulas, tendo como base uma concepção de sociedade e de sujeitos que se busca formar. É neste momento que entra a psicomotricidade enquanto influenciadora das aulas no ETL.

Embora seja um espaço que tenha a natação como sua modalidade principal, o ETL tem como **objetivo a transformação do ser de forma integral** e é desta vertente que surge o entrelaçamento com a psicomotricidade. Isso significa que nosso trabalho vai além de apenas “ensinar os quatro nados”. Para traduzir melhor essa questão do ser integral, “**o ser além dos quatro nados**”, tentei traduzir brevemente alguns entendimentos sobre o conceito de psicomotricidade e como ela se caracteriza nos momentos de aulas na natação.

Baseando-se no que diz Fonseca (2007) compreende-se que a psicomotricidade, por ter seus estudos voltados ao indivíduo enquanto ser global, levando em consideração o plano teórico e prático, ou seja, pensamento e ação, corpo e mente, ela atua estimulando amplos sentidos do ser humano, utilizando estímulos que transformem o psíquico e motor. Neste sentido, segundo este autor, o psiquismo relaciona-se “as sensações, as emoções, os afetos, os fantasmas, os medos, as projeções, as aspirações, as representações, as simbolizações etc.

Para Pinto (2010) a psicomotricidade é uma prática corporal que busca a superação das concepções biológicas e normativas da motricidade humana. Na Sociedade Brasileira de psicomotricidade (SBP), fundada em 1980, também encontramos contribuição acerca de uma definição do que vem a ser a psicomotricidade:

A Psicomotricidade é uma ciência que tem como objeto de estudo o homem por meio do seu corpo em movimento e em relação ao seu mundo interno e externo, bem como suas possibilidades de perceber, atuar, agir com o outro, com os objetos e consigo mesmo (SBP, 2007).

Com a influencia desta modalidade é possível trabalhar as diversas dimensões dos indivíduos, o que exige uma metodologia que estimule o pensar e o agir e a relação com os outros e consigo mesmo.

Localizando a psicomotricidade no contexto das minhas aulas desde que iniciei minha atuação no ETL, sempre foi evidenciado pela proprietária que as aulas neste espaço são organizadas e vivenciadas utilizando a psicomotricidade como mais uma ferramenta para facilitar o aprendizado. Confesso que ao me envolver neste processo de ensino, participando do planejamento das aulas, colocava e ainda coloco em prática tudo o que fui apreendendo neste processo dentro do contexto de ensino do ETL. No entanto, enquanto professora e sujeito de construção do conhecimento neste âmbito, nunca me questioneei quais elementos da psicomotricidade estão presentes nas aulas. De forma mais específica a pergunta seria o que

se tem da psicomotricidade em minha prática pedagógica nas aulas de natação? O que encontramos da psicomotricidade na rotina das aulas.

Psicomotricidade é a relação entre o pensamento e a ação, envolvendo a emoção. Como ciência da educação, procura educar o movimento, ao mesmo tempo em que envolve as funções da inteligência. Portanto, o intelecto se constrói a partir do exercício físico, que tem uma importância fundamental no desenvolvimento não só do corpo, mas também da mente e da emotividade. Sem o suporte psicomotor, o pensamento não poderá ter acesso aos símbolos e à abstração (SANTOS, 2008, p 09).

Vivenciar as aulas de natação tendo como influencia os fundamentos da psicomotricidade significa que é necessário oportunizar as crianças momentos de aprendizagem que desenvolvam os aspectos psicomotores, estimulando que elas se deparem com situações/desafios/problemas para resolvê-los. É uma forma de estimular o pensamento a inteligência da criança, uma vez que ela terá que pensar para agir, para encontrar uma solução. Normalmente a resolução do problema traduz-se numa resposta corporal, através de respostas motoras que são estimuladas através do desenvolvimento motor trazendo situações que trabalhem equilíbrio, lateralidade etc.

(...) o peixinho pediu para vocês passarem pelos tapetes, mas ele disse que vocês precisam passar de Ré (coloquei a mão na boca fazendo expressão de surpresa) será que vocês conseguem? Eles siiim. Perguntei qual a cor dos primeiros tapetes e eles responderam azul, eu falei muito bem, no azul vocês passarão de ré, no fundo do mar (submerso) e depois terão que passar no outro tapete correndo, mas continua de ré. (DBA-TC- 14/01/19).

*(...) Iniciamos a aula com o aquecimento fora da piscina, colocamos um joguinho de pular as casas em cima do tapete, e elas tinham que jogar o dado e pular as casas de acordo com o número do dado, **em cada casa tinha algum desafio.** (DJB1-TA-21/01/19).*

(...) Ela foi de crawl a toda velocidade, porém foi difícil para passar pela amarelinha, pois o tapete não é tão firme e ela teve dificuldade para se equilibrar, por isso nós seguramos a mão dela(DJB1-TA- 21/01/19).

Podemos perceber que as aulas são vivenciadas através de atividades que contém também os conteúdos da natação, que normalmente é alguma habilidade técnica dos nados. Mas estes conteúdos vêm sempre “camuflados” de muita diversão e desafios que fazem com que a criança aprenda de forma mais significativa. Acontece também o simbolismo que faz com que a criança utilize sua imaginação, isso acontece no primeiro registro dos diários apresentados acima, onde eu trago o peixinho para fazer parte do contexto das aulas.

De acordo com a faixa etária das turminhas, os desafios e os movimentos passam a ter um nível maior de complexidade até que a criança esteja pronta para realizar movimentos

mais complexos e ser apresentada a outras maneiras de lidar com o mundo, com outro e com seus próprios medos.

Na medida em que as crianças tornam-se “aptas”, atividades específicas para melhorar o funcionamento perceptivo-motor, ajustar as experiências motoras aos seus níveis de maturação, incorporar atividades bilaterais e transversais, depois que movimentos unilaterais, tenham sido bem estabelecidos, fazer o encorajamento das crianças a superar a timidez e a introspecção, incentivando-as a tomar parte ativa no programa de educação motora “demonstrando” e “contando” aos outros os que consegue fazer. A realização da correta execução de movimentos fundamentais, sem esforços mecânicos desnecessários, é o objeto básico, em termos dos padrões de desempenho, não utilizando a coordenação em conjunto com a velocidade e com a agilidade. Neste momento, a criança está pronta para um programa motor desenvolvimentista de natação (TORRES; SILVA. 2011, p. 41).

Na nossa rotina a psicomotricidade está presente em toda estrutura de aula, desde o início até o final. Toda sua influencia é o motivo pelo qual a organização das nossas aulas em sua grande maioria, aconteça através de aquecimentos com circuitos fora da piscina (normalmente são estímulos sensórios-motores com associações das cores etc.) e no seu decorrer apresente situações problemas para que as crianças realizem vivenciando os conteúdos da natação e tudo seja organizado através de temáticas relevantes para a vida da criança.

Confesso que quando pensei em falar sobre os conteúdos da natação vivenciados no ETL e como estes eram trabalhados com as crianças, me vi de mãos atadas por não saber como explicar. Tinha convicção de que **não era apenas natação** e que **não focamos de forma exacerbada nos quatro nados** mesmo se tratando de um espaço de natação. Compreender como a psicomotricidade atua, me fez ter fundamentos para explicar que tudo o que é trabalhado no ETL estimula a criança, é dito na psicomotricidade, em sua totalidade.

Sendo assim temos sempre resultados incríveis dentro do objetivo do ETL, as crianças aprendem sim os nados, mas adquirem muito mais, tendo o contato com diversas temáticas: reciclagem, alimentação saudável, autoconhecimento, segurança aquática, aulas temáticas das datas comemorativas entre outras.

Por fim diante todas as possibilidades apresentadas as crianças alcançam o objetivo de aprender a nadar e ainda são estimuladas em diversos outros aspectos como os psicomotores, que o faz com que elas aprendam a interagir com meio. Então posso dizer que nas minhas aulas proporciono às crianças o desenvolvimento das habilidades aquáticas gerais, habilidades técnicas da natação e concomitantemente o desenvolvimento em outras áreas à medida que proporcionamos no dia-a-dia, atividades que promovam a lateralidade, noção de espaço, além

dos temas voltados à alimentação saudável, reciclagem aos jogos etc. sempre trabalhando aspectos de socialização através da afetividade e interação com os outros indivíduos.

Assim, tendo a psicomotricidade como influenciadora de nossas aulas no ETL, e portanto, das minhas aulas, é possível dizer que não apenas “o como ensinar”, mas também “o que ensinar” é fortemente enraizado pela influencia da psicomotricidade, por isso, mesmo sendo um espaço de aprendizado voltado ao aprendizado da modalidade natação, trazemos muitos outros conteúdos, além das habilidades específicas de cada nado.

A partir das contribuições de Libâneo (1994) posso dizer que conteúdos são o conjunto de conhecimentos, habilidades, atitudes de atuação social etc. São organizados pela pratica pedagógica e, segundo o mesmo autor, englobam conceitos idéias, fatos, habilidades cognoscitivas entre outros.

Tratando-se dos conteúdos específicos voltados para a aprendizagem da natação eles são voltados às habilidades aquáticas gerais que para Catteau e Garoff (1990) desenvolvem a autonomia, a familiarização com o ambiente. Segundo Langerdorfer e Bruya (1995) são responsáveis por formar a base para o desenvolvimento das outras habilidades motoras específicas. Isso significa que as habilidades aquáticas gerais objetivam a adaptação e independência da criança no meio aquático, atuando como a preparação para a aquisição das habilidades técnicas dos nados. Essas habilidades aquáticas geralmente são vivenciadas em atividades contextualizadas, pois elas estão experimentando e desenvolvendo as habilidades através de atividades lúdicas, através de desafios:

(...) HORA DO BOLHÃO... fizemos o bolhão colocando o bumbum no chão. (DBP1-TA -07/01/19).

(...) PASSARAM POR BAIXO DO TAPETE e subiram na borda. (DBP1-TA - 07/01/19).

(...) Em seguida foram girando de parafuso (DBP1-TA -07/01/19).

(...) FLUTUANDO para subir na borda do fundo. (DBP1-TB- 07/01/19).

(...) Bolhão com deslize (DJB2-TA- 23/01/19).

(...) falei do malabarismo, das acrobacias (cambalhotas, giros, plantar bananeira). (DCc1-TA- 04/02/2019)

(...) DESAFIO da CAMA ELÁSTICA: saltar de bombão direto para o tapete e já salta na piscina. Em seguida ir plantando bananeira até o outro lado.(DCc1-TB-04/02/19).

(...) ao final do tapete realiza a cambalhota e continua NADANDO DE COSTAS. (DCc1-TB- 04/02/19).

(...) **MUDANÇA DE DECÚBITO**: Foram flutuando em decúbito ventral (olhando para o fundo do mar) e ao sinal tinha que mudar para o decúbito dorsal (olhando para o céu). (DCc2-TB- 06/02/19).

Isso significa que atividades contextualizadas a que me refiro acontecem sempre como um caminho para que a criança realize o conteúdo específico, posso dizer que trata-se de uma preparação. Por exemplo, sugerimos que a criança realize o bolhão colocando o bumbum no chão e/ou realizando o deslize ou ainda girando de parafuso, dessa forma ela está passando pelo processo de adaptação no meio aquático através do desenvolvimento das habilidades aquáticas gerais.

Antes de se questionar qual estilo aprender primeiro, nós deveríamos identificar qual habilidade aquática todos os nadadores precisam adquirir antes de considerar qual dos nados formais deve aprender. (LANGERDORGER, 2013, p. 288).

A vivencia das habilidades técnicas no nosso contexto de aula no ETL não é tão evidenciada, fugimos de atividades mecânicas, mas não deixamos de trabalhá-las, as crianças se deparam com tais habilidades técnicas de acordo com a faixa etária e através de atividades lúdicas:

(...)Sendo assim, espalhei **halteres e prancha** e ela teve que ir sempre **fazendo apenas a braçada** e voltar **segurando o material e fazendo a pernada**. Ela foi quatro vezes para realizar os 4 nados. (DBP1-TB- 07/01/19).

(...)Tinham que **SALTAR DE FLECHA** e ir nadando fazendo a **PERNA DO GOLFINHO E DA SEREIA (borboleta)**. (DBP1-TC 07/01/19).

(...)Mas eu disse que eles teriam que comprar, dei dois reais (imaginação) e eles tinham que saltar de bombão, **fazer o braço de borboleta** e ir comprar o picolé (tinham que chamar o vendedor, perguntar o valor e o sabor). (...) Após chupar o picolé, **UNIRAM A PERNA DE GOLFINHO AO BRAÇO DE BORBOLETA PARA NADAR BORBOLETA COMPLETO** (DBP1-TC 07/01/19).

(...)O primeiro desafio foi ir batendo a **perna de CRAWL segurando o espaguete como o avião**, passando pela tempestade que os professores fizeram. (DBP2-TC 09/01/19).

(...)Então fomos batendo a perna e cantando **“o sapo não lava o pé”**. (DBA-TC-14/01/19).

(...)Hora da flechinha: expliquei que íamos fazer o salto de flechinha e perguntei se elas sabem como é que faz esse salto, **qual parte do corpo entra primeiro na água**. Coloquei um espaguete para cada uma, elas saltaram pegaram o espaguete e foram segurando eles **como aviões e batendo a PERNA DE CRAWL**.(DJB1-TA-21/01/19).

(...)tinham que ir fazendo apenas a **BRAÇADA DO CRAWL**, (perguntei como era e elas mostraram o movimento, e eu pedi que elas falassem como faz) pegar o espaguete e voltar fazendo apenas a **PERNADA DO CRAWL** (...). Ao chegar ao fundo, tinham que deixar o espaguete e voltar nadando **CRAWL COMPLETO**.(DJB2-TB-23/01/19).

Pode-se perceber que a vivência das habilidades da natação ainda não aparece com tanto foco para a aprendizagem das técnicas, mas as crianças já são estimuladas a realizar os movimentos técnicos através de atividades contextualizadas. Quando realizo uma atividade em que o foco é a aprendizagem na pernada do nado crawl, por exemplo, o desafio para a criança será chegar ao outro lado para “pegar uma gasolina”, porém, para isto será preciso que realize a pernada do nado crawl para conseguir chegar ao destino e pegar a gasolina.

A apresentação das técnicas dos nados acontece de diferentes maneiras, normalmente utilizo a forma verbal associada a demonstração¹⁰. Muitas vezes explico (ao coletivo) o nado realizando o gesto, peço que eles repitam comigo e ainda, em alguns momentos, quando observo que alguma criança tem mais facilidade e está realizando o movimento mais próximo da movimentação desejada, peço que os amigos olhem ele realizando. Mas a apresentação da técnica associada a demonstração de forma coletiva acontece em momentos rápidos, quase sempre acontece na parte mais rasa da piscina. Pedimos que as crianças colembum na borda e prestem atenção.

Além dessas estratégias para apresentar as habilidades técnicas da natação, também é comum a presença de linguagens que facilite o aprendizado, para que a criança consiga relacionar o movimento à linguagem utilizada.

O desafio vai ser ir para o outro lado nadando crawlzinho completo, quem lembra como é o crawlzinho? Como faz o braço?” Eles mostraram e eu falei: “ muito bem, é o bracinho da roda gigante, girando um braço depois o outro e batendo uma perna e a outra. You contar 1,2,3 e no já a gente vai nadando crawlzinho completo.. Conte e eles pularam da mesinha.(DJB1-TC 21/01/19).

Utilizar a “roda gigante” é uma estratégia de apresentar a técnica a criança, que por sua vez, tentará realizar a braçada do nado crawl, fazendo com que o braço saia da água e retorne realizando o movimento.

Outra estratégia, após o primeiro contato com tais habilidades técnicas é sempre trazer questionamento para fazer a criança pensar e assim lembrar como se realiza o movimento em cada nado. Assim damos continuidade ao ensino através das vivências, trazendo o diálogo, a demonstração, as linguagens e ainda músicas para apresentar as técnicas, mesmo que não

¹⁰ Aqui a demonstração a que me refiro trata-se de realizar o movimento enquanto explico. Por exemplo o nado crawl, explico como funcional e giro o braço sem sair do lugar, com a perna eu uso os dedos da mão para mostrar que bate uma perna após a outra.

seja ao repetitivo, uma vez que o conteúdo específico da natação é trabalhado sempre vinculado à diferentes temáticas.

Dias (2007) sinaliza que o ensino da natação tem se caracterizado pela sistematização das seqüências pedagógicas compostas por conteúdos pré-determinados para aquisição das técnicas dos quatro estilos de nados (crawl, costa, peito e borboleta). A autora diz ainda que as seqüências pedagógicas possuem habilidades técnicas pré-determinadas para a aquisição dos quatro nados, que terminam por supervalorizar o fim, deixando de focar nas etapas que cada indivíduo precisa passar. A criança se prejudica, deixando de passar pelas etapas de aprendizagem de forma qualificada e o resultado é o desinteresse pela vivência da modalidade. Como foi observado:

Elas afirmam que: Quando o ensino é focado no produto aspectos como a etapa de desenvolvimento da habilidade do nadar em que o aluno se encontra, sua faixa etária, seus interesses e possibilidades físicas particulares não são considerados, o que pode tornar a aprendizagem monótona e sem significado para quem aprende e repetitivo e desinteressante para quem ensina. (FERNANDES & LOBO 2006, p.5).

Fugindo desta vertente que foca unicamente na supervalorização da técnica, no ETL os quatro nados são vivenciados sim, mas são abordados dentro de atividades, de forma que as crianças realizam os movimentos de cada nado no contexto de atividades lúdicas e desafios propostos para que eles enfrentem.

*(...)Então eles tiveram que **MONTAR O CIRCO NA PISCINA**: A tarefa deles era **pegar o material que seria a lona do circo**. Eles foram realizando apenas a **BRAÇADA DO CRAWL**, pegaram o espaguete e voltaram segurando o mesmo fazendo apenas a **PERNADA DO CRAWL**(...) Eles montaram o circo colocando os espaguetes presos no tapete, formando um arco colorido de espaguetes. Então o **PRÓXIMO DESAFIO** foi passar por dentro do circo sem desmontá-lo e **ir nadando CRAWL COMPLETO** para subir na borda DCc2-TA (06/02/2019).*

Criamos um ambiente lúdico para que, mesmo estimulando o trabalho do nado de forma específica e existindo até a fragmentação dos movimentos, a criança realize de forma leve, por exemplo, realizar apenas a pernada de um dos nados para pegar algum brinquedo. Ela se esforçará para, ao final daquela atividade, concluir o que foi proposto pelo professor (montar o circo) mesmo não sendo o objetivo maior fazemos com que a criança acredite que é. Mas para ela conseguir chegar ao final, precisa realizar o movimento que é proposto, que no caso acima foram os movimentos do nado crawl. Mas eu sempre explico qual o movimento e em qual nado realizamos o mesmo. Se não fosse dessa forma, estaria “formando crianças

alienadas”, por pedir apenas que elas realizem o movimento para “montar o circo” sem ressaltar o movimento realizado.

(...)Joguei vários materiais e elas foram 4 vezes: na primeira foram de CRAWL completo e podiam voltar como quisessem. Na segunda PEITO completo e teriam que trazer o material usando apenas as mãos (nesta etapa Júlia teve dificuldade em pensar numa forma de voltar). Na terceira BORBOLETA completo e teriam que trazer o material de costas. Na quarta, foram nadando COSTAS completo e teriam que trazer apenas 1 material todas juntas. (...)elas escolheram os materiais por conta própria e montaram o circo(DCc2-TB-06/02/2019).

Essa turma entre as três acompanhadas neste trabalho é a que possui crianças com a faixa etária maior. Nela as crianças já nadam de maneira independente. A maioria das crianças já sabe realizar os nados e seus nomes. Consigo explorar bastante o espaço da piscina e fazer atividades mais longas incluindo mais de um nado. Esta atividade de montar o circo é um exemplo, se compararmos as outras duas turmas é possível observar que propus uma dinâmica diferente para realizar a mesma atividade.

Assim foi possível observar que atrelado ao trabalho dos 4 nados estimulamos a criatividade já que a criança teria que escolher como iria voltar, atendendo ao critério lançado pelo professor.

(...)HORA DE MONTAR O CIRCO: Espalhamos espaguete e pranchas na parte do fundo e as crianças foram no fundo do mar, pegaram algum objeto e voltaram (...)Quando todos chegaram, nós montamos o circo em cima do tapete. Os espaguete eram a lona colorida do circo. Eles passaram pelo circo bem devagar para não bater na lona e foram nadando crawlzinho completo para subir na borda. (DCc2-TC-06/02/2019).

Aqui as crianças já são estimuladas de maneira diferente. Nesta a dinâmica da aula também é diferenciada das anteriores. Observo dois pontos importantes a serem tratados. O primeiro a maneira em que as crianças são instigadas a ir buscar o objeto, propus que elas **fossem no fundo do mar**, expressão que utilizamos para eles **irem submersos** e já voltassem para a mesinha¹¹ com seu objeto. Pelo fato de serem crianças menores e ainda precisarem de apoio para se deslocar, normalmente realizo percursos mais curtos, para que seja possível que o professor possa dar o apoio a criança na realização dos movimentos.

¹¹ Nesta turma utilizamos mesas como suporte. Pois mesmo na parte mais rasa eles também não conseguem ficar com o pé no chão, então normalmente utilizamos duas mesas no raso e duas no fundo. As turmas com crianças maiores precisam apenas da mesa como apoio na parte do fundo, mas é em momentos curtos, diferentemente desta turma em que a mesa é fundamental para a aula.

Na turma B, normalmente conseguimos atividades em que a dinâmica aconteça com a ida de três, crianças, por exemplo, pois elas já são independentes e tem uma consciência corporal mais desenvolvida. Sendo assim eu posso me aproximar de uma criança e simplesmente pedir que ela gire o braço tirando-o mais de dentro da água, e já ir ajudar outra criança. Mas **com os menores a abordagem já é diferente, precisam de mais contato físico, associado a verbalização, a música**, sem contar que ainda não nadam totalmente sozinhos.

Neste conjunto de atividades envolvemos os conteúdos da natação as habilidades aquáticas, nados de sobrevivência, saltos os quatro nados entre outros, mas a forma de abordar os conteúdos e realizar as atividades ocorre sempre de acordo com a realidade da turma e respeitando as necessidades dos alunos.

Em parceria com as atividades que estimulam que os alunos desenvolvam os conteúdos da natação, é fundamental que o professor consiga ser criativo trazendo novas possibilidades de vivências, pois diferentemente dos que focam unicamente na aquisição das técnicas, no “produto” o fim. **Focamos no “meio, no processo”, na qualidade das vivências.** A preocupação é pautada em como os conteúdos serão apresentados a cada criança e como conseguiremos instigá-las a construir o conhecimento.

*(...)Tia Manu inicia jogando mais brinquedos na piscina e explica que eles terão que pegar o brinquedo de acordo com a cor que ela falar. Tinham que ir nadando crawl na ida evoluir **no fundo do mar (submerso)**. Eles teriam que **repetir até pegarem todos os brinquedos**. Então eles fizeram quatro vezes, na ultima vez, eu fiz sinal para tia Manu deixar eles irem como quisessem,e ela falou alto.*

DF-TB(29/04/2019).

*(...)Então a primeira atividade foi a – **“BRINCADEIRA DO JACARÉ”**, consiste em uma pessoa (eu,sempre fico porque amo esse papel) ficar no meio da piscina fingindo ser o JACARÉ DORMINDO, e as crianças tem que fazer **o braço da Roda gigante e bater a perna forte para nadar crawlzinho**) silenciosamente para **NÃO ACORDÁ-LO**. (DF-TC29/04/2019).*

É interessante observar que nas duas turmas, respeitando o nível, proporcionamos atividades para que elas vivenciem os nados. Posso dizer que o objetivo para a criança é mascarados pelas brincadeiras. Para elas o objetivo é apenas a brincadeira, para nós é que através da realização da brincadeira ela aprenda dentre tantos conhecimentos a realização de um nado, por exemplo.

Se observarmos o primeiro registro do diário DF-TB29/04/2019, existe um momento de repetição, onde a criança precisa nadar quantas vezes forem necessárias para recolher os

brinquedos espalhados na piscina. É óbvio que o professor está sempre mediando tudo, para não sobrecarregar as crianças. Por isso fiz sinal para tia Manu deixar que na última vez eles escolhessem a maneira de ir.

De maneira geral os conteúdos voltados à aprendizagem da natação (compreensão dos movimentos e nomenclatura dos nados) são trabalhados a partir de temática e/ou resolução de problemas que sempre vêm associados a prática de algum dos nados que são selecionados no momento do planejamento mensal.

6.2 Entre flechinhas e bombões o olhar peculiar do professor: Avaliação

Olhar atento é olhar sensível, olhar cuidadoso, olhar que espera, olhar que antecipa, prevê, planeja, organiza. Olhar que conhece, acolhe, envolve, oferece afeto, põe limites, dá segurança, indica caminhos. Olhar de quem acompanha e se envolve em um processo repleto de detalhes e riqueza. (ORTIZ; CARVALHO, 2012).

Ao ler esse trecho sobre o olhar, me apropriei dele como se estivesse lendo e me vendo diante dos meus alunos. Já que metodologicamente a ideia deste trabalho é investigar minha própria prática pedagógica, aproveitei-me da situação e passei a olhar minha prática pedagógica com um todo, associando tudo o que faço a esse pequeno texto.

Um trecho tão pequeno, mas que diz tanto. Emocionei-me ao ler e interpretar que o meu olhar é capaz de interferir diretamente na experiência de cada criança. “São tantas crianças para apenas um olhar” e se nós professores formos capazes de olhar individualmente para cada uma, é possível que façamos a diferença na vida delas.

No contexto das nossas aulas no ETL estamos em constante avaliação, uma vez que cotidianamente observamos as crianças realizando as atividades e focamos no que ela está fazendo e pode melhorar.

Durante a realização da atividade eu e os estagiários estamos sempre corrigindo, pedimos para bater a perna, tirar o braço da água, estamos sempre dizendo para não tocar no chão, para estimular a independência das crianças. Quando elas terminaram os quatro nados, eu falei alguns elementos que elas precisam fazer para nadar melhor, perguntei se foi difícil. (DBP1-TA 07/01/19).

Posso considerar essa postura de correção com feedback que para Schmidt e Wrisberg (2001) é uma das principais funções para fornecer ao aprendiz informações sobre o seu movimento e o que pode ser feito para melhorar a execução. Neste caso trata-se de um

feedback extrínseco, por ter uma fonte externa ao corpo explicando o que pode ser feito para melhorar.

A natação conquistou uma perspectiva ampla na atualidade, suas aulas tem “deixado” de valorizar apenas o ensino dos gestos natatórios e passaram a pensar numa formação integral das pessoas.

Por isso além de observar e interferir do desenvolvimento “técnico” durante as atividades estamos constantemente observando o comportamento das crianças e isso é fundamental para a nossa intervenção. Então não basta focar na parte técnica, no feedback extrínseco, focamos em outros aspectos como a interação da criança com os outros e com o meio. É nesta situação que o “**olhar cuidadoso faz sentido**”.

Na verdade, nem utilizando o termo feedback extrínseco na nossa prática, pois ele nos remete demasiadamente a uma ação motora, como se esta fosse o foco, mas acontece o contrário. O único momento em que utilizamos o termo feedback é para dar um retorno aos pais sobre o desenvolvimento dos filhos. Isso ocorre diariamente, sendo algo “padrão” no ETL.

Esse olhar me faz compreender e ter domínio do que posso fazer em cada turma e como estimular cada criança.

*Certo dia eu estava apoiando Letícia, uma aluna que tinha iniciado os mergulhos, mas ainda era um tanto insegura para realizar o deslocamento sozinha. Ela mergulhava e ficava segurando a minha mão. Mas eu sabia que ela conseguia sozinha, e me antecipei **propondo um combinado com ela**. Falei: “lê, vamos fazer o seguinte, quando você mergulhar, eu vou soltar, mas minha mão ficará no fundo, você pode segurar quando precisar, combinado? Fizemos o combinado e ela gostou. Nas aulas seguintes, antes que eu falasse algo, ela fez: “aquele esquema, não é tia Lila?” Eu fiquei surpresa por ela não ter esquecido e ainda dizer que era o nosso esquema.(memórias marcante de tia Lila).*

Lembrei de contar esta experiência porque foi algo que me marcou, que me fez lembrar que vale a pena ter um olhar sensível e pensar estratégias peculiares “que não fazem parte do planejamento” para estimular a criança a ir além.

É fundamental **o olhar do professor para cada criança**. Por mais que as aulas sejam sempre muito movimentadas, isso não impede que cada criança tenha uma atenção individual.

Em cada ida a borda do fundo, estamos observando se a criança está realizando o nado da maneira correta. Quando a criança não está realizando a pernada corretamente os professores **signalizam a certa distância** “bate a perna Joana”, se a criança continuar sem bater, **nos aproximamos e falamos no ouvido**, mas se ela continuar com dificuldade

fazemos o contato físico (realizando o movimento), com todo o cuidado e se a dificuldade permanecer **associamos o contato físico a fala no ouvido**.

Estou sempre avaliando a execução do nado e corrigindo. Então em alguns momentos as crianças não estavam tirando o braço da água ao realizar a braçada do crawl, então me aproximei, peguei no braço fui (ao mesmo tempo em que realizava o movimento) falando no ouvido: o BRAÇÃO VAI LÁ NO CÉU E DEPOIS MERGULHA NO FUNDO DO MAR. DCc2-TA (06/02/19).

incentivo e estou sempre corrigindo, paro a criança e explico o que pode melhorar. Normalmente fico falando: bate a perna fulano 1, tira esse braço da água fulano 2, quando a criança continua fazendo “errado”, me aproximo, seguro no braço ou perna para fazer o movimento com eles, e falo sempre de perto, buscando a atenção dele.”DBP1-TC (07/01/2019).

Estes momentos citados acima acontecem durante toda a aula. É uma forma de incentivar as crianças, então as **aulas são sempre muito barulhentas**, estamos sempre falando “**muito bem**”, “**bate a perna**”, “**tira esse braço da água**” e estamos sempre comemorando a cada conquista da criança.

Cotidianamente estreitamos a relação com os pais, a medida que cada aula termina levamos as crianças para a escada e falamos que a criança foi muito bem na aula, se o contrário acontecer, chamo o acompanhante mais discretamente e peço que ele converse com a criança. Quando observamos que a criança está com algum comportamento muito diferente recorremos aos acompanhantes para saber se tem algo acontecendo. E ainda quando observo a insegurança dos pais por o seu filho ainda não ter conquistado independência nas aulas, eu tenho a postura de explicar que cada criança tem o seu tempo, fundamento o que estou priorizando com o seu filho para que ele alcance a independência esperada, **estretar os laços com a família** é uma marca do ETL.

Associando a educação escolarizada, digo que o dia-a-dia nas nossas aulas são os momentos de **avaliação informal**. Mas estes são os momentos mais importantes no contexto das aulas de natação no ETL. Nossa avaliação não tem preocupação com notas, com aprovações, as crianças não precisam passar por provas de desempenho.

Em contrapartida, temos um momento chamado de **mostra evolutiva**, que já foi falado anteriormente. É um momento em que a **criança se mostra aos pais e os professores fundamentam cada ação desenvolvida por eles**. Mas a meu ver, o mais importante é a avaliação que acontece cotidianamente através da relação professor-aluno, uma vez que, através do “olhar cuidadoso” o professor identifica as necessidades de cada criança e cria ações pedagógicas para atendê-las.

6.3 Os recursos utilizados no dia-a-dia das aulas de natação

Pensar nos recursos materiais utilizados em uma aula de natação parece algo obvio. Mas será mesmo tão obvio assim? Se olharmos para um ensino tradicional da natação, podemos até considerar que os materiais necessários para o ensino da natação são basicamente: espaguete, prancha educativa, nadadeira (pé de pato) e flutuadores para a perna e ainda os acessórios individuais touca e óculos.

Mas considerando o ensino da natação no ETL nos deparamos com uma infinidade de materiais que extrapolam os tradicionais. Isso acontece pelo fato de trabalharmos várias temáticas além dos quatro nados, o que torna fundamental a presença de materiais alternativos para dar suporte às temáticas trabalhadas no nosso dia-a-dia no meio aquático.

Além do espaço já apresentar um ambiente lúdico e atrativo para as crianças, normalmente o nosso ambiente é decorado de acordo com a temática que estamos tratando.

Então isso significa que além dos materiais tradicionais e os alternativos nosso ambiente também se torna um espaço de informações, uma extensão do que se é tratado durante alguma temática na piscina:

A piscina que tem lonas para a proteção contra ventos fortes e/ou chuvas, estava com todas as lonas levantadas e no espaço de fora, que podemos chamar de extensão da borda, estava com uma decoração de praia. Colocamos uma piscina inflável com área da praia, cadeiras de praia, guarda sol e vários animais marinhos infláveis, tínhamos ainda uma prancha de surf na decoração (...) Nós três estávamos com protetor solar no rosto, para caracterizar que estávamos na praia. (temática praia).

(...) A decoração foi organizada na área da secretaria, onde normalmente ficam os brinquedos. Foi organizado um mural verde com imagens informando alguns símbolos e cumprimentos dos escoteiros. Ao lado desse mural tinha uma fogueira feita com EVA e PAPEL CELOFANE vermelho e amarelo, formando o fogo. E ao lado desta fogueira estava uma BARRACA DE ACAMPAMENTO e umas placas coloridas de sinalização, que foi foram coladas em um cabo de vassoura. Estas placas sinalizavam as instalações do espaço... banheiros, piscina. (temática escoteiros).

(...) Amarelinha no chão (com fitas coloridas), boliche (este normalmente sempre está Lá), e um twister. Mais perto da piscina colocamos um jogo de pular casas (construído com EVA colocado em cima do tapete), acompanhado de um dado, também construído com EVA. (temática jogos e brincadeiras 1).

(...) Nesta semana tinha um mural com fotos de alguns jogos e brincadeira e tinha o nome "jogos populares". Colocamos amarelinha no chão (com fitas coloridas), boliche (este normalmente sempre está Lá), e um twister. Mais perto da piscina colocamos os elásticos, que utilizamos no aquecimento. (temática jogos e brincadeiras 2).

(...) tinham várias máscaras e sombrinhas de emborrachado no nosso mural (lona). Na estrutura de ferro que constitui o toldo do teto, várias bexigas com fitas para

deixar nossas aulas mais coloridas. A parte externa ao ambiente da piscina também estava em clima de carnaval com muitas fitas coloridas. (temática carnaval).

(...) Na lona que fica no fundo, construímos um mural de informações. Colocamos o nome da temática da aula, impresso um letra em cada folha. (...)As informações tratavam das etapas do desenvolvimento infantil no ensino aprendizagem da natação, que estava em uma pirâmide de Eva e cartolina. Conceito de natação, conceito de adaptação, conceito de propulsão. (temática mostra evolutiva).

O espaço físico também se caracteriza como um ambiente pedagógico que culturalmente apresenta uma decoração com os conteúdos que serão abordados durante a semana, para que possamos viver algo mais contextualizado, trazendo ainda os pais para o contexto.

Trata-se de um auxílio pedagógico, uma extensão do que é vivenciado no meio aquático. As brincadeiras que ficaram expostas na parte da secretaria, por exemplo, eram os pais e/ou acompanhantes que brincavam com as crianças, pois nós professores ficávamos na piscina. Então estimulamos as brincadeiras no nosso contexto no meio aquático e estimulamos que os acompanhantes dêem continuidade, que vivenciem também com as crianças.

6.3.1 Materiais pedagógicos específicos para a aprendizagem das habilidades técnicas da natação:

Cheguei a essa classificação (materiais pedagógicos específicos) para caracterizar os materiais que utilizamos para auxiliar as crianças no desenvolvimento das habilidades técnicas específicas da natação. Embora estes sejam utilizados para a iniciação, quando eles são utilizados, o foco é para a introdução da aprendizagem técnica dos nados.

QUADRO 7 Materiais pedagógicos específicos

DIÁRIO/DATA	DESCRIÇÃO NA ÍNTEGRA	CONTEÚDO	MATERIAL
(DBP1-TA 07/01/2019)	(...) Joguei três halteres e uma prancha para cada	Pernada	Halteres
(DBP1-TA 09/01/2019)	(...) segurando o espaguete como o avião		Espaguete
(DJB2-TB 23/01/2019)	(...) pegar o espaguete no e voltar fazendo apenas a pernada do crawl		Espaguete
(DBP1-TB 07/01/2019)	(...)passou por baixo do tapete e subiu na borda. (...) Brinquedos que flutuam e que afundam	Imersão	Tapete Brinquedos que

			afundam
(DJB1-TC 21/01/19)	(...) Coloquei um tapete distante e eles tiveram que pular de bombão direto para o tapete , não podiam cair primeiro na água	Impulsão para o salto	Tapete
(DJB1-TC 23/01/19)	(...) o desafio vai ser dar um pulão de bombão direto para o cavalinho (espaguete) e ir até o outro lado fazendo o braço do peito do coração .	Braçada	O espaguete como cavalinho para os menores
(DCc2-TC 06/02/2019)	(...) e em seguida fazer um flecha dentro do arco para procurá-la	Salto	Arco

6.3.2 Materiais pedagógicos lúdicos

São aqueles que não trabalham os conteúdos específicos da natação. Mas que auxiliam no aprendizado dos conteúdos trazidos em cada temática. Estes foram muito utilizados no momento em que eu estava fazendo os registros nos diários de campo, principalmente os momentos em que trabalhávamos as temáticas de férias. Em grande parte, foram brinquedos confeccionados pelos próprios professores do ETL já que o foco do mês era trabalhar as brincadeiras de praia, brincadeiras de acampamento, brincadeiras de casa.

Mas além dos brinquedos que foram confeccionados para esta temática de férias, nas nossas aulas, cotidianamente também existem os materiais que interpretei que posso considerar como os **Materiais Pedagógicos Alternativos**. Estes são utilizados **para dinamizar as aulas**, proporcionando uma visão que facilite a associação do conteúdo falado ao que se é pensado pelas crianças. Posso dizer que é uma forma de **ilustrar o conteúdo**, até porque trabalhamos com o público infantil e precisamos montar estratégias para **transformar o contato com o conteúdo em vivências prazerosas**. Por exemplo, construímos frutas e verduras de (EVA) e também palavras. Mapas de (EVA). Quando trabalhamos os conhecimentos da Matemática construímos números de (EVA) para que as crianças pudessem ligar. Na verdade construímos uma imensidão de materiais que mesmo não sendo específicos para a aprendizagem das habilidades da natação já fazem parte da cultura do ETL:

QUADRO 8- Materiais lúdicos confeccionados pela equipe

TEMÁTICA	DESCRIÇÃO NA ÍNTEGRA
----------	----------------------

<p>Temática praia (1 e 2)</p>	<p>(...) (fizemos picolés de EVA, tinham várias cores para eles associarem a cor das frutas) (...) Ela levou um óculos de sol e uma bolsa com brinquedos de praia, já que solicitamos que eles levassem objetos que usam para ir a praia. (...) Colocamos uma piscina inflável com área da praia, cadeiras de praia, guarda sol e vários animais marinhos infláveis. (...) RELAXAMENTO: Hora de brincar na praia. Letícia pegou seu óculos de sol</p>
<p>Brincadeiras de acampamento</p>	<p>(...) Para isso, temos que pegar o lenço dos escoteiros (de TNT) que tia Érika escondeu embaixo do tapete. (...) Passar por baixo da corda, o desafio era passar sem encostar nela. (...) Um símbolo dos escoteiros (TNT).</p>
<p>Jogos e brincadeiras (1 e 2)</p>	<p>(...) o elástico, amarelinha no chão (com fitas coloridas), tapete (...) (tapetes pequenos de encaixe) (...) Na parte de fora colocamos um jogo de pular casas (construído com EVA colocado em cima do tapete), acompanhado de um dado, também construído com EVA. (...) O desafio era ir pegar as peças do JOGO DA VELHA, (...) boliche e um twister. (...) Nosso desafio agora vai ser colocar os palitinhos coloridos nas cores corretas (caixa de ovo transparente, com as pontas pintadas com cores diferentes e com um furo na ponta)</p>
<p>Temática Circo (1 E 2)</p>	<p>Fizemos o aquecimento fora da piscina utilizando o Swing Poi. (...) Iniciamos a aula fora da piscina, brincando com pé de quenga de coco (atividade em que a criança precisa se deslocar segurando o cordão que está amarrado na quenga de coco). (...) passaram se equilibrando para pisar apenas NA FITA (fita de tnt). (...) Abraçar a bola suíça e os professores giraram a bola fazendo com que a criança girasse também. (...) Jogamos várias bexigas (cheias de água) na piscina e as crianças teriam que pegar a quantidade (cada um pegou duas) e as cores que a professora falasse (...) Colocar as bolas dentro de uma bóia,</p>
<p>Temática Carnaval</p>	<p>(...) Tínhamos vários adereços: óculos, perucas de tule e perguntas com cabelo sintético (verde, e outra preta com luzes). (...) Eles foram nadando o crawl, subiram no tapete e tiveram que balançar a lança (bastão com fitas), (...) Cordão de isolamento (elástico), (...) Durante esse arrastão jogamos os confetes de emborrachado. pegar sombrinha e voltar nadando costas levantando a sombrinha para o alto. (...) O montar o mural com as máscaras (Eva) de carnaval</p>
<p>Aula da farra</p>	<p>(...) Jogamos vários brinquedos na água para deixar a aula mais colorida. (...) Hora de saltar: eles saltaram de bombão dentro da bóia preta gigante. (...) Pularam para pisar no tapete sensorial que estava no chão. (...) Iniciamos a aula fora da piscina com a brincadeira de boliche (garrafas de água mineral).</p>

A capacidade de criar novos materiais a partir da criatividade faz com que nas nossas aulas exista uma variedade de materiais que extrapolam a exclusividade de materiais voltados

aos objetivos específicos da natação. O que a meu ver traz um diferencial, faz com que nossa prática seja também diversificada e qualificada, proporcionando à criança o contato com uma grande variedade de materiais em um ambiente que, teoricamente teria apenas materiais tradicionais para o auxílio ao aprendizado das habilidades técnicas da natação. Sem contar que **os materiais diversificados também significam novas estratégias de levar o aprendizado ao aluno.**

PARA FINALIZAR : TCHAUUUUUUU PISCIINAAAA, ATÉ O PROXIMO MERGULHO

Inicialmente meu mergulho, minha relação com o universo infantil, me apresentou algumas barreiras no que concerne a alegria nas aulas, e a ter um contato mais próximo com as crianças. Por ter uma postura mais séria enfrentei dificuldades para me relacionar com as crianças, mas com a prática e o gosto pela coisa¹², passei a desenvolver algumas estratégias para me relacionar melhor, para ter mais domínio da turma e para deixar as aulas bem dinâmicas.

Ainda lembro a fala da proprietária do ETL em maio de 2014 quando me entrevistou para fazer parte da equipe. Ela falou que para trabalhar no espaço todos tinham que estar sempre disponíveis às crianças, pois elas exigem muito de nós. Ela falou que a troca de energia é imensa e precisávamos estar dispostos a “nos doar” durante os trinta minutos de aula. Confesso que fiquei assustada, mas resolvi encarar e aqui estou há quase 6 anos me doando, aprendendo, ensinando e ressignificando conhecimentos ao lado dos meus peixinhos e companheiros de trabalho.

Neste contexto a autoetnografia oportunizou-me um olhar de fora, mesmo estando dentro do processo, e poder avaliar e dar sentido a tudo que é vivido e construído nas minhas aulas de natação no ETL. Neste ínterim, pude registrar nos diários de campo tudo que foi vivido e enquanto professora, pude expressar o meu sentimento e inquietações diante das ações pedagógicas ali vivenciadas.

E confesso que me deparei com uma riqueza de procedimentos e possibilidades que me parece bem peculiar tratando-se do ensino da natação. É certo que tudo o que é realizado não é surpresa para quem faz que parte do espaço. Mas poder escrever, pensar, avaliar o que foi vivenciado desde a construção dos planos de aula até a culminância de cada momento, faz com que eu me sinta privilegiada por poder dar concretude a tudo isso e espero que esta forma de fazer pesquisa, de trazer as experiências pedagógicas tome um fôlego maior em nossa área da Educação Física.

Apropriando-me da prática da autoetnografia, pude avaliar e apresentar o meu “eu”, que a meu ver, representa “uma parte do todo”. Quando uso esta expressão estou

¹² O universo da natação me fez adotar uma postura totalmente diferente do que sou fora da piscina. Quando tia Lila está na piscina até parece ser outra pessoa. E tudo aconteceu involuntariamente por amor ao ensino da natação infantil.

considerando que aqui mergulhei na minha própria prática pedagógica, mas que é concretizada no ETL. No entanto o meu “eu” aqui neste processo, pode ser considerado o todo, já que as experiências aqui relatadas são caracterizadas a partir da minha prática pedagógica, as aulas de Tia Lila. Se por acaso fosse outra professora, Tia Manu, por exemplo, teria um outro olhar, outros sentimentos, outra interpretação. E isso é fazer autoetnografia, é valorizar não apenas o que é visto, mas também o que é e como é sentido pelo sujeito que a faz.

Levando em consideração a dimensão pedagógica para o ensino da natação, apresentei, através da análise das ações e sentimentos vivenciados nas aulas. Estes foram expressos por mim, e pelos outros sujeitos que fazem parte deste processo de ensino.

Desta forma tudo o que foi registrado nos diários de campo, me vez apresentar as diversas possibilidades e elementos que constituem a dimensão pedagógica e particularmente a minha prática, sendo assim, foi possível consolidar aquilo que já vislumbrava a respeito da dimensão pedagógica no ensino da natação.

A dimensão pedagógica dar sentido aquilo que é ensinado, que diz respeito aos conteúdos, a como este conteúdo é ensinado, que diz respeito às questões metodológicas que revelam estratégias de ensino, que já faz-se pensar na avaliação, no sentido de identificar não apenas o que e se o aluno aprendeu, mas também faz com que o professor reavalie suas formas. Dentro destas dimensões, a dimensão pedagógica também revela que tipo de ser humano se quer formar.

Neste íterim, com tudo o que foi abordado neste trabalho autoetnográfico, posso inferir que a dimensão pedagógica nas minhas aulas de natação no que diz respeito aos conteúdos, não foca unicamente nas questões técnicas e nas habilidades desta modalidade. As aulas oportunizam a aprendizagem e vivencia dos conteúdos da natação através de outras temáticas que estão voltadas a elementos contribuem para o desenvolvimento da criança em outros contextos sociais.

No que diz respeito às estratégias metodológicas, me questiono, como faço acontecer o ensino nas minhas aulas de natação? Bem, alguns elementos eu considero fundamentais para tornar possível o ensino aprendizagem nas aulas de natação, a afetividade e o diálogo que visualizo e pratico como estratégias para tornar possível a relação professor-aluno. É a partir destes elementos que o aprendiz mergulha no universo do aprendizado e aprende muito mais

que apenas os quatro nados. Para tornar isto possível tem os outros elementos que não ousou em descartar, pois eles fazem a aula ficar muito mais rica: através das músicas, das histórias e da ludicidade, as crianças aprendem e mergulham a vontade.

E a cada bolinha, mergulho ou bolhão, é importante manter a motivação, pode caracterizar-se uma forma de avaliação, pois quando a criança está nadando, mas ainda falta algo para se aproximar do movimento esperado, o professor aproxima-se e explica o que pode ser melhorado e assim a criança vai tentando acertar e no fim dar tudo certo.

Nesta rotina costumo ser dinâmica, criativa, ter olhar voltado a todos e o privilégio de poder identificar as necessidades de cada um que ali está. Canto, explico, brinco, chamo a atenção quando necessário, ajudo, protejo e assim costumo praticar a empatia. Isso me tornou uma profissional amante do trabalho com a infância e isso vai além de ensinar a natação.

Quem me ver na piscina pode perguntar, essa é mesmo Marília? Mas quem conhece meu trabalho com as crianças vai responder com segurança: “sim, esta é Tia Lila”.

Tia Lila em sua prática pedagógica atua dialogando, pois para mim é fundamental valorizar o diálogo numa relação de ensino aprendizagem. Conquista, pois é o primeiro passo para iniciar o processo de aprendizagem com as crianças. Brinca, afinal de contas a brincadeira torna o aprendizado mais prazeroso, a criança aprende brincando e quem aprende jamais esquece. Eu também aprendo todos os dias, mergulho nos ensinamentos das crianças e nas partilhas de um coletivo profissional, e busco me qualificar aprendendo a partir da relação com os outros, para fazer a prática, o trabalho, que a vezes até esqueço que é, valer a pena.

Chegando ao ponto final, pelo menos até um próximo recomeço, posso dizer que muito aprendi sobre minha própria prática. Após esse estudo, posso compreendê-la como uma prática pedagógica no ensino da natação que recebe forte influência da psicomotricidade, considerando o trabalho voltado ao desenvolvimento do ser de maneira integral. Ela é pautada de estratégias como músicas, brincadeiras, desafios etc. E para isso apresento em minha ação pedagógica estratégias que possibilitem a criança aprendizagens que extrapolam a simples repetição técnica dos 4 nados.

Hoje escrever o que sempre acreditei e coloquei em prática, falo sobre a grande importância do diálogo e da relação de afetividade entre os seres. Que neste caso, o SER professor é quem precisa mediar para por em prática a tornar a sua prática pedagógica um momento prazeroso capaz de estimular o aprendizado significativo.

A natação, por mais que seja um esporte individual, na minha experiência no ETL se torna uma vivência muito mais prazerosa e rica quando estamos em coletivo, eu e os outros professores e as crianças. Cantar em coletivo e dialogar com as crianças é melhor forma de aprender.

Por isso, professores, professoras, que assim como eu são amantes da natação infantil, pensem além, sejam criativos para que as aulas de natação, possam se tornar cada vez mais, um momento de aprendizado prazeroso e qualificado.

Eu enxergo que ambiente aquático por si só já é nosso aliado, pois a água é o nosso primeiro habitat quando ainda estamos no útero de nossas mães. Então porque não torná-lo um lugar seguro, aconchegante para despertar o prazer pela prática e pelo aprendizado. A piscina pode despertar na criança uma mistura de sentimentos. Mas tenho visto que em sua maioria, que a sensação de medo é a que mais apresenta-se e em primeiro lugar.

Porém nós professores/as somos os principais atores nesta jornada. E aliado aos pais podemos utilizar as estratégias metodológicas já citadas anteriormente para que a criança consiga se livrar do medo e possa se tornar um ser livre no ambiente aquático, aprendendo a respeitá-lo por questões de segurança e ser livre nas aulas de natação. Só assim ela poderá aproveitar este universo que é a natação infantil.

Ensinar além dos quatro nados não significa deixar tratar o crawl, o peito, a borboleta e o nado costas. Por isso considero que a dimensão pedagógica nas minhas aulas de natação, é pautada dos conteúdos da natação, das aprendizagens dos nados, mas extrapolam os mesmos apresentando outros elementos para que as crianças possam aprender de forma significativa, através das brincadeiras, músicas e das interações com os outros indivíduos nos contextos sociais.

A partir dessa experiência, reafirmo, a partir dos relatos anteriores que vale a pena investir no ensino da natação de forma que o mergulho também extrapole a aprendizagem unicamente a voltada a técnica deste esporte, indo além dos quatro nados.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO et al. Diário de pesquisa e suas potencialidades na pesquisa qualitativa em saúde. **Revista Brasileira Pesquisa Saúde**, Vitória, Espírito Santo, p. 53-61, jul./set. 2013.
- BAGGINI, F. C. S. **Caracterização do processo ensino/aprendizagem da natação para diferentes faixas etárias**. 2008. 70f. Monografia (Licenciatura plena em Educação Física) – Faculdade de Ciências, Departamento de Educação Física, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2008. Disponível em: <http://www4.fc.unesp.br/u_pload/monografia%20ed%20física.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2013.
- BAYER, C. O ensino dos jogos desportivos coletivos. Paris: Vigot, 1994.
- BENTO, J. Da pedagogia do desporto. In: TANI, G.; BENTO, J. O; PETERSEN, R. D. S. **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan 2006, p. 26-40.
- BETTI, M. Cultura corporal e cultura esportiva. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 44 - 51, 1993.
- BRACHT, Valter et al. A Educação Física Escolar como tema da produção do conhecimento nos periódicos da área no Brasil (1980-2010): parte II. **Movimento**, v. 18, n. 2, p. 11-37, 2011
- BRASIL. Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998. **Institui normas gerais sobre o esporte e dá outras providências**. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br>> Acessado em: 17 set. 2011.
- BIDBÓ, B.C; Silva, A. C. Um mergulho na metodologia de ensino do esporte. Minas Gerais, Brasil- **Pensar a Prática, Goiânia**, v. 19, n. 1, jan./mar. 2016.
- BOSSLE F. **O “eu do nós”**: o professor de educação física e a construção do trabalho coletivo na rede municipal de ensino de porto alegre. Porto Alegre: Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, 2008.
- BOSSLE F, MOLINA NETO, V. **No “olho do furacão”**: uma autoetnografia em uma escola da rede municipal de ensino de porto alegre. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 31, n. 1, p. 131-146, 2009.
- CAETANO, A. P. F.; GONZALEZ, R. H. **O ensino da natação**: uma revisão acerca dos métodos de ensino-aprendizagem. EFDeportes.com **Revista Digital. Buenos Aires**, n. 176, s.p., jan., 2013. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/>>.
- CANAVIEIRA, F. O. CALDEIRON, A. C. Relações entre as crianças pequenas e a produção das culturas infantis: vistas, ouvidas e citadas. In: GEPEDISC (Org.). **Culturas infantis em creches e pré-escolas- estágio e pesquisa**. Campinas: Autores Associados, 2011. p. 153-170.
- CAVALCANTI, Francisca Maria Barbosa. **Saberes do professor de classe de uma escola Waldorf**: práticas musicais em contexto inclusivo / Francisca Maria Barbosa Cavalcanti. – 2014. Disponível em: <<http://www.antroposofy.com.br/forum/a-pedagogia-waldorf/>>. Acesso em: 22 ago. 2019.

CHAVES et al. O medo na aprendizagem da natação: **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 18, n. 4, out./dez. 2015.

CHIZZOTTI, A **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

CHIZZOTTI, Antonio. Apesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, vol. 16, n. 2, p. 221-236, 2003.
Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/374/37416210.pdf>>.

COUTO, N. S.; ARENA, D. B. Jogo de papéis e linguagem: diálogos possíveis entre Vigotski e Bakhtin. **Revista Diálogos: pesquisa em extensão universitária**, Brasília, DF, v. 18, n. 1, p. 163-174, dez. 2012.

COSTA, L. C. A. de; NASCIMENTO, J. V. do. O ensino da técnica e da tática: novas abordagens metodológicas. **Revista da Educação Física - EUM**. Maringá, v. 15, n. 2, p. 4956, 2. sem., 2004. Disponível em: <<http://Eduem.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3421>>. Acesso em: 23 jan. 2013.

DAIUTO, M. **Basquete: metodologia do ensino**. 6. ed. São Paulo: Hemus, 1991.

DIETRICH, K et al. **Os grandes jogos metodologia e prática**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S/A, 1984.

ETL – Espaço Tia Lú de Natação. Apresenta os serviços oferecidos. Disponível em: <http://www.espacotialu.com.br/>. Acesso em: 20/08/2019.

ELLIS, C. **The ethnographic I: a methodological novel about autoethnography**. New York/Oxford: Altamira Press, 2004.

FERNANDES, F. M. *Métodos de ensino em natação*. 2006. 53f. Monografia. Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba. 2006.

FERREIRA, H. B. **Pedagogia do esporte: identificação, discussão e aplicação de procedimentos pedagógicos no processo de ensino-vivência e aprendizagem da modalidade basquetebol** / Henrique Barcelos Ferreira. Campinas, SP: [s.n], 2009.

FONSECA, C. **Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica e educação**. Revista Brasileira de Educação. Caxambu, n. 10, p. 58-78, jan./abr., 1999.

FREIRE, J.B. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física**. 4ª ed. São Paulo: Scipione, 2002.

GALATTI, L. R.: **Pedagogia do esporte: o livro didático como mediador no processo de ensino e aprendizagem dos jogos esportivos coletivos**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

GALATTI, L. R. et al. Clube Esportivo e Iniciação em Basquetebol: os recursos didáticos escritos como fomentadores do esporte e do clube. n: **II Congresso Internacional de Deportes de Equipo, 2009, A Coruña**. II Congresso de Deportes de Equipo, 2009.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. São Paulo: LTC. 1989.

GHIRALDELLI JÚNIOR, P. **O que é pedagogia**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

- GOELLNER, V; et al. Pesquisa qualitativa na educação física brasileira: marco teórico e modos de usar. Maringá, **R. da Educação Física/UEM** v. 21, n. 3, p. 381-410, 3. trim. 2010.
- GOMES, W. D. F. **Natação uma alternativa metodológica**. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.
- GRECO, P. R., BENDA, R. N. (org.) **Iniciação Esportiva Universal: da aprendizagem motora ao treinamento técnico**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- GRECO, P. J.; SILVA, S. A.; GRECO, F. L. Métodos de ensino no handebol: do incidental ao intencional. p.251-263. In: GRECO, P. J.; ROMERO, J. J. F. (Org.) **Manual de handebol: da iniciação ao alto nível**. São Paulo: Phorte, 2012.
- KISHIMOTO, T.M. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Congage Learning, 2008
- LIBÂNEO, J C. **Didática**. São Paulo: Cortez,1994. Coleção magistério. Série formação do professor.
- LIMA, W. **Treinamento em Academia**. Sao Paulo: leone, 1996.
- MACHADO G.V; GALATTI, R.F;PAES,R,R. A pedagogia do esporte e o referencial histórico-cultural: interlocução entre teoria e prática. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 414-430, jan./mar. 2014.
- MAGNANI, J. G. C. De perto e de longe: notas para uma antropologia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, 2002.
- MANSOLDO, A, C. Estudo **Comparativo da Eficiência do Aprendizado da Natação (estilo crawl) entre crianças de três a oito anos de idade**. Dissertação.USP,São Paulo,1986.
- MATOS, Z. Contributos para a compreensão da pedagogia do desporto. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. (Ed.). **Pedagogia do desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 154-184
- MARIANTE NETO; STIGGER, M. Reflexividade na pesquisa etnográfica e as suas relações com a prática pedagógica de um professor de boxe. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 95-107, jan. 2011
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 5. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1998.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. et al. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- MOURA, D; SOARES, A. Cultura e Educação Física: uma análise etnográfica de duas propostas pedagógicas. **Movimento**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 687-709, abr./jun. de 2014.
- MOLINA NETO, V. et al. Reflexões sobre a produção do conhecimento em educação física e esporte. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, SP, v.28, n. 1, p. 145-165, set. 2006.
- MONTERO-SIEBURTH, M. La Auto etnografia como una Estrategia para la Transformación de la Homogeneidad a favor de la Diversidad Individual em la Escuela. Disponível em: http://www.recercat.net/bitstream/2072/6112/1/recercat1_vist.

NICÁCIO MARTINEZ, J. F. **Superações da educação (física) bancária pela saúde coletiva:** pesquisa-ação no sindicato em Florianópolis. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

OLIVEIRA, R. F. C. **O ensino do esporte a partir do programa inspiração internacional: um intercâmbio Brasil e Inglaterra.** Dissertação de mestrado- Escola Superior de Educação Física (UPE). Recife, 2013.

OLIVEIRA, M. C. R. (Entre)linhas de uma pesquisa: o Diário de Campo como dispositivo de (in)formação na/da abordagem (Auto)biográfica . **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**, vol. 2, nº 4, 2014

ORTIZ, C.; CARVALHO, M.T.V. **Interações:** ser professor de bebês - cuidar,educar e brincar , uma única ação. São Paulo: Blucher, 2012.

PAES, R. R.: *Educação Física Escolar: o Esporte como conteúdo pedagógico no Ensino Fundamental.* 1996. Tese (Doutorado em Educação Física). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

PAES, R. R., BALBINO, H. F. **A pedagogia do esporte e o jogos coletivos.** Cap. 5, p. 73 – 83. In: DE ROSE, D. et al. *Esporte na Infância e Adolescência: uma abordagem multidisciplinar.* 2ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

PAES, R. R.; BALBINO, H. F. **Pedagogia do esporte:** conceitos e perspectivas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

PAIVA et al. A dimensão pedagógica da educação física no âmbito da saúde. **Pensar a Prática, Goiânia**, v. 18, n. 2, abr./jun. 2015

PEREIRA, M. D. *O mundo da fantasia e o meio líquido: o processo de ensino aprendizagem da natação e sua relação com o faz-de-conta, através de aulas temáticas.* Campinas, SP: 2001, Dissertação. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, 2001.

REED-DANAHAY, D. **Auto/ethnography:** rewriting the self and the social. Oxford: Berg, 1997.

SAAD, M. A. **Estruturação das Sessões de Treinamento Técnico-Tático nos Escalões de Formação do Futsal.** 2002, 101f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2002. Disponível em: <http://www.nuteses.temp.ufu.br/tde_busca/processaPesquisa>.

SALOMÃO, Alexandre França. *Pesquisas etnográficas em educação física escolar: um balanço de dissertações e teses.* Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo como requisito para obtenção do título de Doutor em Educação.

SANTANA, W. A pedagogia do Esporte na infância e complexidade. In PAES, R. e BALBINO, H.: *A Pedagogia do Esporte: Contextos e Perspectivas.* Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p: 1-22, 2005.

SCHMIDT, R.A; WRISBERG,C.A. **Aprendizagem e performance motora:** uma abordagem da aprendizagem baseada no problema. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SILVA, Cinthia; VELOZO, Emerson; RODRIGUES JR, José. Pesquisa qualitativa em educação física: possibilidades de construção de conhecimento a partir do referencial cultural. **Educação em Revista** | Belo Horizonte | n. 48 | p. 37-60 | dez. 2008

SOARES, M. **Natação na Escola**. 2004. Disponível em: <http://www.natacaonaescola.hpg.com.br>

SOUZA JUNIOR, Marcílio; SANTIAGO, Eliete; TAVARES, Marcelo. A análise de conteúdo como forma de tratamento dos dados numa pesquisa qualitativa em Educação Física escolar. **Movimento**. Porto Alegre, v. 16, n. 03, p. 29-47, julho/setembro de 2010

SANTOS, S.M.A. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **Revista do Programa de Pós -Graduação em Sociologia da USP**, São Paulo, v.24.1, 2017, p.214-241

SPRY, T. Performing Autoethnography: an embodied methodological praxis. **Qualitative Inquiry**, 2001, 7-706. Disponível em: <http://qix.sagepub.com/cgi/content/abstract/7/6/706>.

STIGGER, M. P. **O esporte na cidade**: estudos etnográficos sobre sociabilidade esportiva em espaços urbanos. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

STIGGER, M.P. Relações entre o esporte de rendimento e o esporte da escola. **Revista Movimento (UFRGS)**, 7, nov. 2001. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2609/1243>. Acessado em: 16 set. 2011.

SILVA, Cinthia Lopes da; VELOZO, Emerson Luís; RODRIGUES JR, José Carlos. Pesquisa qualitativa em Educação Física: possibilidades de construção de conhecimento a partir do referencial cultural. **Educação em revista**, Belo Horizonte, n. 48, p. 37-60, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edur/n48/a03n48.pdf>. Acesso em: 27/07/2012.

SOUZA JÚNIOR, Marcílio; MELO, Marcelo Soares Tavares de.; SANTIAGO, Maria Eliete. A análise de conteúdo como forma de tratamento dos dados numa pesquisa qualitativa em educação física escolar. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 31- 49, jul./set. 2010.

TANI, G.; BENTO, J.O.; PETERSEN, R.D. de S. **Pedagogia do desporto**. Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 2006.

TANI, G.; BASSO, L.; CORRÊA, U. C. O ensino do esporte para crianças e jovens: considerações sobre uma fase do processo de desenvolvimento motor esquecida. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v. 26, n. 2, p. 339-50, abr. / jun., 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S180755092012000200015&script=sci_arttext.

TEODORESCU, L. Problemas de teoria e metodologia nos jogos desportivos. Lisboa: Livros Horizonte, 1984.

TENROLLER, C. A.; MERINO, E. **Métodos e planos para o ensino dos esportes**. Canoas: ULBRA, 2006. 204p. Disponível em: <http://www.intaead.com.br/ebooks/1/livros/ed%20fisica/13.%20Metodos%20e%20planos%20para%20o%20ensino.pdf>.

THOMAS, Jerry R.; NELSON, Jack K.; SILVERMAN, Stephen J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2007.

TUBINO, M. J. G. **Dimensões sociais do esporte**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

VAGO, T. O "esporte na escola" e o "esporte da escola": da negação radical para uma relação de tensão permanente - Um diálogo com Valter Bracht. **Revista Movimento (UFRGS)**, 3, ago. 1996. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2228/936>>.

VANCINI et al; A pedagogia do ensino das modalidades esportivas coletivas e individuais:um ensaio teórico;**Conexões**: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 13, n. 4, p. 137-154, out./dez. 2015.

VÁZQUEZ, Adolfo Sanchez. **Filosofia da práxis**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1977.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **A prática pedagógica do professor de didática**. Campinas SP: Papyrus, 1989.

VERSIANI, D. B. **Autoetnografias**: conceitos alternativos em construção. Rio de Janeiro: Letras, 2005.

WITTROCK, M. C. **La Investigación de la Enseñanza II** – Métodos Cualitativos de Observación. Buenos Aires: Paidós Ibérica, 1989.

ANEXO 01

Termo de confidencialidade

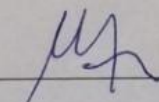
ANEXO 04

TERMO CONFIDENCIALIDADE

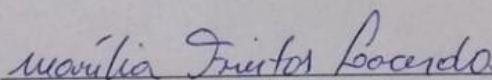
(Elaborado de acordo com a resolução 466/2012-CNS/CONEP)

Em referência a pesquisa intitulada de A DIMENSÃO PEDAGÓGICA DO ESNINO DA NATAÇÃO: UM ESTUDO AUTOETNOGRÁFICO, eu Prof.^a Esp. Marília Freitas Lacerda e meu orientador o Prof.^o Dr. Marcílio Barbosa Mendonça de Souza Júnior, comprometemo-nos a manter em anonimato, sob sigilo absoluto, durante e após o termino do estudo, todos os dados que identifiquem o sujeito da pesquisa, usando apenas para divulgação os dados inerentes ao desenvolvimento do estudo. Comprometemo-nos também com a destruição, após o termino da pesquisa, de todo e qualquer tipo de mídia que possa vir a identificá-lo tais como filmagens, fotos, gravações, questionários, formulários e outros.

Recife, 16 de outubro 2018.



Assinatura do Responsável



Assinatura do Pesquisador

ANEXO 02

Carta de anuência

Rua Ulisses Tenório de Albuquerque, nº 58 – Casa Caiada – Olinda – PE.
Fone: 3012-4229 – CNPJ: 19.861.712/0001-23

Um estilo de vida.

Olinda, 16 de outubro de 2018.

CARTA DE ANUÊNCIA

Informamos aos devidos fins que, MARÍLIA FREITAS LACERDA, estudante do Curso de Mestrado Acadêmico do Programa associado de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade de Pernambuco com a Universidade Federal da Paraíba (PAPGEF-UPE/UFPB), está autorizada a desenvolver nesta instituição a sua pesquisa intitulada "*A DIMENSÃO PEDAGÓGICA DO ENSINO DA NATAÇÃO: UM ESTUDO AUTOETNOGRÁFICO*" sob a orientação do Professor Dr. Marcílio Barbosa Mendonça de Souza Júnior.

A pesquisa acontecerá com o objetivo de analisar como se constitui a dimensão pedagógica do ensino da natação em neste espaço de investigação, levando em consideração a prática pedagógica da própria pesquisadora e os relatos de outros sujeitos envolvidos neste espaço de natação. A pesquisa tem um caráter qualitativo mediante a coleta de dados junto às turmas que serão selecionadas para a observação e ainda as entrevistas e questionários que serão realizados com outros professores e a responsável pelo espaço.

Ressaltamos que a pesquisadora se compromete a atuar de acordo com as normas éticas da comissão nacional de ética em pesquisa, de acordo com a resolução CNS/CONEP nº. 466/2012 comprometendo-se utilizar os dados pessoais dos participantes da pesquisa, exclusivamente para os fins científicos, mantendo o sigilo

garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades.

Salientamos que para as ações de filmagens e/ou fotografia, a pesquisadora deverá solicitar autorização individual por escrito, com data e assinatura dos indivíduos/responsáveis envolvidos no estudo e entregar na secretaria da instituição.

Atenciosamente,

Luciana Angélica Ribeiro de Araújo
Sócia - Administrativa

Luciana Angélica Ribeiro de Araújo

Luciana Angélica Ribeiro de Araújo

APÊNDICES

APÊNDICE 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PARA PROFESSOR (A)

Eu, MARÍLIA FREITAS LACERDA, estudante do Curso de Mestrado em Educação Física do Programa Associado de Pós-graduação UPE/UFPB, convido Vossa Senhoria _____ a participar da pesquisa: A ADIMENSÃO PEDAGÓGICA DO ENSINO DA NATAÇÃO: UM ESTUDO AUTOETNOGRÁFICO, sob responsabilidade da pesquisadora MARÍLIA FREITAS LACERDA, orientada pelo professor MARCÍLIO BARBOSA MENDONÇA DE SOUZA JÚNIOR, tendo por objetivo analisar como se constitui a dimensão pedagógica do ensino da natação.

Para a realização deste trabalho será utilizado o seguinte método: pesquisa autetnográfica, recorrendo ao uso, diário de campo das aulas e observação participante. Para o aprofundamento da análise dos dados coletados, informamos que serão solicitados documentos e materiais didáticos elaborados ou de uso como fontes de enriquecimento de sua prática pedagógica, tais como o planejamento de ensino, planos de aula, dentre outros. Esclarecemos, ainda, que após a conclusão da pesquisa, todo material a ela relacionado, de forma gravada ou equivalente será destruído, não restando nada que venha a comprometer o anonimato de sua participação agora ou futuramente.

A pesquisa não oferece risco eminente à saúde, ou ao campo de trabalho de nenhum pesquisado. Porém se houver algum momento de constrangimento na coleta de dados (entrevistas e/ou questionários), nos prontificaremos a destruir imediatamente o material utilizado não deixando nenhum resquício. Além disso, estaremos abertos à saída de professores que durante a culminância da pesquisa, não queiram participar.

Em respeito às normas e exigências da Ética em Pesquisa contidas na resolução 466/2012 que normatiza estudos envolvendo seres humanos, informamos que a sua participação neste estudo estará condicionada à assinatura deste Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), através do qual todos os participantes serão informados acerca da natureza e especificidade do projeto, garantindo a todos o respeito à privacidade de suas identidades.

No que se refere aos benefícios advindos da participação neste estudo, destaca-se o retorno à prática investigada possibilitando, aos sujeitos participantes, a apropriação acerca dos debates em torno dos dados coletados. Além disso, os desfechos apresentados neste estudo poderão contribuir com o debate no campo acadêmico, bem como, na instrumentalização e qualificação da prática pedagógica no que se refere ao ensino do natação nos espaços sociais, ampliando as possibilidades de discussão da temática para na área da Educação Física.

O(A) Sr(a) terá os seguintes direitos: a garantia de esclarecimento e resposta a qualquer pergunta; a liberdade de abandonar a pesquisa a qualquer momento sem prejuízo para si; a garantia de privacidade à sua identidade e do sigilo de suas informações; a garantia de que caso haja algum dano a sua pessoa (ou o dependente), os prejuízos serão assumidos pelos pesquisadores ou pela instituição responsável inclusive acompanhamento médico e hospitalar. Caso haja gastos adicionais, os mesmos serão absorvidos pelo pesquisador.

Nos casos de dúvidas e esclarecimentos, o (a) senhor (a) deve procurar os pesquisadores:

ORIENTADOR: Marcílio Barbosa Mendonça de Souza Júnior. Endereço profissional: Rua Arnóbio Marques, 310, Santo Amaro, Recife – PE, Telefone (Celular): (81) 987231996

ORIENTANDA: Marília Freitas Lacerda. Endereço: 1ª Travessa tchacoslováquia, 119, Bairro Pau Amarelo, Paulista Telefones (Celular): (81) 996761267 (Tim).

Este documento será confeccionado em duas vias de igual teor, ou seja, o pesquisado será portador desse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Caso suas dúvidas não sejam resolvidas pelos pesquisadores ou seus direitos sejam negados, favor recorrer ao **Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Complexo Hospitalar HUOC/PROCAPE, localizado na rua: Arnóbio Marques, 310, Santo Amaro, Recife-PE, CEP: 50.100-130 ou pelo telefone 81-3184-1271 ou através do e-mail cep_huoc.procape@yahoo.com.br.**

Consentimento Livre e Esclarecido:

Eu _____, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente dos meus direitos, concordo em participar desta pesquisa, bem como autorizo a divulgação e a publicação de toda informação por mim transmitida em publicações e eventos de caráter científico. Desta forma, assino este termo, juntamente com o pesquisador (es), em duas vias de igual teor, ficando uma via sob meu poder e outra em poder do (s) pesquisador (a) (es).

Recife, _____ de _____ 201_.

Assinatura do Pesquisado

Assinatura do Pesquisador

APÊNDICE 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PARA OS ESTUDANTES DAS TURMAS QUE TERÃO AULAS OBSERVADAS NA PESQUISA

Eu, MARÍLIA FREITAS LACERDA, estudante do Curso de Mestrado em Educação Física do Programa Associado de Pós-graduação UPE/UFPB, convido Vossa Senhoria _____apartici par da pesquisa: ALÉM DOS QUATRO NADOS: MERGULHO AUTOETNOGRÁFICO NA DIMENSÃO PEDAGÓGICA DO ENSINO DA NATAÇÃO, sob responsabilidade da pesquisadora MARÍLIA FREITAS LACERDA, orientada pelo professor MARCÍLIO BARBOSA MENDONÇA DE SOUZA JÚNIOR, tendo por objetivo analisar como se constitui a dimensão pedagógica do ensino da natação.

Expomos que a participação da criança ou do adolescente é totalmente voluntária, podendo o(a) senhor(a) solicitar a recusa ou desistência de participação da criança ou do adolescente a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à criança ou adolescente. Esclarecemos, também, que as informações da criança ou do adolescente sob sua responsabilidade serão utilizadas somente para esta pesquisa e seus desdobramentos e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a identidade da criança ou do adolescente. Esclarecemos ainda, que nem o(a) senhor(a) e nem a criança ou adolescente sob sua responsabilidade pagarão ou serão remunerados (as) pela participação. Garantimos, no entanto, que todas as despesas decorrentes da pesquisa serão ressarcidas, quando devidas e decorrentes especificamente da participação.

Os benefícios esperados versam em compreender como se constitui a dimensão pedagógica do ensino da natação, além de contribuir para qualificar a prática pedagógica dos professores de natação em diferentes espaços sociais. Esta pesquisa não coloca em risco seus participantes, visto que a pesquisadora não irá interferir na dinâmica da aula e apenas fará a observação e filmagem da mesma.

Informamos que esta pesquisa atende e respeita os direitos previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente- ECA, Lei Federal nº 8069 de 13 de julho de 1990, sendo eles: à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. Garantimos também que será atendido o Artigo 18 do ECA: “É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.”

Nos casos de dúvidas e esclarecimentos, o (a) senhor (a) deve procurar os pesquisadores:

ORIENTADOR: Marcílio Barbosa Mendonça de Souza Júnior. Endereço profissional: Rua Arnóbio Marques, 310, Santo Amaro, Recife – PE, Telefone (Celular): (81) 987231996

ORIENTANDA: Marília Freitas Lacerda. Endereço: 1ª Travessa tchacoslováquia, 119 Bairro Pau Amarelo, Paulista Telefones (Celular): (81) 996761267 (Tim).

Este documento será confeccionado em duas vias de igual teor, ou seja, o pesquisado será portador desse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Caso suas dúvidas não sejam resolvidas pelos pesquisadores ou seus direitos sejam negados, favor recorrer ao **Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Complexo Hospitalar HUOC/PROCAPE, localizado na rua: Arnóbio Marques, 310, Santo Amaro, Recife-PE, CEP: 50.100-130 ou pelo telefone 81-3184-1271 ou através do e-mail cep_huoc.procape@yahoo.com.br.**

Recife, ____ de _____ de 2018.

_____ (NOME POR EXTENSO DO
RESPONSÁVEL PELO PARTICIPANTE DA PESQUISA), tendo sido devidamente
esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa, concordo com a participação **voluntária** da
criança ou do adolescente sob minha responsabilidade na pesquisa descrita acima.

Assinatura: _____

Data: _____

Caso o adolescente seja maior de 12 anos, deverá constar o espaço abaixo para assinatura do
menor.

APÊNDICE 3

Assentimento Livre e Esclarecido do Adolescente

_____ (NOME POR EXTENSO DO PARTICIPANTE DA PESQUISA), tendo sido totalmente esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa, concordo em participar **voluntariamente** da pesquisa descrita acima.

Assinatura: _____

Data: _____

APÊNDICE 4

TERMO DE ASSENTIMENTO

(Elaborado de acordo com a Resolução 466/2012-CNS/CONEP)

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa intitulada: ALÉM DOS QUATRO NADOS: MERGULHO AUTOETNOGRÁFICO NA DIMENSÃO PEDAGÓGICA DO ENSINO DA NATAÇÃO, sob responsabilidade da pesquisadora MARÍLIA FREITAS LACERDA, orientada pelo professor MARCÍLIO BARBOSA MENDONÇA DE SOUZA JÚNIOR, tendo por objetivo analisar como se constitui a dimensão pedagógica do ensino da natação.

Para realização deste trabalho usaremos o(s) seguinte(s) método(s): Esse estudo de caráter qualitativo se constituirá em uma pesquisa autoetnográfica a partir da análise de conteúdo categorial por temática, que se realizará a partir da coleta dos dados obtidos através dos diários de campo. Esclarecemos ainda que após a conclusão da pesquisa todo material a ela relacionado, de forma gravada, filmada ou equivalente será destruído, não restando nada que venha a comprometer o anonimato de sua participação agora ou futuramente. Seu nome assim como todos os dados que lhe identifiquem serão mantidos sob sigilo absoluto, antes, durante e após o término do estudo.

Quanto aos riscos e desconfortos, é necessário destacar que não estão previstos riscos ou desconfortos até a presente fase e diante dos procedimentos utilizados, seja durante ou após o trabalho. A única inconveniência possível está associada apenas à dedicação de tempo para participar da pesquisa, disponibilizando em responder a pesquisa. Entretanto, todos os cuidados éticos serão realizados para garantir seus direitos como sujeito pesquisado. Caso você venha a sentir algum desconforto de origem física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual, por favor, comunique imediatamente ao pesquisador para que sejam tomadas as devidas providências.

No que se refere aos benefícios advindos da participação neste estudo, destaca-se o retorno à prática investigada possibilitando, aos sujeitos participantes, a apropriação acerca dos debates em torno dos dados coletados. Além disso, os desfechos apresentados neste estudo poderão contribuir com o debate no campo acadêmico, bem como, na instrumentalização e

qualificação da prática pedagógica no que se refere ao ensino do natação nos espaços sociais, ampliando as possibilidades de discussão da temática para na área da Educação Física.

No curso da pesquisa você tem os seguintes direitos: a) garantia de esclarecimento e resposta a qualquer pergunta; b) liberdade de abandonar a pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para si ou para seu tratamento (se for o caso); c) garantia de que caso haja algum dano a sua pessoa, os prejuízos serão assumidos pelos pesquisadores ou pela instituição responsável inclusive acompanhamento médico e hospitalar (se for o caso). Caso haja gastos adicionais, os mesmos serão absorvidos pelo pesquisador.

Nos casos de dúvidas e esclarecimentos, o (a) senhor (a) deve procurar os pesquisadores:

ORIENTADOR: Marcílio Barbosa Mendonça de Souza Júnior. Endereço profissional: Rua Arnóbio Marques, 310, Santo Amaro, Recife – PE, Telefone (Celular): (81) 987231996

ORIENTANDA: Marília Freitas Lacerda. Endereço: 1ª Travessa Tchacoslováquia, 119, Bairro Pau Amarelo, Paulista Telefones (Celular): (81) 996761267 (Tim).

Este documento será confeccionado em duas vias de igual teor, ou seja, o pesquisado será portador desse termo de Assentimento. Caso suas dúvidas não sejam resolvidas pelos pesquisadores ou seus direitos sejam negados, favor recorrer ao **Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Complexo Hospitalar HUOC/PROCAPE, localizado na rua: Arnóbio Marques, 310, Santo Amaro, Recife-PE, CEP: 50.100-130 ou pelo telefone (81)-3184-1271** ou através do e-mail cep_huoc.procape@yahoo.com.br

Assentimento Livre e Esclarecido:

Eu _____, após ter recebido todos os esclarecimentos e assinado o TCLE, confirmo que o (a) menor _____, recebeu todos os esclarecimentos necessários, e concorda em participar desta pesquisa. Desta forma, assino este termo, juntamente com o pesquisador, em duas vias de igual teor, ficando uma via sob meu poder e outra em poder do pesquisador.

Recife, _____ de _____ 2019.

Assinatura do Responsável

Assinatura do Pesquisador

APÊNDICE 5

ROTEIRO PARA O REGISTRO DA OBSERVAÇÃO

(diário de campo, modelo baseado no trabalho de Oliveira 2014)

ASPECTOS DESCRITIVOS DAS ANOTAÇÕES DO DIÁRIO DE CAMPO	
ASPECTOS	DESCRIÇÃO
1. Descrição dos sujeitos (alunos, pais e os professores)	Aparência física, formas de vestir, estilo de falar e agir, maneiras de ser.
2. Como acontece a construção dos diálogos	Conversas privadas do sujeito que estão para além das narrativas da/na entrevista.
3. Descrição da estruturação do espaço (piscina e ambiente externo)	Desenhos, croquis, fotografias do espaço, dos móveis, das paredes, das janelas e portas, elementos nas paredes, etc.
4. Relato de acontecimentos particulares	Quem esteve no local da entrevista, de que maneira esteve, como se envolveu.
5. Descrição das atividades	Descrição detalhada dos comportamentos, olhares, gestos, etc
6. O comportamento do observador	Este é um aspecto que não pode ser deixado de lado. Aqui o/a pesquisador/a como parte integrante da pesquisa deve anotar seu comportamento, suas impressões, suposições, enfim tudo que possa intervir nas informações coletadas, consequentemente na análise e escrita da pesquisa

ASPECTOS REFLEXIVOS

ASPECTOS REFLEXIVOS DAS ANOTAÇÕES DO DIÁRIO DE CAMPO	
ASPECTOS	ESCRITOS
1. Reflexão sobre a análise	Temas que emergiram, conexões entre eles, o que aprendeu, pensamentos acerca das questões que surgem, etc.
2. Reflexão sobre o método	Procedimentos e estratégias utilizadas, decisões tomadas no plano de estudo.
3. Reflexões sobre conflitos e dilemas éticos	Nessa parte, é preciso pensar e elaborar questões sobre a ética nas pesquisas com seres humanos, fazer análise entre o documento apresentado como proposta ética da pesquisa e os caminhos tomados pelo/a pesquisador/a.

4. Reflexões sobre o ponto de vista do observador	Refletir sobre as ideias preconcebidas do/a pesquisador/a acerca dos sujeitos envolvidos na pesquisa – colaboradores/as.
5. Pontos de classificação	Adicionar, corrigir e dimensionar as anotações que foram feitas anteriormente.